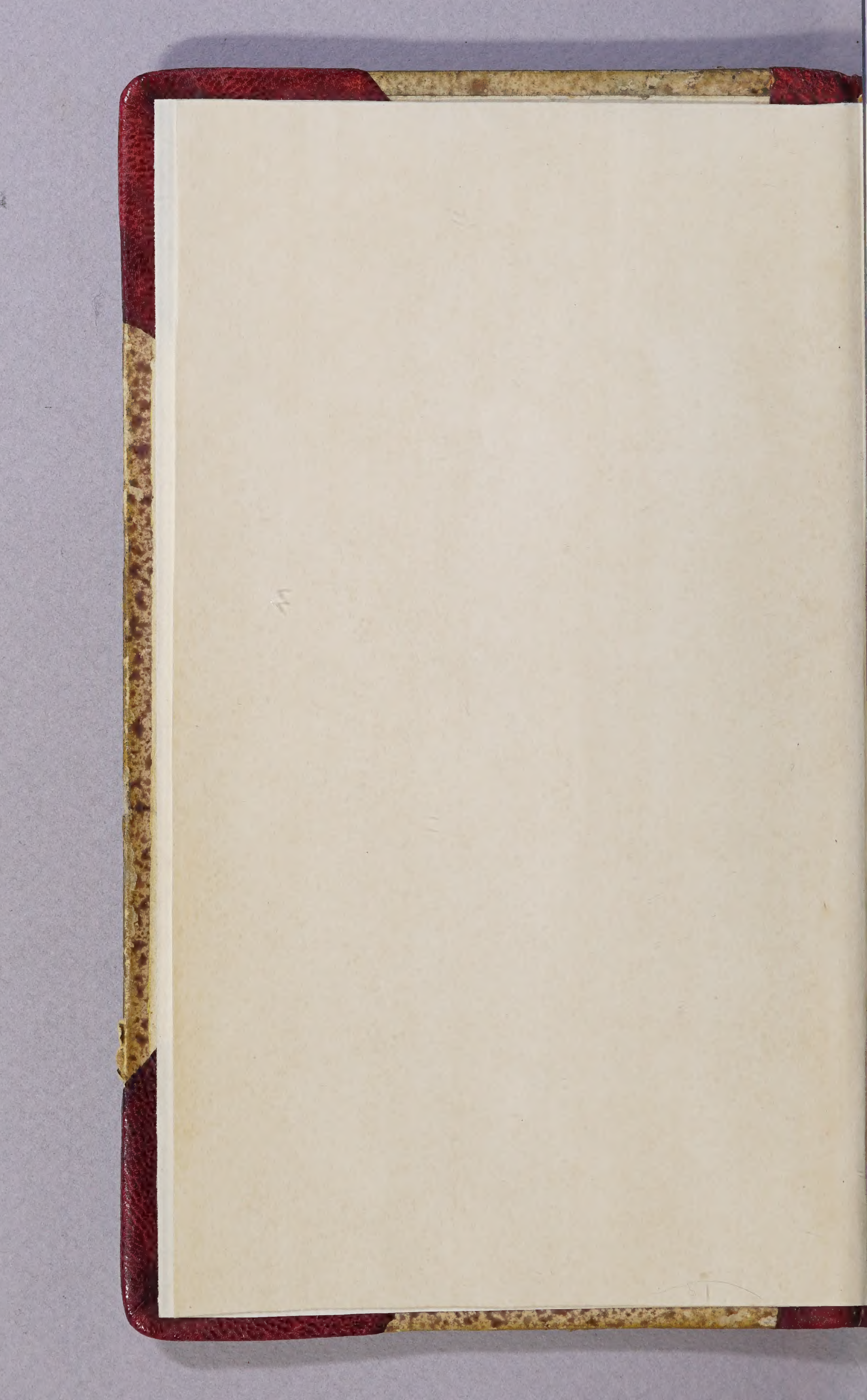




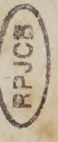
GRAMMATICA

FRANCEZA.

Obras do mesmo Autor compostas pelo estudo da lingua franceza.

COLLECÇÃO DE PEDAÇOS EM PROSA extrahidos dos melhores autores francezes e portuguezes, como *Fénélon*, *Lesage*, *Florian*, *Berquin*, *João de Barros*, *Freire de Andrada*, etc. etc. precedida de huma escolha de Anecdotas, Bons Ditos e Pensamentos diversos, em francez e portuguez, por *G. Hamonière*, 1818, 1 vol. em 12.° bem encadernado. 720

A NOVA GUIA DA CONVERSAÇÃO em francez e portuguez, que contem hum Vocabulario, Sessenta Dialogos, e huma Collecção de Idiotismos, Expressões familiares e Proverbios, com huma Taboa Comparativa das Moedas, Pesos e Medidas de França, de Portugal e do Brasil, por *G. Hamonière*, 1817, 1 vol. em 8.° encadernado. 640



GRAMMATICA FRANCEZA,

DIVIDIDA

EM QUATRO PARTES;

Das quaes a Primeira trata da PRONUNCIAÇÃO; a Segunda, das VARIAS PARTES DA ORAÇÃO; a Terceira, da SYNTAXE, e a Quarta, da ORTHOGRAFIA, PONTUAÇÃO, e PROSODIA:

COM HUM APPENDIX,

Que contem Observações diversas;

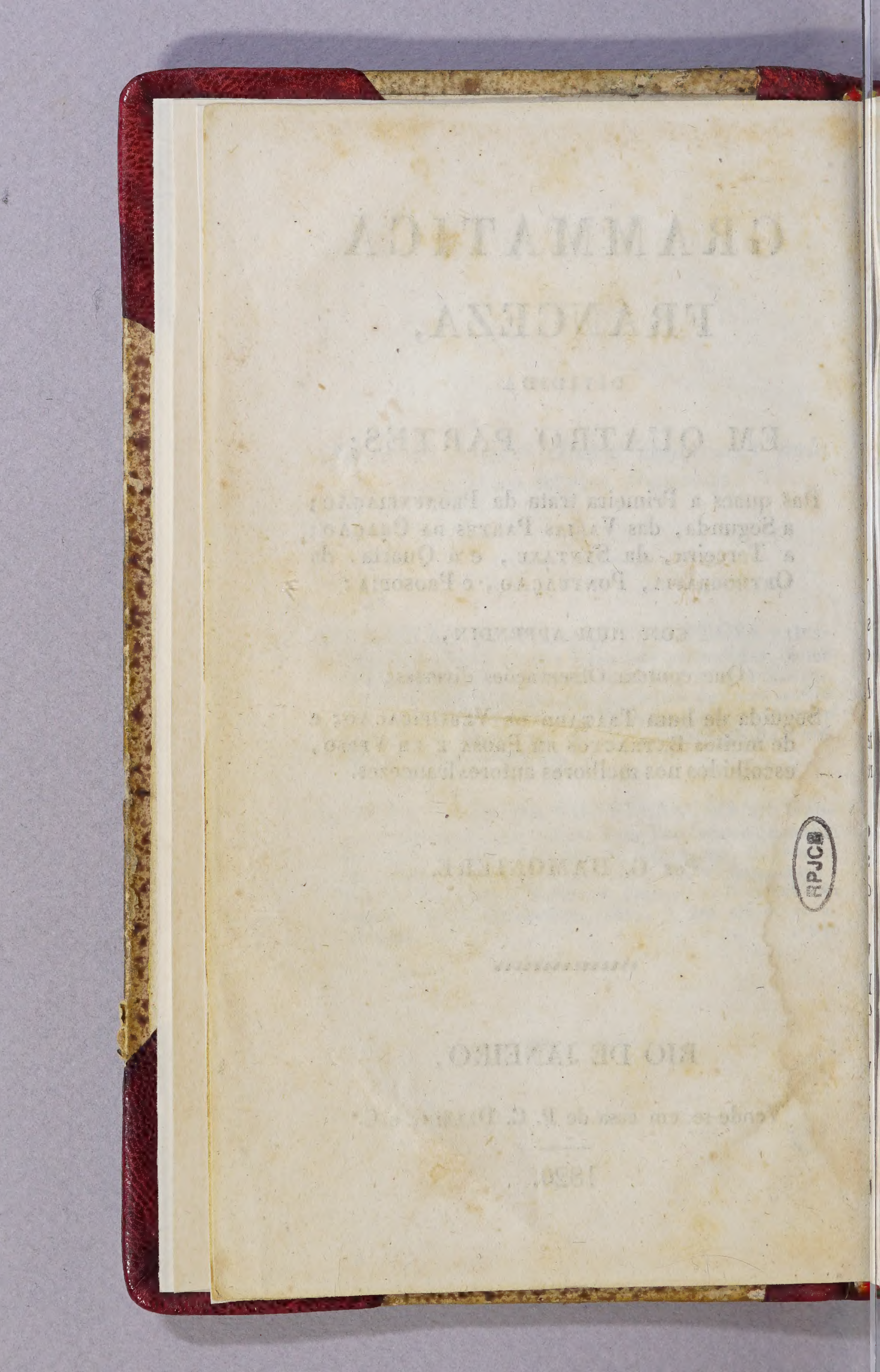
Seguida de hum TRATADO DE VERSIFICAÇÃO; e de muitos EXTRACTOS EM PROSA E EM VERSO, escolhidos nos melhores autores francezes.

POR G. HAMONIÈRE.

RIO DE JANEIRO,

Vende-se em casa de P. C. DALBIN, e C.ª

1820.


RPJCB

GRAMMATICA FRANCEZA.

PARTE PRIMEIRA.

ALFABETO E PRONUNCIAÇÃO.

A grammatica he a arte de fallar e escrever correctamente.

Fallar, escrever, he exprimir os seus pensamentos com palavras.

As palavras são pois os indicios dos nossos pensamentos; ellas são ou sons formados pela boca, ou caracteres figurados pela mão.

As palavras, consideradas como caracteres, se compoem de letras que, sós ou reunidas, formão syllabas.

Quando huma letra forma só hum som, chama-se vogal; quando não forma só hum som, mas h de ser unida a huma vogal, chama-se consoante.

Chama-se diphtongo a união de duas vogaes que, pronunciadas com hum só impulso de voz, fazem entender dous sons distintos.

A collecção das figuras usadas para exprimir os sons, que entrão na composição das palavras de hum idioma, chama-se alfabeto.

O alfabeto da lingua franceza contem vinte e cinco figuras ou letras que se vem na taboa seguinte, na ordem que lhes foi assignada pelo uso, e com o nome de cada huma dellas expresso em sons francezes e portuguezes.

Forma das letras.				Nome das letras.	
Caracteres romanos.		Caracteres italicos.		Em sons francezes.	Em sons portuguezes.
A	a	*A*	*a*	*a*	*a*
B	b	*B*	*b*	*bé*	*be*
C	c	*C*	*c*	*cé*	*ce*
D	d	*D*	*d*	*dé*	*de*
E	e	*E*	*e*	*é*	*e*
F	f	*F*	*f*	*effe*	*eff*
G	g	*G*	*g*	*gé*	*ge*
H	h	*H*	*h*	*ache*	*ach*
I	i	*I*	*i*	*i*	*i*
J	j	*J*	*j*	*ji*	*ji*
K	k	*K*	*k*	*ka*	*ca*
L	l	*L*	*l*	*elle*	*el*
M	m	*M*	*m*	*emme*	*emm*
N	n	*N*	*n*	*enne*	*enn*
O	o	*O*	*o*	*o*	*o*
P	p	*P*	*p*	*pé*	*pe*
Q	q	*Q*	*q*	*qu*	*qu**
R	r	*R*	*r*	*erre*	*er*
S	s	*S*	*s*	*esse*	*ess*
T	t	*T*	*t*	*té*	*te*
U	u	*U*	*u*	*u*	*u**
V	v	*V*	*v*	*vé*	*ve*
X	x	*X*	*x*	*icse*	*ics*
Y	y	*Y*	*y*	*i grec*	*i grec*
Z	z	*Z*	*z*	*zède*	*zed*

* Veja-se pag. 3, a pronunciação da vogal U.

As letras *a*, *e*, *i*, *o*, *u*, e *y* são vogaes, todas as outras são consoantes.

Das Vogaes.

Os seis caracteres simplez do alfabeto francez não sendo bastantes para exprimir os dez e sete sons vogaes da lingua franceza, repara-se esta falta pelo meio de alguns sinaes chamados accentos, ou pela reunião de duas letras, como se vê na taboa seguinte:

Sons vogaes.		*Exemplos.*		*Sons portuguezes.*	
1.	a *breve*	ami	*amigo*	*a* em	*amigo*
2.	â *longo*	pâte	*pasta*	*a*	*caro*
3.	e *mudo*	tenir	*tener*	(1)	
4.	é *fechado*	bonté	*bondade*	*e*	*café*
5.	è *aberto*	modèle	*modelo*	*e*	*modelo*
6.	ê *longo*	tête	*cabeça*	*e*	*he*
7.	i	imiter	*imitar*	*i*	*imitar*
8.	o *breve*	école	*escola*	*o*	*novella*
9.	ô *longo*	côte	*praia*	*o*	*pôvo*
10.	u	vertu	*virtude*	(2)	
11.	eu *breve*	jeune	*moço*	(3)	
12.	eû *longo*	jeûne	*jejum*	(4)	

(1) O *e* mudo he assim chamado por ser elle quasi imperceptivel na pronunciação, elle soa ainda menos do que *e* no fim das palavras portuguezas.

(2) *U* tem, em francez, huma especial pronuncia que verdadeiramente só se consegue praticando, e ouvindo fallar muitas vezes os francezes. O som desta vogal se forma pelo assopro passando entre os beiços quasi cerrados.

(3) O som desta vogal se forma da mesma maneira do que o da vogal *u*, porem cerrando menos os beiços.

(4) *Eû* soa *eu* longo.

Sons vogaes	*Exemplos*		*Sons portuguezes*	
13. ou	b*ou*le	*bola*	*u* em	*virtude*
14. an	*an*ge	*anjo*	*an*	*anjo*
15. in	but*in*	*despojo*	*em*	*bem*
16. on	b*on*té	*bondade*	*om*	*bom*
17. un	br*un*	*trigueiro* (5)		

Esta taboa offerece o ajuntamento de letras o mais simplez para exprimir os dez e sete sons vogaes, porem ha ainda muitos outros ajuntamentos usados para exprimir alguns dos ditos sons; elles são representados na taboa seguinte, com numeros que se referem aos da taboa precedente.

Sons vogaes simplez.	*Os mesmos menos simplez.*	*Exemplos.*	
1 a	ea	il gag*ea*	*elle apostou*
4 é	ai	*ai*gu	*agudo*
	eai	g*eai*	*gaio*
	ée	ann*ée*	*anno*
	œ	*œ*sophage	*esophago*
5 è	ai (1)	*ai*de	*soccorro*
	aie	b*aie*	*bahia*
	ei	bal*ei*ne	*balea*
	eoi	je nag*eoi*s	*eu nadava*
	oi (2)	f*oi*ble	*fraco*
	oie	monn*oie*	*moeda*

(5) O som desta vogal nasal *un* he particular á lingua franceza, forma-se dando hum som nasal á vogal *u*, este só o facilita o uso.

(1) *Ai* soa como *è* no fim das palavras, seguindo-se lhe huma consoante ou syllaba muda.

(2) *Oi* soa como *è* nas palavras *foible*, *roide* e seus derivados, assim como nas terminações dos tempos dos verbos, e na maior parte dos nomes das nações, v. g. *françois*, francez; *anglois*, inglez; etc. que se lem *francè*, *anglè*, etc.

Sons vogaes simplez.		Os mesmos menos simplez.	Exemplos.	
6	ê	aî	*aîné*	*mais velho*
		oî (3)	paroître	*parecer*
7	i	ie	folie	*loucura*
8	o	au	*aurore*	*aurora*
		eo	flageolet	*gaita*
9	ô	au	auteur	*autor*
		eau	marteau	*martello*
		eo	geole	*prisão*
10	u	eu	gageure	*aposta*
		eue	*eue*	*tida*
		ue	laitue	*alface*
11	eu	œu	sœur	*irmãa*
12	eû	œu	nœud	*nó*
		eue	queue	*cauda*
13	ou	oue	il joue	*elle joga*
		aou	août	*agosto*
14	an	am	jambe	*perna*
		ean	affligeant	*mortificante*
		em	membre	*membro*
		en	entendre	*entender*
15	in	aim	essaim	*enxame*
		ain	crainte	*temor*
		ein	peinture	*pintura*
		im	impoli	*descortez*
		ym	symbole	*symbolo*
		yn	syntaxe	*syntaxe*
16	on	eon	pigeon	*pombo*
		om	*ombre*	*sombra*
17	un	eun	à jeun	*em jejum*
		um	parfum	*perfume*

(3) *Oî* se pronuncia como *é* nos verbos polysyllabos da quarta conjugação.

Dos Diphtongos.

Não sendo os diphtongos senão a união de duas vogaes que, ainda que pronunciadas no mesmo impulso de voz, fazem ouvir dous sons distintos, bastará para conhecer a pronuncia dos diphtongos o saber quaes são os sons vogaes que os compoem; isso se verá na taboa seguinte, cujos numeros referem-se áquelles da taboa dos sons vogaes.

Sons vogaes.		*Diphtongos.*	*Exemplos.*	
7	i	ia	f*ia*cre	*carruagem (de aluguel)*
1	a			
7	i	iai	je déf*iai*	*eu desafiei*
4	é	ié	amit*ié*	*amizade*
		ie	vous r*iez*	*vós rides*
7	i	iai	b*iais*	*esguelha*
5	è	iè	b*iè*re	*cerveja*
		ie	c*ie*l	*ceo*
		ioi	je purif*iois*	*eu purificava*
7	i	iau	m*iau*ler	*miar*
8	o	io	v*io*lon	*rabeca*
7	i	iu	rel*iu*re	*encadernação*
10	u			
7	i	ieu	m*ieu*x	*melhor*
11	eu			
7	i	iou	ch*iou*rme	*chusma*
13	ou			
7	i	ian	v*ian*de	*carne*
14	an	ien	aud*ien*ce	*audiencia*

Sons vogaes.		*Diphtongos.*	*Exemplos.*	
7 15	i in	ien (1)	chrét*ien*	*christão*
7 16	i on	ion	pass*ion*	*paixão*
8 2	o â	oi oî oie	b*oi*s b*oî*te f*oie*	*bosque* *caixinha* *figado*
8 6	o ê	oe oi eoi	m*oe*lle v*oi*sin nag*eoi*re	*tutano* *visinho* *barbatana*
8 15	o in	oin	bes*oin*	*necessidade*
10 1	u a	ua	n*ua*ge	*nuvem*
10 4	u é	uai ue ué uée	je rem*uai* étern*ue*r dén*ué* n*uée*	*eu agitei* *espirrar* *despojado* *nuvem*
10 5	u è	ue uoi	men*ue*t il s*uoi*t	*minuete* *suava*
10 7	u i	ui uie	b*ui*sson parapl*uie*	*moita* *guardachuva*
10 8	u o	uo	impét*uo*sité	*impetuosidade*
10 11	u eu	ueu	l*ueu*r	*clarão*
10 12	u eû	ueu	majest*ueu*x	*majestoso*
10 14	u an	uan uen	n*uan*ce infl*uen*ce	*matiz* *influencia*

(1) *Ien* soa como *i-in* no fim das palavras, não seguindo-se lhe huma consoante, e em todas as pessoas dos verbos *tenir* e *venir* e seus derivados, em que se encontra.

Sons vogaes.		Diphtongos.	Exemplos.	
10 15	u in	uin	*juin*	*junho*
10 16	u on	uon	nous t*uons*	*matamos*
13 1	ou a	oua	r*oua*ge	*rodagem*
13 4	ou é	oue oué ouée ouai	den*oue*r déj*oué* déj*ouée* je j*ouai*	*desatar* *frustrado* *frustrada* *joguei*
13 5	ou è	oue ouoi	f*oue*tter je dén*ouois*	*açoutar* *desatava*
13 7	ou i	oui ouie	enf*oui* l'*ouie*	*enterrado* *ouvido*
13 11	ou eu	oueu	b*oueu*r	*varredor das ruas*
13 12	ou eû	oueu	n*oueu*x	*nodoso*
13 14	ou an	ouan ouen	l*ouan*ge R*ouen*	*louvor* *Ruão* (*cidade*)
13 15	ou in	ouin	bab*ouin*	*mono*
13 16	ou on	ouon	nous j*ouons*	*jogamos*

Do Y.

Esta letra quando fica só, ou quando se lhe precede ou segue huma consoante, pronuncia-se como *i*, excepto em *pays*, e seus derivados que se lem *pe-is*, etc. *Y*, entre duas vogaes he equivalente a dous *i*, então a vogal que precede toma o som

das vogaes compostas *ai* ou *ei* ou dos diphtongos *oi* ou *ui*, e a que segue soa como hum dos diphtongos *ia*, *ie*, *io*, *iu*; v. g. *balayer*, varrer; *aboyer*, ladrar; *appuyer*, apoiar; *voyage*, viagem; pron. *balé-ié*, *aboi-ié*, *appui-ié*, *voi-iage*.

Observações sobre as vogaes nasaes.

As letras *m* e *n* formando com as vogaes *a*, *e*, *i*, *o* e *u* vogaes nasaes no fim das palavras, algumas vezes perdem o som nasal e outras o conservão.

Regra geral. O som nasal das vogaes nasaes ha de perder-se quando a palavra, em que se achão, tem com a que segue e começa por huma vogal ou *h* mudo huma relação immediata e necessaria.

Assim ha de perder-se o som nasal em todos os adjectivos immediatamente seguidos de hum substantivo com que são necessariamente unidos, v. g. *Ancien ami*, antigo amigo, *certain auteur*, certo autor, etc. pron. *ancienn-ami*, *certainn-oteur*, etc.

Nos pronomes possessivos, se naõ saõ separados do substantivo senão por adjectivos que tem relação comelle, v. g. *mon intime et fidèle ami*, meu intimo e fiel amigo, pron. *monn-intime e fidel ami*.

Em *on* antes de hum verbo e das pala-

vras *en* e *y*, v. g. *on aime*, ama-se; *on y mange*, alli se come, pron. *onn-ème*, *onn-y mange*.

Na palavra *en*, quando tem com a palavra que segue huma relação necessaria, *en eau*, em agoa, etc. pron. *en-neau*.

Nas palavras *bien* e *rien*, quando a palavra seguinte he o adjectivo, adverbio, ou verbo que modificão, v. g. *bien aimable*, muito amavel, *bien aisément*, muito facilmente, pron. *bienn-émable*, *bienn-ézémãa*.

Porem, se as duas palavras não tem entre si huma relação necessaria, conservará-se o som nasal, bem que a segunda comece por huma vogal ou *h* mudo; assim pronunciaremos com som nasal e sem unir as duas palavras: *passion aveugle*, cega paixão; *ancien et respectable ami*, antigo e respeitavel amigo, etc. *passiom aveugle*, *anciem e respectable ami*.

Das consoantes.

Cada consoante não deveria ter senão hum som proprio representado por hum só caracter, e este caracter não deveria servir para representar outro som. Porem como na lingua franceza o mesmo caracter representa muitos sons, ou muitos caracteres não representão senão hum

mesmo som, distinguiremos dous sons nas consoantes: o *som proprio*, e o *som accidental*; chamaremos *som proprio* o som que a consoante tem ordinariamente, e *som accidental* aquelle que recebe em alguns casos particulares.

B. Som proprio: como *b* em portuguez.

B tem o som proprio em todas as palavras, v. g. *bon*, bom; *boire*, beber, etc. pronun. *bom; boar*.

B dobrado em *abbé*, abbade, e seus derivados, assim como em alguns nomes de cidades pronuncia-se simplez.

B antes de *s* ou *t*, pronuncia-se fortemente quasi como *p*, v. g. *absent*, absente, pron. *apçãa*.

B no fim das palavras *plomb*, chumbo, e *à plomb*, perpendicular, he mudo; porem pronuncia-se em *radoub*, reparo de embarcação; *rumb*, rumo, e nos nomes proprios estrangeiros, v. g. *Job, Jacob*, etc.

C. Som proprio: *c* portuguez em *caro*.

Som accidental: { *s* portuguez em *sertão*. / *g* portuguez em *ganhar*. }

C tem o som proprio seguindo-se lhe *a*, *o*, *u*, *l*, *n*, *r*, *t*, v. g. *café*, café; *cordon*, cordão; *clarté*, claridade.

C tem o som accidental *s* seguindo-se lhe *e* ou *i*, v. g. *cent*, cem; *cire*, cera, etc. pron. *san*, *sir*, etc.

C tem o som accidental *g* em *second*, segundo que se lê *sgon*, e seus derivados.

Alguns grammaticos pretendem que o *c* deve tambem ter o som de *g* em *secret*, segredo, *secrétaire*, secretario; *Claude*, Claudio; porem a academia não fallando destas parlavras deixa crer que o *c* ha de conservar alli o seu som proprio.

C dobrado não soa senão simplez, excepto antes de *e* ou *i*, então o primeiro tem o som proprio, e o segundo o som accidental *s*, v. g. *accrédité*, acreditado; *accepté*, aceitado; *accident*, accidente, etc. que se lem *acrédité*, *acsepté*, *acsidan*, etc.

C no fim das palavras tem o som proprio, v. g. *avec*, com; *sec*, seco, etc. pron. *avec*, *sec*, etc.; porem he mudo em *cotignac*, marmelada; *estomac*, estomago; *clerc*, clerigo; *broc*, cantaro; *croc*, gancho; *marc*, marco; *accroc*, rasgão; *échecs*, xadrez, *tabac*, tabaco; *jonc*, junco; *lacs*, laco; *tronc*, tronco; *franc*, sincero; *blanc*, branco; *arc-boutant*, botareo; *banc*, banco; *cric*, macaco; *flanc*, ilharga; *porc*, porco; *arsenic*, arsenico; que se lem *cotinha*, *estoma*, *cler*, etc. e em *donc*, pois, seguindo-se lhe huma consoante, posto que não seja no principio de huma frase. Em *porc-épic*, porco espinho; o *c* de *porc*

tem o som proprio e o de *épic* he mudo. Em *vermicelle*, aletria, e *violoncelle*, rabecão, *c* sôa como *ch* portuguez.

Ç soa como em portuguez, v. g. *garçon*, solteiro; pron. *garsão*.

Ch tem o mesmo som como em portuguez, v. g. *chat*, gato; *chef*, chefe; *cher*, caro, etc. que se lêm *cha*, *chef*, *cher*, etc. porem pronuncia-se como *k* 1.º seguindo-se lhe hum *r*, como em *chrétien*, christão; *chronologie*, chronologia, etc. 2.º nas palavras seguintes: *anachorète*, anachoreta; *archange*, archanjo; *archiépiscopal*, arcebispal; *catéchumène*, catecumeno; *chaos*, cahos; *chœur*, coro; *écho*, eco; *eucharistie*, eucharistia; *orchestre*, orchestra; 3.º em muitos nomes que vem das linguas estrangeiras, v. g. *Achab*, *Nabuchodonosor*, *Michel-Ange*, *Machiavel*, *Civita-vecchia*, etc. advirta-se com tudo que neste ultimo caso ha muitas excepções que só aprenderá o uso, v. g. *Joachim*, *Zachée*, lem-se *Joachem*, *Zaché*. *Drachme*, drachma, e *almanach*, folhinha, pronuncião-se *dragm*, *almana*.

D. Som proprio: *d* portuguez em *dado*.
Som accidental: *t* portuguez em *tal*.

D pronuncia-se com som proprio no principio e meio das palavras, e sendo dobrado pronuncia-se dobre, v. g. *domi-*

ner, dominar, *adverbe*; adverbio; *addition*, addição, etc. que se lem *dominé*, *adverb*, *addicião*.

D final soa nos nomes proprios estrangeiros, v. g. *David*, *Obed*, etc. perde-se em todas as outras palavras, v. g. *chaud*, quente; *grand*, grande, etc. que se lem *cho*, *grãa*, etc. porem nos adjectivos seguindo-se lhes o seu substantivo principiando por huma vogal ou *h* mudo, e nos verbos seguindo-se lhes hum pronome que começa por huma vogal, o *d* final soa como *t*, v. g. *grand homme*, grande homem; *répond-il*, responde elle, etc. pron. *granthomm*, *répon-til*.

D final soa tambem como *t* nas expressões, *tenir pied à boule*, nunca largar o trabalho; *de pied en cap*, do bico do pé até á cabeça; *de fond en comble*, totalmente.

F. Som proprio: *f* portuguez em *fazer*.
Som accidental: *v* portuguez em *voar*.

F conserva no principio e meio das palavras o som que lhe he proprio, v. g. *fer*, ferro; *faim*, fome; etc. que se lêm *fer*, *fem*, etc. sendo dobrado pronuncia-se como se fosse simplez, v. g. *offrir*, offerecer, etc. pron. *ofrir*.

F final tem o som proprio, v. g. *vif*, vivo; *naïf*; ingenuo; perde-se porem na palavra *clef*, chave, que se lê *clé*, no

numero *neuf*, nove, seguindo-se lhe hum substantivo que começa por huma consoante, e nas expressões: *œuf frais*, ovo fresco; *nerf de bœuf*, vergalho de boi; *œuf dur*, ovo cozido; *cerf-volant*, bezouro; *chef-d'œuvre*, obra prima; *bœuf gras*, boi gordo, *bœuf salé*, vacca salgada. No numero *neuf* seguindo-se lhe hum substantivo que começa por huma consoante ou *h* mudo, *f* soa como *v*, v. g. *neuf ans*, nove annos, etc. pron. *neuv-an*, etc.

G. Som proprio: *g* portuguez em *grande*.

Som accidental: { *j* portuguez em *jejum*. / *k* ou *c* portuguez em *caro*. }

G tem o som proprio antes de *a*, *o*, *u*, e das consoantes, v. g. *gai*, alegre; *grand*, grande; etc.

G tem o som do *j* antes de *e* e *i*, v. g. *général*, geral; *girofle*, cravo; etc.

Quando o *g* ha de ter o som proprio antes do *e* ou *i* intercala-se entre elles hum *u* que fica mudo como em portuguez, v. g. *guider*, guiar, *guérir*, curar, etc. Com tudo nas palavras seguintes: *aiguille*, agulha, e seus derivados; *aiguillon*, ferrão; *aiguiser*, affiar; e nos nomes proprios *d'Aiguillon*, *Le Guide*, *de Guise*, *u* se pronuncia, e *g* tem o som proprio.

G final tem o som proprio em *joug*, jugo, e nos nomes proprios estrangeiros; perde-se em todas as outras palavras, e não tem

o som de *k* senão quando lhe segue huma palavra que começa por huma vogal ou *h* mudo, v. g. *sang et eau*, sangue e agoa; *long accès*, longo accesso, pron. *sank e o, lonk-aksè*, etc.

G não soa jámais em *poing*, punho; *étang*, tanque; *hareng*, arenque; *seing*, firma; *faubourg*, arrabalde; *doigt*, dedo, e *legs*, legado; que se lem *poem, étan*, etc.

Havendo dous G em huma palavra, não se pronuncia senão hum, exceptua-se quando se lhes seguir *e* ou *i*, então o primeiro tem o som proprio, e o ultimo o som accidental de *j*, v. g. *aggraver*, aggravar; *suggérer*, suggerir, pron. *agravé, sugjéré*.

Gn no principio das palavras soa como *gn* portuguez, v. g. *gnome*, gnoma; *gnomon*, gnomon, pron. *gnôm, gnomão*.

Gn no meio das palavras soa como *nh* portuguez, v. g. *dignité*, dignidade; *régner*, reinar, pron. *dinhité, renhé*, exceptuão-se as palavras seguintes, nas quaes *gn* tem o som de *gn* portuguez: *Progné, agnat, agnation, diagnostic, stagnation, stagnant, cognat, cognation, régnicole, inexpugnable, imprégnation, ignée, magnésie*.

O nome *signet*, marca de missal, pronuncia-se *siné*.

H. Esta letra tem dous sons differentes, mudo, e aspirado.

H aspirado dá á vogal seguinte huma

pronunciacão guttural, e então he considerado como consoante.

H mudo não tem influencia sobre a pronunciação da vogal seguinte, he huma letra etymologica que não tem nenhum valor.

Alguns grammaticos pretendem que *h* he mudo em todas as palavras que vem do grego ou latim, mas esta regra tem tantas excepções que o melhor modo para conhecer quando *h* he mudo ou aspirado, he de consultar os diccionarios em que estão assinaladas as palavras nas quaes *h* he aspirado.

Ainda que *h* seja aspirado em *héros*, heroe; com tudo degenera em mudo nos seus derivados.

Os nomes *Hollande*, *Hongrie*, são aspirados; porem são mudos nestas frases, *toile d'Hollande*, panno de Hollanda; *eau de la reine d'Hongrie*, agua da rainha de Hungria; *point d'Hongrie*, ponto d'Hungria.

O nome *Henri*, Henrique, aspira-se no discurso elevado; porem não se aspira no discurso familiar.

H aspira-se em *huit*, oito; *huitième*, oitavo, e *huitaine*, oitava.

Achando se *h* no meio da dicção sempre he mudo.

J, pronuncia-se como *j* portuguez.

K. Esta letra que serve só para alguns nomes derivados das linguas estrangeiras tem o som de *c* portuguez em *caro*, *carne*.

L. Som proprio: *l* portuguez em *lavrar*, *animal*.

L no principio, assim como no meio e fim das palavras quando não he precedido de hum *i* conserva sempre o som que lhe he proprio, v. g. *laver*, lavar; *blesser*, ferir; *carnaval*, entrudo; pron. *lavé*, *blécé*, *carnaval*.

Dous *l* não precedidos de hum *i*, devem quasi sempre pronunciar-se; v. g. *syllogisme*, syllogismo; *solliciter*, sollicitar; pron. *syllogism*, *sollicité*.

Dous *l* depois de hum *i* tem o som de *lh*, portuguez, he isto que se chama *l mouillée*, *l* liquido; v. g. *bataille*, batalha; *vaillant*, valiente; *famille*, familha, etc. pron. *batalha*, *valhãa*, *familhe*, etc. exceptuão-se as palavras seguintes: *armillaire*, armillar; *imbécille*, tonto; *maxillaire*, maxillar; *mille*, mil; *oscillation*, oscillação; *pupille*, pupillo; *pusillanime*, pusillanime; *scintiller*, scintillar; *titiller*, titillar; *tranquille*, tranquillo; *vaciller*, vacillar; *ville*, cidade, e seus deravados; assim como todas as palavras que principião por *ill*, como *illégitime*, illegitimo, etc. nas quaes os dous *l* tem o som proprio.

L fica mudo em *fils*, filho, que se pronuncia *fi*.

L final precedido de hum *i* tem o som proprio em *profil*, perfil; *fil*, fio, *mil*, mil; e em todos os adjectivos que acabão em *il* precedido de huma consoante, como *puéril*, pueril, etc. porem fica mudo em *baril*, barril; *chenil*, covil; *coutil*, riscadilho; *fenil*, palheiro; *fournil*, casa do forno, *fusil*, fuzil; *gril*, grelha; *nombril*, embigo; *outil*, ferramenta; *persil*, salza; *sourcil*, sobrancelha; *soûl*, embriagado; e *gentil*, gentil. Em todas as outras palavras tem o som liquido de *lh* portuguez.

Em *gentilhomme*, fidalgo, *l* he tambem liquido; mas he mudo em *gentilshommes*, fidalgos. O nome proprio *Sully* pronuncia-se com *l* liquido.

M. Som proprio: *m* portuguez em *mal*.

M no principio de huma dicção ou syllaba tem som que lhe he proprio.

M dobrado depois de hum *i* pronuncia-se dobre, v. g. *immanquable*, infallivel; *immense*, immenso; pron. *im-mancable*, *im-mense*; depois das outras letras pronuncia-se simplez, v. g. *commode*, commodo; *commissaire*, commissario; pron. *comod*, *comiçer*; devem-se exceptuar os nomes proprios, como *Ammon*, Amon; *Emmanuel*, Manoel; em que se pronuncia dobre.

M não se pronuncia em *damner*, condenar, e seus derivados; e em *automne*, outono; pron. *dáné*, *otonn*; porém em todas as outras palavras nas quaes he seguido de hum *n* deve-se pronunciar, v. g. *automnal*, autumnal; *amnistie*, perdão; pron. *otomm-nal*, *amm-nisti*.

Em *femme*, mulher; e *femmelette*, mulhersinha, *em* soa como *a* pron. *famm*, *famm-lett*.

Em todas as outras palavras *m* forma com a vogal precedente hum som nasal, v. g. *faim*, fome; *nom*, nome; pron. *fem*, *nom*; veja-se a taboa dos sons vogaes, pag. 5. Com tudo nas palavras derivadas das linguas estrangeiras, principalmente os nomes proprios, *m* final tem o som que lhe he proprio, exceptuão-se só *Adam*, Adão; e *Absalon*, Absalão; em que *m* tem o som nasal.

N. Som proprio: *n* portuguez em *novo*, *nadar*.

N no principio de huma dicção ou syllaba tem o som que lhe he proprio.

N dobrado não tem força mais do que hum só, v. g. *année*, anno; *innocent*, innocente; pron. *a-né*, *i-noçãa*; o *n* dobrado não serve senão para fazer breve a vogal precedente; porem os dous *n* se pronunciāo com o som proprio em *annales*, an-

naes ; *annexe*, annexa; *inné*, innato; *innover*, innovar.

Em *ennoblir*, ennobrecer; *ennui*, desgosto, e seus derivados; o primeiro *n* forma com a vogal *e* o som nasal *an*.

Em *solennel*, solemne; *hennir*, rinchar, e seus derivados, *en* soa como *a*, pron. *solanel*, *hanir*.

Em todas as outras palavras *n* forma com a vogal precedente hum som nasal, v. g. *enivrer*, embriagar; *chien*, cão; pron. *annivré*, *chiem*; veja-se as taboas dos sons vogaes, pag. 3 e 4. Devem-se exceptuar as palavras que vem das linguas estrangeiras, como *hymen*, hymeneo; *amen*, amen; nas quaes *n* tem o som que lhe he proprio.

P. Som proprio : *p* portuguez em *pombo*, *pequeno*.

P no principio e meio da dicção tem o som proprio, v. g. *pigeon*, pombo; *petit*, pequeno, etc. pron. *pijom*, *peti*; exceptuão-se *dompter*, domar, e seus derivados; *prompt*, prompto, e seus derivados; *compte*, conta, e seus derivados; *baptême*, baptismo, e seus derivados; *corps*, corpo; *exempt*, isento; *exempter*, isentar; *sculpter*, esculpir, e seus derivados; *temps*, tempo; *printemps*, primavera; *sept*, sete; *septième*, setimo; *septièmement*, setimamente; em que se supprime o *p*, assim como nas

pessoas do verbo *rompre*, romper, e seus derivados; em que se lhe segue *s* ou *t*.

Havendo dous *p* juntos, não se pronuncia senão hum, v. g. *opposer*, oppor; *rapport*, relação, pron. *opozé*, *rapor*.

P final he mudo, v. g. *drap*, panno; *sirop*, xarope; pron. *dra*, *siro*; porem deve se pronunciar em *Alep*, Aleppo; *Gap*, Gap; *cep*, cepo; *cap*, capo; *jalap*, jalapa.

No discurso elevado o *p* final de *beaucoup*, muito; *trop*, demasiado; e *coup*, golpe, deve se pronunciar quando se lhe seguir huma vogal.

Ph tem o som proprio de *f*, v. g. *philosophie*, philosophia, pron. *filosofi*.

Q. Som proprio: *c* portuguez em *caro*.

Esta letra conserva sempre o som que lhe he proprio, não se dobra jámais, porem he muda em *coq-d'Inde*, pron. *codemd*, e em *cinq*, cinco, seguindo-se lhe immediatamente o seu substantivo que começa com huma consoante, v. g. *cinq cavaliers*, cinco cavalleiros, pron. *cem cavalié*.

O *u* que segue o *q* juntando-se a elle na mesma articulação ordinariamente não se pronuncia; soa porém nas palavras seguintes: *équestre*, equestre, *équilatéral*, equilateral, *quintuple*, quintuplo; *quinquennium*, quinquennio; *questure*, ques-

tura; *liquéfaction*, liquefação; e tem o som de *ou* em *aquatique*, aquatico; *équateur*, equador; *équation*, equação; *quadragénaire*, quadragenario; *quadruple*, quadruplo; *quadrupède*, quadrupede, *quaker*, quaker; *quadrige*, quadriga; *quadrature*, quadratura; e *quaterne*, quaterno. Em *quinquagésime*, quinquagesima, o primeiro *u* tem o som de *u* francez e o segundo de *u* portuguez.

R. Som proprio: *r* portuguez em *rir*, *reino*.

R final pronuncia-se depois das vogaes *a*, *o*, *i*, *u*, v. g. *air*, ar, *or*, ouro, *dur*, duro, exceptuando *monsieur*, em que *r* he mudo, e que se lê *mossieu*.

R final he mudo nas palavras polysyllabas que acabão em *er*, porem pronuncia-se nas monosyllabas e nas seguintes: *amer*, amargo; *belvéder*, mirante; *cancer*, cancro; *cuiller*, colher; *enfer*, inferno; *éther*, ether; *frater*, máo cirugião; *gaster*, estomago; *hiver*, inverno; *hier*, hontem; *magister*, mestre d'escola; assim como nos nomes proprios, *Jupiter*, Jupiter; *Munster*, Munster, etc.

Nos adjectivos polysyllabos que acabão em *er* pronuncia-se o *r* seguindo-se lhe immediatamente o seu substantivo que começa por huma vogal, v. g. *le premier*

homme, o primeiro homem, pron. *le premiè-rhomme.*

Nos infinitos acabados em *er* ou *ir* não se pronuncia o *r* na conversação, e *commencer à lire*, principiar a lêr, se diz *comencé à lir*, porem na leitura deve se pronunciar.

Quando se achão dous *r* juntos na mesma dicção, não se pronuncia ordinariamente senão hum só, v. g. *arriver*, chegar, *arroser*, regar, pron. *arivé*, *arosé*, porem devem se pronunciar os dous *r* em *errata*, erratas; *errer*, errar; *erroné*, erroneo; e *abhorrer*, aborrecer; em quasi todas as palavras que começão por *irr*, como *irrégulier*, irregular; *irrévocable*, irrevocavel, etc.; e nos futuros e condicionaes dos verbos *mourir*, morrer; *acquérir*, aquistar, e *courir*, correr.

S. Som proprio: *s* portuguez em *situação.*
Som accidental: *z* portuguez em *razão.*

Esta letra tem o som que lhe he proprio no principio das palavras, porem seguindo-se lhe *ce*, *ci*, ou *ch* fica muda; v. g. *sabre*, alfange; *sévérité*, severidade; *sceptre*, sceptro; *scène*, scena; *schisme*, schisma: pron. *sabre*, *sévérité*, *ceptre*, *cène*, *xisme.*

No meio da dicção *s* tem o seu proprio

som, quando he precedido de huma consoante, v. g. *conserver*, conservar, pron. *con-servé*. Porem, quando he precedido de *l*, ou seguido de *b* ou *d*, *s* tem o som accidental, v. g. *presbitéral*, *Alsace*, pron. *prezbitéral*, *Alzace*.

Nas palavras que começão por *trans*, *s* tem o som accidental, v. g. *transaction*, transacção; pron. *tranzacção*: mas em *transir*, enteriçar; *Transylvanie*, Transylvania; *s* tem o seu proprio som.

Achando-se *s* simplez entre duas vogaes tem o som accidental, v. g. *raison*, razão; *appaiser*, calmar; pron. *razão*, *apèzé*; exceptuão-se as palavras originariamente compostas como *désuétude*, desuso; *parasol*, guardasol, etc.; nas quaes *s* tem o som que lhe he proprio.

S dobrado pronuncia-se simplez com o som proprio.

S final he mudo, v. g. *repas*, comida; *avis*, parecer; pron. *repa*, *avi*; soa porem com o som proprio em *vis*, parafuso; *as*, as; *anus*, ano; *iris*, iris; *aloès*, babosa; *fœtus*, feto; *lapis*, lapis; *laps*, lapso; *mars*, março; *calus*, callo; e nas palavras que vem das linguas estrangeiras, como *sinus*, seno; *Rubens*, Rubens; *Darius*, Dario: comtudo fica mudo em *Jésus*, Jesus; *Mathias*, Mathias; *Thomas*, Thomé; *Judas*, Judas.

S he mudo em *fleur de lis*, flor de lis;

e em *tous*, todos, adjectivo plural; bem que se pronuncie em *lis*, lirio; e em *tous*, todos, substantivo plural.

T. Som proprio : *t* portuguez em *terra*;
Som accidental : *ç* portuguez em *nação*.

Esta letra tem sempre o som que lhe he proprio no principio da dicção v. g. *terre*, terra; *timide*, timido; pron. *ter*, *timid*.

No meio da dicção *t* tem o som proprio quando não he seguido de *i* e de outra vogal, v. g. *gâter*, corromper; *nativité*, natividade; *patron*, patrão : pron. *gâté*, *nativité*, *patrão*.

Quando *t* no meio da dicção he seguido de *i* e de outra vogal, tem humas vezes o som proprio e outras o som accidental. Elle tem o som accidental, 1.º em *patient*, paciente, e seus derivados, e em todas as palavras acabadas em *tial*, *tiel*, *tion*, e seus derivados, exceptuando aquellas acabadas em *stion* e *xtion*, como *gestion*, *mixtion*, etc.; 2.º em todos os nomes proprios e nacionaes, como *Domitien*, *vénitien*, etc.; 3.º em algumas palavras acabadas em *tie*, como *ineptie*, *inertie*, *minutie*, *prophétie*, e em todas as que acabão em *atie*, como *primatie*, *démocratie*, etc.; 4.º em *satiété*, *insatiable*, e nos verbos *initier* e *balbutier*. Em todas as outras

palavras, *t* seguido de *i* tem o som que lhe he proprio.

Havendo dous *t* juntos não se pronunciará senão hum, v. g. *attirer*, attrahir; *frotter*, esfregar; pron. *atiré*, *froté*.

T final pronuncia-se com o seu proprio som, em *déficit*, falta; *fat*, presumido; *chut*, chiton: *brut*, bruto; *indult*, indulto; *contact*, contacto; *dot*, dote; *exact*, exacto; *luth*, alaude; *lest*, lastro; *échec et mat*, xaque e mate; *rapt*, rapto; *strict*, stricto; e *zénith*, zenith; em todas as outras palavras não se pronuncia senão quando a dicção seguinte começa por huma vogal ou *h* mudo.

T he mudo assim como *s* que o precede em *Jésus-Christ*, Jesus-Christo: pronun. *Jésu-Cri*, bem que ambos se pronunciem em *Christ*.

Em *sept*, sete, *huit*, oito, *t* fica mudo quando a dicção seguinte começa por huma consoante ou *h* aspirado.

T final de *vingt*, vinte, pronuncia-se em toda a serie dos numeros desde *vingt* até *trente*; porem desde *quatre-vingts* até *cent* não deve-se pronunciar. A terminação *ent* distinctiva da terceira pessoa do plural nos verbos pronuncia-se como *e* mudo, quando a dicção seguinte começa por huma consoante ou *h* aspirado, porem soa o *t* antes de huma vogal ou *h* mudo.

V. Som proprio : *v* portuguez em *valor*.

Conserva sempre esta letra o som que lhe he proprio.

O *w* não se acha senão em palavras estrangeiras, pronuncia-se algumas vezes como *v* e outras como *ou*.

X. Esta letra não tem som proprio, mas differentes valores.

1.º Tem o som de *cs*, 1.º no principio dos nomes proprios derivados das linguas estrangeiras, exceptuando-se alguns como *Xavier*, *Xénophon*, *Ximénès*, nos quaes tem som de *gz;* 2.º entre duas vogaes, quando a primeira não he *e* inicial; v. g. *axiome*, axioma; pron. *acsiome ;* exceptuando-se *sixain*, sextina; *sixième*, sexto; *dixième*, decimo; *deuxième*, segundo; em que tem o som proprio de *z*, e *soixante*, sessenta; em que tem o som proprio de *s*, assim como nos nomes das cidades *Auxerre*, *Auxone*, *Bruxelles;* 3.º no fim dos nomes proprios, dos nomes derivados do grego e do adjectivo, *préfix*, determinado.

2.º Tem o som de *gz* depois de *e* inicial, quando he seguido de huma vogal ou *h* mudo, v. g. *examen*, exame, *exhorter*, exhortar; pron. *egzamem*, *egzorté*.

3.º Tem o som de *c*, quando he seguido de hum *c* que tem o som accidental *s ;* v. g. *excès*, excesso, *exciter*, excitar; pron. *eccès*, *eccité*.

4.º Tem o som proprio de *s* 1.º quando he seguido de hum *c* que tem o seu proprio som, ou de qualquer outra consoante, exceptuando-se *h*, v. g. *expérience*, experiencia; pron. *esperiance*: 2.º nos nomes numeraes *dix*, dez, e *six*, seis, não seguindo-se lhes o seu substantivo.

5.º Finalmente no fim das palavras tem o som de *z*, quando a palavra seguinte começa por huma vogal ou *h* mudo. Em *dix-sept*, dez e sete, *dix-huit*, dez oito, e *dix-neuf*, dez e nove, *x* tem o som de *z*.

X não se dobra jámais.

Z. Som proprio *z* portuguez em *zelo*.

Z no principio e no meio das palavras tem sempre o som que lhe he proprio.

Z final não se pronuncia senão em alguns nomes proprios, como *Rhodez*, *Henriquez*, etc., e quando a dicção seguinte começa por huma vogal ou *h* mudo.

PARTE SEGUNDA.

DAS VARIAS PARTES DA ORAÇÃO.

A oração se compoem de oito partes que são: *artigo*, *nome*, *pronome*, *verbo*, *adverbio*, *preposição*, *conjunção*, e *interjeição*.

CAPITULO PRIMEIRO.

DO ARTIGO.

Artigo se chama aquella parte da oração que se poem antes dos substantivos, quando tem hum senso determinado.

Não ha em francez senão hum só artigo, que he *le*, *la*, *les*. *Le*, o; poem-se antes do substantivo masculino singular: *la*, a; antes do substantivo feminino singular: e *les*, os, as; antes do substantivo plural, masculino ou feminino, v. g. *le père*, o pai; *la mère*, a mai; *les pères*, *les mères*, os pais, os mais. Supprime-se *e* no artigo masculino *le*, e *a* no artigo feminino *la*, quando o substantivo seguinte começa por huma vogal ou *h* mudo; assim, escrevemos *l'ar-*

gent, o dinheiro, em vez de *le argent; l'épée*, a espada, em vez de *la épée; l'honneur*, a honra, em vez de *le honneur*, etc. porem então poem-se em lugar da vogal suppressa esta pequena figura (') que chamamos apostropho. Esta suppressão de huma letra chama-se elisão.

Quando o artigo *le* he precedido das preposições *de* ou *à*, e seguido de hum substantivo que começa por huma consoante ou *h* aspirado, poem-se *du* em vez de *de le*, e *au* em vez de *à le*. Quando o artigo *les* ha de ser precedido das ditas preposições, poem-se sempre *des* em vez de *de les*, e *aux* em vez de *à les*. Esta reducção de duas palavras em huma só chama-se contracção; e os artigos *du*, *des*, *au*, *aux*, que resultão desta contracção, chamão-se artigos compostos.

CAPITULO II.

DO NOME.

O nome he huma parte da oração que serve para nomear as pessoas e as cousas, ou para explicar as suas qualidades.

O nome que exprime as pessoas e as cousas chama-se substantivo; e o nome

que não exprime senão a qualidade das pessoas e das cousas chama-se adjectivo, v. g. *l'homme poli*, o homem polido; *la fleur agréable*, a flor agradavel. Estas palavras *homme*, *fleur*, são substantivos; *poli*, *agréable*, são adjectivos.

§ I.—DO SUBSTANTIVO.

Dividem-se os substantivos em substantivos proprios e substantivos appellativos.

O substantivo proprio he aquelle que distingue hum homem dos outros homens, huma cidade das outras cidades; v. g. *Homère*, Homero; *Virgile*, Virgilio; *Paris*, Paris; *Lisbonne*, Lisboa.

O substantivo appellativo ou commum he aquelle que convem a huma casta inteira de pessoas ou de cousas, v. g. *ange*, anjo; *homme*, homem; *femme*, mulher.

Considera-se nos substantivos duas cousas principaes que são, o genero e o numero.

Dos Generos.

O genero he huma relação das palavras com hum ou outro sexo.

Na lingua franceza não ha senão dous generos, o masculino e o feminino.

Todos os nomes substantivos que significão macho são do genero masculino, v. g. *Alexandre*, Alexandro; *le bœuf*, o boi.

Todos os nomes substantivos que significão femea são do genero feminino, v. g. *Diane*, Diana; *la vache*, a vaca.

O macho e a femea tem algumas vezes hum nome differente, como *l'homme*, o homem; *la femme*, a mulher; *le bélier*, o carneiro; *la brebis*, a ovelha; *le cheval*, o cavallo; *la jument*, a egoa. Outras vezes não se distinguem senão pela terminação, como *le loup*, o lobo; *la louve*, a loba. Muitas vezes em fim o mesmo nome serve para exprimir o macho e a femea, como *le corbeau*, o corvo; *l'écureuil*, o esquilo; *la baleine*, a balea; *la corneille*, a gralha; e então he preciso juntar as palavras *mâle*, macho; *femelle*, femea, quando se quizer distinguir o sexo.

Em quanto ás cousas inanimadas, attribuirão-se lhes o genero masculino ou feminino, algumas vezes por causa da etymologia, e ainda mais por capricho, sem que tenhão relação alguma com hum ou outro sexo. He por isso que não se pode dar regra geral para conhecer o genero dos nomes das cousas inanimadas; o uso e o diccionario podem só aprendelo. Observar-se ha porém que não ha lingua

que nesta parte tenha mais conformidade com a lingua franceza do que a portugueza, tendo hum grande numero dos substantivos o mesmo genero em ambos os idiomas.

Do Numero.

Os substantivos tem dous numeros, o singular e o plural: o singular, quando se falla só de huma pessoa ou cousa, como *le livre*, o livro; *la femme*, a mulher, etc.: o plural, quando se falla de muitas pessoas ou cousas, v. g. *les livres*, os livros, *les femmes*, as mulheres, etc.

Formação do plural nos substantivos.

Regra. Forma-se o plural do singular accrescentando-lhe hum *s*.

Exemplos:

L'homme,	o homem;	*les hommes*,	os homens.
la femme,	a mulher;	*les femmes*,	as mulheres.
le livre,	o livro;	*les livres*,	os livros.
la table,	a meza;	*les tables*,	as mezas.

Excepções.

I.ª Excepção. Os substantivos que acabão em *s*, *x*, ou *z*, no singular, fazem o mesmo no plural.

Exemplos:

Le fils,	o filho;	*les fils*,	os filhos.
la voix,	a voz;	*les voix*,	as vozes.
le nez,	a nariz;	*les nez*,	as narizes.

II.ª Excepção. Os substantivos acabados no singular em *au*, *eu*, e *ou* levão hum *x* no plural, em vez de hum *s*.

Exemplos:

L'eau,	a agoa;	*les eaux*,	as agoas.
le feu,	o fogo;	*les feux*,	os fogos.
le caillou,	o calhão;	*les cailloux*,	os calhãos.

Porem os substantivos seguintes: *clou*, prego; *cou*, pescoço; *écrou*, porca; *fou*, louco; *filou*, ratoneiro; *matou*, gato; *sou*, soldo; *trou*, buraco; *verrou*, ferrolho; ainda que terminados no singular em *eu* e *ou* fazem no plural, *clous*, *cous*, *écrous*, *fous*, *filous*, *matous*, *sous*, *trous*, *verrous*, conforme a regra geral.

III.ª Excepção. Os substantivos que acabão no singular em *al* e *ail* fazem *aux* no plural.

Exemplos:

Le mal,	o mal;	*les maux*,	os males.
le cheval,	o cavallo;	*les chevaux*,	os cavallos.
le travail,	o trabalho;	*les travaux*,	os trabalhos.
l'émail,	o esmalte;	*les émaux*,	os esmaltes.

Porém os substantivos seguintes : *bal*, baile ; *cal*, callo ; *régal*, regalo ; *carnaval*, entrudo ; *attirail*, equipagem ; *camail*, murça ; *détail*, relação ; *épouvantail*, espantalho ; *éventail*, leque ; *gouvernail*, leme ; *mail*, malha ; *poitrail*, peito ; *portail*, frontispicio ; *sérail*, serralho ; levão hum *s* no plural, conforme a regra geral.

IV.ª Excepção. Os substantivos seguintes :

bétail,	gado ;	fazem no plural	*bestiaux*,	gados.
ail,	alho ;		*aulx*,	alhos.
ciel,	ceo ;		*cieux*,	ceos.
œil,	olho ;		*yeux*,	olhos.

Porem diz-se *ciels de lits*, sobreceos de camas ; e *œils de bœuf*, pequenas trapeiras redondas ou ovaes.

Observação. Conforme o uso moderno approvado pela Academia, supprime-se o *t* no plural dos substantivos polysyllabos, acabados no singular em *ant* e *ent*, e conserva se sómente nos monosyllabos ; v. g. *l'enfant*, o menino ; *les enfans*, os meninos ; *le commencement*, o principio ; *les commencemens*, os principios ; *la dent*, o dente ; *les dents*, os dentes. Com tudo isso a maior parte dos grammaticos não he deste parecer e pretende que o *t* devese conservar nos polysyllabos, assim como nos monosyllabos.

§ II. — DO ADJECTIVO.

Os adjectivos tem os dous generos, e os dous numeros.

Formação do feminino nos adjectivos.

I.[a] Regra. Todos os adjectivos que acabão com *e* mudo no masculino, fazem o mesmo no feminino.

Exemplos:

MASCULINO.		FEMININO.	
Honnête,	honesto;	*honnête*,	honesta.
terrible,	terrivel;	*terrible*,	terrivel.
favorable,	favoravel;	*favorable*,	favoravel.

Esta regra não tem excepcão.

II.[a] Regra. Quando hum adjectivo masculino não acaba com *e* mudo, accrescenta-se lhe hum *e* mudo para formar o feminino.

Exemplos:

MASCULINO.		FEMININO.	
Aisé,	facil;	*aisée*,	facil.
poli,	polido;	*polie*,	polida.
grand,	grande;	*grande*,	grande.
voisin,	vizinho;	*voisine*,	vizinha.
petit,	pequeno;	*petite*,	pequena.
général,	geral;	*générale*,	geral.

Excepções.

I.ª Excepção. Os adjectivos acabados no masculino em *el*, *eil*, *ul*, *an*, *ien*, *on*, *as*, *ais*, *os*, *ès*, *et*, *ot*, dobrão a consoante final, unindo-lhe hum *e* mudo.

Exemplos:

MASCULINO.		FEMININO.	
Eternel,	eterno;	*éternelle*,	eterna.
vermeil,	vermelho;	*vermeille*,	vermelha.
nul,	nenhum;	*nulle*;	nenhuma.
paysan,	rustico;	*paysanne*,	rustica.
ancien,	antigo;	*ancienne*,	antiga.
bon,	bom;	*bonne*,	boa.
gras,	gordo;	*grasse*,	gorda.
épais,	espesso;	*épaisse*,	espessa.
gros,	grosso;	*grosse*,	grossa.
net,	limpo;	*nette*,	limpa.
exprès,	expresso;	*expresse*,	expressa.
sot,	tolo;	*sotte*,	tola.

Porem os seguintes não dobrão a consoante final, e levão só hum *e* mudo conforme a segunda regra.

MASCULINO.		FEMININO.	
Mauvais,	máo;	*mauvaise*,	má.
niais,	necio;	*niaise*,	necia.
ras,	raso;	*rase*,	rasa.
complet,	completo;	*complète*,	completa.
discret,	discreto;	*discrète*,	discreta.
inquiet,	inquieto;	*inquiète*,	inquieta.
replet,	repleto;	*replète*,	repleta.
secret,	secreto;	*secrète*,	secreta.
prêt,	disposto;	*prête*,	disposta.

MASCULINO.		FEMININO.	
dévot,	devoto;	*dévote*,	devota.
bigot,	santeiro;	*bigote*,	santeira.
cagot,	falso devoto;	*cagote*,	falsa devota.
idiot,	idiota;	*idiote*,	idiota.

Os adjectivos masculinos *beau*, bello; *nouveau*, novo; *fou*, louco; *mou*, molle; e *vieux*, velho; fazem tambem no masculino *bel, nouvel, fol, mol* e *vieil*, quando se achão antes de hum substantivo que comeca por huma vogal ou *h* mudo, v. g. *bel homme*, bello homem; *nouvel habit*, novo vestido; *vieil ami*, velho amigo; e he deste ultimo masculino que se forma o feminino, dobrando a consoante final e accrescentando-lhe hum *e* mudo, *belle*, *nouvelle*, *folle*, *molle*, *vieille*.

II.ª Excepção. Os adjectivos *blanc*, branco; *franc*, franco; *sec*, secco; *frais*, fresco; fazem no feminino *blanche, franche, sèche*, *fraîche*. *Caduc*, caduco; *public*, publico; *Grec*, Grego; *Turc*, Turco; fazem *caduque*, *publique*, *Grecque*, *Turque*. *Gentil*, lindo; *malin*, maligno; *benin*, benigno; fazem *gentille*, *maligne*, *benigne*. *Long*, comprido, faz *longue*, e *favori*, favorito; *favorite*.

III.ª Excepção. Os adjectivos que acabão no masculino em *f*, formão o seu feminino mudando *f* em *ve*.

Exemplos:

MASCULINO.		FEMININO.	
Actif,	activo;	*active*,	activa.
naïf,	ingenuo;	*naïve*,	ingenua.
neuf,	novo;	*neuve*,	nova.

IV.ª Fxcepção. Os adjectivos que terminão com *x* mudão o *x* em *se*.

Exemplos:

MASCULINO.		FEMININO.	
Heureux,	feliz;	*heureuse*,	feliz.
jaloux,	zelozo;	*jalouse*,	zelosa.
vertueux,	virtuoso;	*vertueuse*,	virtuosa.

Porem *doux*, doce; *faux*, falso; *roux*, ruivo; e *préfix*, prefixo; fazem no feminino *douce*, *fausse*, *rousse*, *préfixe*.

Formação do plural nos adjectivos.

Forma-se o plural masculino e feminino dos adjectivos do singular masculino e feminino, atendendo á terminação, conforme as regras e excepções que demos pelos substantivos.

Exemplos:

SINGULAR.			PLURAL.	
m.		f.	m.	f.
actif,	activo,	*active*;	*actifs*,	*actives*.
beau,	bello,	*belle*;	*beaux*,	*belles*.
égal,	igual,	*égale*;	*égaux*,	*égales*.
sage,	sabio,	*sage*;	*sages*,	*sages*.

Porem muitos adjectivos acabados em *al*, como *austral*, austral; *boréal*, boreal; *conjugal*, conjugal; *fatal*, fatal; *filial*, filial; *final*, final; *frugal*, frugal; *jovial*, jovial; *littéral*, litteral; *nasal*, nasal; *natal*, natal; *naval*, naval; *nuptial*, nupcial; *pascal*, pascoal; *pastoral*, pastoral; *pectoral*, pectoral; *spécial*, especial; *théâtral*, theatral; *vénal*, venal; não tem plural no masculino.

Dos gráos de significação nos adjectivos.

Podem os adjectivos exprimir as qualidades das cousas com mais ou menos extensão.

Ha tres gráos de significação ou qualificação no adjectivo, que são: *positivo*, *comparativo*, e *superlativo*.

O adjectivo he *positivo*, quando exprime simplesmente a qualidade de hum objecto, sem relação alguma com outro, he o adjectivo na sua forma natural.

Exemplo:

Un jeune homme poli *et* affable, *est aimé de*
Hum mancebo *attento* e *affavel*, he querido de
tout le monde.
todo o mundo.

O adjectivo he *comparativo*, quando exprime a qualidade com alguma comparação de hum objecto para outro. Quando se

compara duas cousas, acha-se que huma he ou superior, ou inferior, ou igual á outra, ha pois tres especies de comparativos.

1°. Para indicar hum comparativo de superioridade, poem-se *plus*, mais, antes do adjectivo.

Exemplo:

L'Asie est plus grande *que l'Europe.*
A Asia he *mais grande* que a Europa.

2.° Para indicar hum comparativo de inferioridade, poem-se *moins*, menos, ou *ne... si* ou *ne ... tant* não ... tão, antes do adjectivo.

Exemplos:

L'Europe est moins grande *que l'Amérique.*
A Europa he *menos grande* que a America.

Il n'est pas si généreux *que son père.*
Não he *tão liberal* como seu pai.

3.° Para indicar hum comparativo de igualdade, poem-se *aussi*, *autant*, tão, antes do adjectivo.

Exemplos:

L'histoire est aussi utile *qu'agréable.*
A historia he *tão util* como agradavel.

Le menteur est autant *méprisé que l'homme*
O mentiroso he *tão* desprezado como o homem
vrai est estimé.
verdadeiro he estimado.

Tres adjectivos francezes exprimem só huma comparação; 1.º *meilleur*, melhor; em vez de *plus bon*, que não se usa; 2º. *moindre*, menor; em vez de *plus petit* que se usa; 3.º *pire*, peor; em vez de *plus mauvais*, que tambem se usa.

O adjectivo he *superlativo*, quando exprime a qualidade em hum gráo muito elevado, divide-se o superlativo em absoluto e relativo.

O superlativo absoluto exprime a qualidade do objecto em hum gráo muito elevado, porem sem relação com outro objecto. Neste caso o adjectivo he precedido de huma destas palavras, *très*, *fort*, *bien*, muito, *infiniment*, infinitamente; *extrêmement*, extremamente.

Exemplos:

Paris est une très-belle *ville*, *une* fort belle *ville*, *une* bien belle *ville*.
Paris he huma cidade *muito bella*.

Dieu est infiniment bon.
Deos he *infinitamente bom*.

O superlativo relativo exprime no ultimo gráo o excesso ou defeito da qualidade, com huma comparação para outro objecto. Forma-se este superlativo pondo o artigo antes do adjectivo precedido de *plus*, mais; ou *moins*, menos.

Exemplo:

La sobriété rend la nourriture la plus simple *très-agréable; c'est elle qui donne avec la santé* la plus vigoureuse, *les plaisirs* les plus purs *et* les plus constans.

A sobriedade faz o alimento *mais simples* muito agradavel; ella he que dá com a saude *mais vigorosa*, os prazeres *mais puros* e *mais constantes*.

Sendo *meilleur*, *moindre* e *pire* comparativos por si mesmos precisa só pôr artigo antes delles para formar hum superlativo relativo, v. g. C'est *le pire* de tous; he *o peor* de todos.

§ III.—DOS NOMES NUMERAES.

Os nomes numeraes exprimem a quantidade ou a ordem das pessoas ou das cousas: dividem-se em *cardinaes*, *ordinaes*, *collectivos*, *partitivos* e *proporcionaes*. Os cardinaes e ordinaes são adjectivos, os outros são substantivos.

I.—*Numeros cardinaes.*

Os numeros cardinaes, assim nomeados por que servem a formar os outros, indicão a quantitade.

Un,	*hum.*
deux,	*dous, duas.*
trois,	*tres.*

quatre,	*quatro.*
cinq,	*cinco.*
six,	*seis.*
sept,	*sete.*
huit,	*oito.*
neuf,	*nove.*
dix,	*dez.*
onze,	*onze.*
douze,	*doze.*
treize,	*treze.*
quatorze,	*quatorze.*
quinze,	*quinze.*
seize,	*dez e seis.*
dix-sept,	*dez e sete.*
dix-huit,	*dez oito.*
dix-neuf,	*dez e nove.*
vingt,	*vinte.*
vingt-un,	*vinte e hum.*
vingt-deux,	*vinte e dous.*
vingt-trois,	*vinte e tres.*
vingt-quatre, etc.	*vinte e quatro, etc.*
trente,	*trinta*
trente-un, etc.	*trinta e hum, etc.*
quarante,	*quaranta.*
cinquante,	*cincoenta.*
soixante,	*sessenta.*
soixante-dix,	*setenta.*
soixante-onze,	*setenta e hum.*
soixante-douze,	*setenta e dous.*
soixante-treize,	*setenta e tres.*
soixante-quatorze,	*setenta e quatro.*
soixante-quinze,	*setenta e cinco.*
soixante-seize,	*setenta e seis.*
soixante-dix-sept,	*setenta e sete.*
soixante-dix-huit,	*setenta e oito.*
soixante-dix-neuf,	*setenta e nove.*

quatre-vingt,	*oitenta.*
quatre-vingt-dix,	*noventa.*
quatre-vingt-onze,	*noventa e hum.*
quatre-vingt-douze, etc.	*noventa e dous, etc.*
cent,	*cem, cento.*
cent un, etc.	*cento e hum.*
deux cents,	*duzentos, as.*
deux cent un, etc.	*duzentos e hum, etc.*
trois cents,	*trezentos, as.*
quatre cents, etc.	*quatro centos, as, etc.*
mille,	*mil.*
onze cents,	*mil e cento.*
douze cents, etc.	*mil e duzentos, etc.*
deux mille, etc.	*dous mil, etc.*

Un, hum, faz no feminino *une*, huma, os outros servem pelo masculino e feminino.

II.—*Numeros ordinaes.*

Assim se chamão estes numeros, porque demostrão a ordem.

Premier,	*primeiro.*
second, deuxième.	*segundo.*
troisième,	*terceiro.*
quatrième,	*quarto.*
cinquième,	*quinto.*
sixième,	*sexto.*
septième,	*setimo.*
huitième,	*oitavo.*
neuvième,	*nono.*
dixième,	*decimo.*
onzième,	*onzeno.*
douzième,	*duodecimo.*

treizième,	*decimo terceiro.*
quatorzième,	*decimo quarto.*
quinzième,	*decimo quinto.*
seizième,	*decimo sexto.*
dix-septième,	*decimo setimo.*
dix-huitième,	*decimo oitavo.*
dix-neuvième,	*decimo nono.*
vingtième,	*vigesimo.*
vingt-unième,	*vigesimo primeiro.*
vingt-deuxième, etc.	*vigesimo segundo.*
trentième,	*trigesimo.*
trente-unième, etc.	*trigesimo primeiro, etc.*
quarantième,	*quadragesimo.*
cinquantième,	*quinquagesimo.*
soixantième,	*sexagesimo.*
soixante-dixième,	*septuagesimo.*
soixante-onzième, etc.	*septuagesimo primeiro.*
quatre-vingtième,	*octogesimo.*
quatre-vingt-dixième,	*nonagesimo.*
quatre-vingt-onzième, etc.	*nonagesimo primeiro, etc.*
centième,	*centesimo.*
cent-unième, etc.	*centesimo premeiro, etc.*

Os numeros ordinaes seguem pela formação do feminino e do plural as regras dos adjectivos.

III.—*Numeros collectivos.*

Os numeros collectivos exprimem huma certa quantidade de pessoas ou cousas unidas, v. g. *dizaine*, dezena; *douzaine*, duzia; *vingtaine*, vintena; *trentaine*, trintena; *centaine*, centena; *million*, milhão, etc.

IV.—*Numeros partitivos.*

Os numeros partitivos exprimem as partes de huma quantidade, v. g. *la moitié*, a metade; *le tiers*, o terço; *le quart*, a quarta parte; *le cinquième*, a quinta parte, etc.

V.—*Numeros proporcionaes.*

Os numeros proporcionaes demostrão quantas vezes huma quantidade he repetida, v. g. *le double*, o dobro, *le triple*, o tresdobro; *le quadruple*, o quadruplo; *le quintuple*, o quintuplo, etc.

CAPITULO III.

DO PRONOME.

O pronome he huma parte da oração que se poem em lugar do nome. Ha seis especies de pronomes: *pessoaes*, *possessivos*, *relativos*, *absolutos*, *demonstrativos* e *indefinitos*.

I.—*Pronomes pessoaes.*

Os pronomes pessoaes demostrão as pessoas, ou se poem em lugar dellas. Ha tres pessoas; a primeira que falla, a segunda a que se falla, e a terceira de que se falla.

1.ª *Pessoa.*

Os pronomes da primeira pessoa são: *je*, eu; *me*, me; *moi*, mim, eu, pelo singular; *nous*, nos, pelo plural. Servem pelo masculino e feminino, e demostrão só pessoas, ou cousas personalizadas.

2.ª *Pessoa.*

Os pronomes da segunda pessoa saõ: *tu*, tu; *te*, te; *toi*, ti, tu, pelo singular; *vous*, vos, pelo plural. Servem pelo masculino e feminino, e demostrão só pessoas, ou cousas personalizadas.

3.ª *Pessoa.*

Os pronomes da terceira pessoa são: *il*, elle; *elle*, ella; *ils*, elles; *elles*, ellas; *lui*, elle, lhe; *eux*, elles; *le*, o; *la*, a; *les*, os, as; *leur*, lhes; *se*, se; *soi*, si.

Il, *elle*, *lui*, *le*, *la*, pelo singular; *ils*, *elles*, *eux*, *leur*, *les*, pelo plural; *se*, *soi*, pelos dous numeros.

Il, *ils*, *eux*, *le*, são masculinos; *elle*, *elles*, *la*, são femininos: porem *lui*, *leur*, *les*, *se*, *soi*, são dos dous generos.

A maior parte dos pronomes da terceira pessoa diz-se indifferentemente das pessoas e das cousas.

II.—*Pronomes possessivos.*

Os pronomes possessivos demostrão a possessaõ, ou a propriedade de huma cousa; e tem sempre relação com substantivos.

Ha duas especies de pronomes possessivos, huns precedem sempre os substantivos com que tem relação, chamão-se possessivos absolutos; outros vão sem substantivos, porém tem relação com substantivos já expressados, chamão-se possessivos relativos.

Pronomes possessivos absolutos.

SING. MASC.		SING. FEMIN.	
Mon,	o meu;	*ma*,	a minha.
Ton,	o teu;	*ta*,	a tua.
Son,	o seu;	*sa*,	a sua.
Notre,	o nosso;	*notre*,	a nossa.
Votre,	o vosso;	*votre*,	a vossa.
Leur,	o seu;	*leur*,	a sua.

PLURAL DOS DOUS GENEROS.

Mes,	os meus,	as minhas.
Tes,	os teus,	as tuas.
Ses,	os seus,	as suas.
Nos,	os nossos,	as nossas.
Vos,	os vossos,	as vossas.
Leur,	os seus,	as suas.

Pronomes possessivos relativos.

SING. MASC.		SING. FEMIN.	
Le mien,	meu;	*la mienne,*	minha.
Le tien,	teu;	*la tienne,*	tüa.
Le sien,	seu;	*la sienne,*	sua.
Le nôtre,	nosso;	*la nôtre,*	nossa.
Le vôtre,	vosso;	*la vôtre,*	vossa.
Le leur,	seu;	*la leur,*	sua.
PLUR. MASC.		PLUR. FEMIN.	
Les miens,	meus;	*les miennes,*	minhas.
Les tiens,	teus;	*les tiennes,*	tuas.
Les siens,	seus;	*les siennes,*	suas.
Les nôtres,	nossos;	*les nôtres,*	nossas.
Les vôtres,	vossos;	*les vôtres,*	vossas.
Les leurs,	seus;	*les leurs,*	suas.

Observações.

O artigo não precede, em francez, os possessivos absolutos, mas sim os possessivos relativos.

Usa-se de *mon, ton, son*, no feminino; em vez de *ma, ta, sa*, antes de hum nome que começa por vogal ou *h* mudo, assim se diz *mon âme*, a minha alma, em vez de *ma âme*; *ton histoire*, a tua historia, em vez de *ta histoire; son épée*, a sua espada, em vez de *sa épée.*

Ha nos pronomes possessivos, como nos pessoaes, os da primeira pessoa, os da segunda, e os da terceira.

São da primeira pessoa :

Mon, ma, mes, notre, nos.
Le mien, la mienne, les miens, les miennes.
Le nôtre, la nôtre, les nôtres.

São da segunda pessoa :

Ton, ta, tes, votre, vos.
Le tien, la tienne, les tiens, les tiennes.
Le vôtre, la vôtre, les vôtres.

São da terceira pessoa :

Son, sa, ses, leur, leurs.
Le sien, la sienne, les siens, les siennes.
Le leur, la leur, les leurs.

Usa-se dos pronomes *mon* e *le mien; ton* e *le tien; son* e *le sien*, fallando de huma cousa que pertence a huma só pessoa, porém fallando de huma cousa que pertence a muitas pessoas, serve-se dos pronomes *notre* e *le nôtre; votre* e *le vôtre; leur* e *le leur*.

III.—*Pronomes relativos.*

Os pronomes relativos lembrão no discurso a idea das pessoas e das cousas já referidas, determinando o objecto de que se trata.

Os pronomes relativos são :

DOS DOUS GENEROS E NUMEROS.

Qui,	que, quem.
Que,	que, quem.
Dont,	de que, de quem.
Quoi,	que.

PELO MASC. SING.		PELO FEMIN. SING.	
Lequel,	o qual;	*Laquelle*,	a qual.
Duquel,	do qual;	*De laquelle*,	da qual.
Auquel,	ao qual;	*A laquelle*,	á qual.

PELO MASC. PLUR.		PELO FEMIN. PLUR.	
Lesquels,	os quaes;	*lesquelles*,	as quaes.
Desquels,	dos quaes;	*desquelles*,	das quaes.
Auxquels,	aos quaes;	*auxquelles*,	ás quaes.

Qui, *que* e *dont*, podem referir-se ás pessoas e ás cousas, porem *qui* não pode referir-se ás cousas quando ha de ser precedido de huma preposição.

Quoi não pode referir-se senão ás cousas.

Lequel, *laquelle*, *lesquels*, *lesquelles*, etc. podem referir-se ás pessoas e ás cousas.

IV.—*Pronomes absolutos.*

Chamão-se assim estes pronomes por que não se referem a hum substantivo antecedente; servem para as frases interrogativas, e para aquellas que mostrão duvida e incerteza.

Os pronomes absolutos são:

DOS DOUS GENEROS E NUMEROS.	
Qui,	quem.
Que,	que.
Quoi,	que.

PELO MASC. SING.		PELO FEMIN. SING.	
Quel,	que, qual;	*quelle*,	que, qual.

PELO MASC. PLUR.		PELO FEMIN. PLUR.	
Quels,	que, quaes;	*quelles*,	que, quaes.

Qui não se applica senão ás pessoas.

Que e *quoi* não se applicão senão ás cousas.

Quel, *quelle*, *quels*, *quelles*, podem applicar-se ás pessoas e ás cousas.

V.—*Pronomes demonstrativos.*

Estes pronomes servem para demostrar a pessoa ou a cousa de que se falla.

Os pronomes demonstrativos são:

SINGULAR.

MASC.		FEMIN.	
Ce, cet,	este;	*cette,*	esta.
Celui,	aquelle;	*celle,*	aquella.
Celui-ci,	este;	*celle-ci,*	esta.
Celui-là,	esse;	*celle-là,*	essa.
Ceci,	isto;		
Cela,	esso, aquillo.		

PLURAL.

MASC.		FEMIN.	
Ces,	estes;	*ces,*	estas.
Ceux,	aquelles;	*celles,*	aquellas.
Ceux-ci,	estes;	*celles-ci,*	estas.
Ceux-là,	esses;	*celles-là,*	essas.

Cet poem-se antes dos substantivos que começão por vogal ou *h* mudo.

Ceci e *cela* não se usão senão fallando das cousas.

VI.—*Pronomes indefinitos.*

Chamão-se assim estes pronomes porque indicão huma pessoa ou cousa de hum modo indeterminado, ou indefinito, e são: *on*, se; *quelqu'un*, alguem; *quiconque*, quem; *chacun*, cada hum; *autrui*, outrem; *personne*, ninguem; *rien*, nada; *quelque*, algum, alguma; *chaque*, cada; *quelconque*, qualquer; *certain, e*, certo, a; *un, e*, hum, a; *nul, le, pas un, e, aucun, e*, ninguem, nenhum, a; *autre*, outro, a; *même*, mesmo, a; *tel, le*, tal; *plusieurs*, muitos, as; *tout, e*, todo, a; *qui que*, qualquer pessoa que; *quoi que*, qualquer cousa que; *quel que, quelle que* seja qual for; *quelque . . . que*, pormais . . . que; *tout, e . . . que ;* pormais . . . que.

CAPITULO IV.

DO VERBO.

O verbo he huma parte da oração que exprime huma acção produzida ou recebida, hum estado ou situação, e que varia por modos, tempos, pessoas e numeros.

Dos modos.

Os modos são as differentes maneiras nas quaes o verbo, mudando a sua forma, exprime a acção, o estado ou a situação das pessoas e das cousas.

Os modos são cinco: *indicativo*, *condicional*, *imperativo*, *subjunctivo* e *infinito*.

Dos tempos.

Chamão-se tempos as differentes partes do verbo que exprimem o tempo no qual a acção se passa.

Os tempos principaes são tres: o *presente* que exprime huma acção presente; o *preterito* que exprime huma acção passada; e o *futuro* que exprime huma acção futura.

Divide-se o preterito em cinco outros tempos: o *imperfeito*, o *preterito definito* ou *simplez*, o *preterito indefinito* ou *composto*, o *preterito anterior*, e o *preterito mais que perfeito*.

Divide-se tambem o futuro em dous tempos: o *futuro simplez*, *absoluto*, ou *precedente*, e o *futuro composto*, *anterior* ou *passado*.

Todos estes tempos são *simplez* ou *compostos*. Chamão-se *simplez* aquelles que se formão só pela variação da terminação do verbo; e *compostos* aquelles que se formão pelo meio de hum verbo auxiliar e do participio do verbo que se conjuga.

Conta-se em hum verbo deze nove tempos simplez ou compostos; outo no indicativo que são: *presente*, *imperfeito*, *preterito definito*, *preterito indefinito*, *preterito anterior*, *preterito mais que perfeito*, *futuro sim-*

plez, e *futuro anterior;* dous no condicional: o *presente* que serve tambem pelo futuro; e o *passado* que se exprime de duas maneiras; hum no imperativo; quatro no subjunctivo que são: *presente*, *imperfeito*, *preterito*, e *mais que perfeito;* emfim quatro no infinito: *presente*, *perfeito*, *participio presente*, e *participio passado*.

Das pessoas.

Ha tres pessoas nos verbos. A primeira he aquella que falla, designa-se pelos pronomes *je*, eu; e *nous*, nós; v. g. *j'aime*, eu amo; *nous aimons*, nós amamos. A segunda pessoa he aquella a que se falla, designa-se pelos pronomes *tu*, tu; e *vous*, vós, v. g. *tu aimes*, tu amas; *vous aimez*, vós amais. A terceira pessoa he aquella de que se falla, designa-se pelos pronomes *il*, *elle*, *ils*, *elles*, ou por hum substantivo, v. g. *il* ou *elle aime*, elle ou ella ama; *ils* ou *elles aiment*, elles ou ellas amão; *Pierre écrit*, Pedro escreve, etc.

Dos numeros.

Os verbos tem tambem os dous numeros: o singular, quando não ha senão huma só pessoa ou cousa; v. g. *J'aime*, *tu aimes*, *il aime*, eu amo, tu amas, elle ama; o plural, quando ha muitas pessoas ou cousas, v. g. *nous aimons*, *vous aimez*, *ils aiment*, nos amamos, vos amais, elles amão.

Das differentes especies de verbos.

Divide-se o verbo em quatro especies: o *verbo activo*, o *verbo passivo*, o *verbo neutro*, e o *verbo pronominal*.

O *verbo activo* exprime a acção de huma pessoa ou cousa sobre outra pessoa ou cousa; v. g. *écrire une lettre*, escrever huma carta.

O *verbo passivo* indica que huma pessoa ou cousa recebe a acção de outra pessoa ou cousa, v. g. *Les Maures furent chassés par les Portugais;* os Mouros forão expulsados pelos Portuguezes.

O *verbo neutro* indica o estado ou a situação de huma pessoa ou cousa, v. g. *Je dors*, eu durmo.

O *verbo pronominal* exprime a acção de huma pessoa ou cousa sobre si mesma; v. g. *Je me repens*, eu me arrependo.

Distingue-se tambem o verbo em *auxiliar*, *pessoal*, *impessoal*, *regular*, *irregular*, e *defectivo*.

O *verbo auxiliar* he aquelle que serve para formar os tempos compostos dos outros verbos.

O *verbo pessoal* he aquelle que tem todas as suas pessoas.

O *verbo impessoal* he aquelle que não tem senão a terceira pessoa do singular.

O *verbo regular* he aquelle que segue regras geraes na formação de seus tempos.

O *verbo irregular* he aquelle que se aparta das regras geraes na formação de seus tempos.

O *verbo defectivo* he aquelle que não tem todos os seus tempos, nem todas as suas pessoas.

Da conjugação dos verbos.

Recitar por ordem todos os modos de hum verbo com todos os seus tempos, pessoas e numeros, he o que chamamos *conjugar*.

Ha quatro conjugações que se distinguem pela terminação do presente do infinito.

A primeira conjugação contem todos os verbos que acabão no infinito em *er;* v. g. *donner*, dar; *aimer*, amar; *chanter*, cantar; etc.

A segunda conjugação contem todos os verbos que acabão no infinito em *ir*, v. g. *finir*, acabar; *souffrir*, padecer; etc.

A terceira conjugação tem o infinito acabado em *oir*, v. g. *recevoir*, receber; *vouloir*, querer; *voir*, ver; etc.

A quarta conjugação tem o infinito acabado em *re*, v. g. *rendre*, render; *lire*, ler; *mettre*, pôr; etc.

Sendo os verbos auxiliares muito necessarios pela conjugação dos outros, principiaremos pela conjugação destes verbos que são dous: *avoir*, ter ou haver, e *être*, ser ou estar.

Conjugação do verbo auxiliar, Avoir ; *Ter , Haver.*

INDICATIVO PRESENTE.

SINGULAR.

J'ai, *eu tenho, eu hei.*
Tu as, *tu tens.*
Il, elle a, *elle, ella tem.*

PLURAL.

Nous avons, *nos temos.*
Vous avez, *vós tendes.*
Ils, elles ont, *elles, ellas tem.*

IMPERFEITO.

SINGULAR.

J'avois, *eu tinha.*
Tu avois, *tu tinhas.*
Il avoit, *elle tinha.*

PLURAL.

Nous avions, *nós tinhamos.*
Vous aviez, *vós tinheis.*
Ils avoient, *elles tinhão.*

PRETERITO DEFINITO.

SINGULAR.

J'eus, *eu tive.*
Tu eus, *tu tiveste.*
Il eut, *elle teve.*

PLURAL.

Nous eûmes,	*nós tivemos.*
Vous eûtes,	*vós tivestes.*
Ils eurent,	*elles tiverão.*

PRETERITO INDEFINITO.

SINGULAR.

J'ai eu,	*eu tenho tido.*
Tu as eu,	*tu tens tido.*
Il a eu,	*elle tem tido.*

PLURAL.

Nous avons eu,	*nós temos tido.*
Vous avez eu,	*vós tendes tido.*
Ils ont eu,	*elles tem tido.*

PRETERITO ANTERIOR.

SINGULAR.

J'eus eu,	*eu tive tido.*
Tu eus eu,	*tu tiveste tido.*
Il eut eu,	*elle teve tido.*

PLURAL.

Nous eûmes eu,	*nós tivemos tido.*
Vous eûtes eu,	*vós tivestes tido.*
Ils eurent eu,	*elles tiverão tido.*

MAIS QUE PERFEITO.

SINGULAR.

J'avois eu,	*eu tinha tido.*
Tu avois eu,	*tu tinhas tido.*
Il avoit eu,	*elle tinha tido.*

PLURAL.

Nous avions eu, *nós tinhamos tido.*
Vous aviez eu, *vós tinheis tido.*
Ils avoient eu, *elles tinhão tido.*

FUTURO.

SINGULAR.

J'aurai, *eu terei.*
Tu auras, *tu terás.*
Il aura, *elle terá.*

PLURAL.

Nous aurons, *nós teremos.*
Vous aurez, *vós tereis.*
Ils auront, *elles terão.*

FUTURO ANTERIOR.

SINGULAR.

J'aurai eu, *eu terei tido.*
Tu auras eu, *tu terás tido.*
Il aura eu, *elle terá tido.*

PLURAL.

Nous aurons eu, *nós teremos tido.*
Vous aurez eu, *vós tereis tido.*
Ils auront eu, *elles terão tido.*

CONDICIONAL

PRESENTE *ou* FUTURO.

SINGULAR.

J'aurois, *eu teria.*
Tu aurois, *tu terias.*
Il auroit, *elle teria.*

PLURAL.

Nous aurions, *nós teriamos.*
Vous auriez, *vós terieis.*
Ils auroient, *elles terião.*

PASSADO.

SINGULAR.

J'aurois *ou* j'eusse eu, *eu teria tido.*
Tu aurois *ou* tu eusses eu, *tu terias tido.*
Il auroit *ou* il eût eu, *elle teria tido.*

PLURAL.

Nous aurions *ou* eussions eu, *nós teriamos tido.*
Vous auriez *ou* eussiez eu, *vós terieis tido.*
Ils auroient *ou* eussent eu, *elles terião tido.*

IMPERATIVO

PRESENTE *ou* FUTURO.

SINGULAR.

Aie, *tem tu.*
Qu'il ait, *tenha elle.*

PLURAL.

Ayons, *tenhamos nós.*
Ayez, *tende vós.*
Qu'ils aient, *tenhão elles.*

SUBJUNCTIVO

PRESENTE *ou* FUTURO.

SINGULAR.

Que j'aie, *que eu tenha.*
Que tu aies, *que tu tenhas.*
Qu'il ait, *que elle tenha.*

PLURAL.

Que nous ayons, *que nós tenhamos.*
Que vous ayez, *que vós tenhais.*
Qu'ils aient, *que elles tenhão.*

IMPERFEITO.

SINGULAR.

Que j'eusse, *que eu tivesse.*
Que tu eusses, *que tu tivesses.*
Qu'il eût, *que elle tivesse.*

PLURAL.

Que nous eussions, *que nós tivessemas.*
Que vous eussiez, *que vós tivesseis.*
Qu'ils eussent, *que elles tivessem.*

PRETERITO.

SINGULAR.

Que j'aie eu, *que eu tenha tido.*
Que tu aies eu, *que tu tenhas tido.*
Qu'il ait eu, *que elle tenha tido.*

PLURAL.

Que nous ayons eu, *que nós tenhamos tido*
Que vous ayez eu, *que vós tenhais tido.*
Qu'ils aient eu, *que elles tenhão tido*

MAIS QUE PERFEITO.

SINGULAR.

Que j'eusse eu, *que eu tivesse tido.*
Que tu eusses eu, *que tu tivesses tido.*
Qu'il eût eu, *que elle tivesse tido.*

PLURAL.

Que nous eussions eu, *que nós tivessemos tido.*
Que vous eussiez eu, *que vós tivesseis tido.*
Qu'ils eussent eu, *que elles tivessem tido.*

INFINITO.

PRESENTE.

Avoir, *ter.*

PRETERITO.

Avoir eu, *ter tido.*

PARTICIPIO PRESENTE.

Ayant, *tendo.*

PARTICIPIO PASSADO.

Eu, eue, *tido, tida.*

Conjugação do verbo auxiliar Être, *Ser, Estar.*

INDICATIVO.

PRESENTE.

SINGULAR.

Je suis, *eu sou* ou *estou.*
Tu es, *tu es.*
Il est, *elle he.*

PLURAL.

Nous sommes, *nós somos.*
Vous êtes, *vós sois.*
Ils sont, *elles são.*

IMPERFEITO.

SINGULAR.

J'étois, *eu era.*
Tu étois, *tu eras.*
Il étoit, *elle era.*

PLURAL.

Nous étions, *nós eramos.*
Vous étiez, *vós ereis.*
Ils étoient, *elles erão.*

PRETERITO DEFINITO.

SINGULAR.

Je fus, *eu fui.*
Tu fus, *tu foste.*
Il fut, *elle foi.*

PLURAL.

Nous fûmes, *nós fomos.*
Vous fûtes, *vós fostes.*
Ils furent, *elles forão.*

PRETERITO INDEFINITO.

SINGULAR.

J'ai été, *eu tenho sido.*
Tu as été, *tu tens sido.*
Il a été, *elle tem sido.*

PLURAL.

Nous avons été, *nós temos sido.*
Vous avez été, *vós tendes sido.*
Ils ont été, *elles tem sido.*

PRETERITO ANTERIOR.

SINGULAR.

J'eus été,	*eu tive sido.*
Tu eus été,	*tu tiveste sido.*
Il eut été,	*elle teve sido.*

PLURAL.

Nous eûmes été,	*nós tivemos sido.*
Vous eûtes été,	*vós tivestes sido.*
Ils eurent été,	*elles tiverão sido.*

MAIS QUE PERFEITO.

SINGULAR.

J'avois été,	*eu tinha sido.*
Tu avois été,	*tu tinhas sido.*
Il avoit été,	*elle tinha sido.*

PLURAL.

Nous avions été,	*nós tinhamos sido.*
Vous aviez été,	*vós tinheis sido.*
Ils avoient été,	*elles tinhão sido.*

FUTURO.

SINGULAR.

Je serai,	*eu serei.*
Tu seras,	*tu serás.*
Il sera,	*elle será.*

PLURAL.

Nous serons,	*nós seremos.*
Vous serez,	*vós sereis.*
Ils seront,	*elles serão.*

FUTURO ANTERIOR.

SINGULAR.

J'aurai été,	*eu terei sido.*
Tu auras été,	*tu terás sido.*
Il aura été,	*elle terá sido.*

PLURAL.

Nous aurons été,	*nós teremos sido.*
Vous aurez été,	*vós tereis sido.*
Ils auront été,	*elles terão sido.*

CONDICIONAL

PRESENTE *ou* FUTURO.

SINGULAR.

Je serois,	*eu seria.*
Tu serois,	*tu serias.*
Il seroit,	*elle seria.*

PLURAL.

Nous serions,	*nós seriamos.*
Vous seriez,	*vós serieis.*
Ils seroient,	*elles serião.*

PASSADO.

SINGULAR.

J'aurois été,	*eu teria sido.*
Tu aurois été,	*tu terias sido.*
Il auroit été,	*elle teria sido.*

PLURAL.

Nous aurions été,	*nós teriamos sido.*
Vous auriez été,	*vós terieis sido.*
Ils auroient été,	*elles terião sido.*

IMPERATIVO

PRESENTE *ou* FUTURO.

SINGULAR.

Sois,	*sê tu.*
Qu'il soit,	*seja elle.*

PLURAL.

Soyons,	*sejamos nós.*
Soyez,	*sede vós.*
Qu'ils soient,	*sejão elles.*

SUBJUNCTIVO

PRESENTE *ou* FUTURO.

SINGULAR.

Que je sois,	*que eu seja.*
Que tu sois,	*que tu sejas.*
Qu'il soit,	*que elle seja.*

PLURAL.

Que nous soyons,	*que nós sejamos.*
Que vous soyez,	*que vós sejais.*
Qu'ils soient,	*que elles sejão.*

IMPERFEITO.

SINGULAR.

Que je fusse,	*que eu fosse.*
Que tu fusses,	*que tu fosses.*
Qu'il fût,	*que elle fosse.*

PLURAL.

Que nous fussions,	*que nós fossemos.*
Que vous fussiez,	*que vós fosseis.*
Qu'ils fussent,	*que elles fossem.*

PRETERITO.

SINGULAR.

Que j'aie été,	*que eu tenha sido.*
Que tu aies été,	*que tu tenhas sido.*
Qu'il ait été,	*que elle tenha sido.*

PLURAL.

Que nous ayons été,	*que nós tenhamos sido,*
Que vous ayez été,	*que vós tenhais sido.*
Qu'ils aient été,	*que elles tenhão sido.*

MAIS QUE PERFEITO.

SINGULAR.

Que j'eusse été,	*que eu tivesse sido.*
Que tu eusses été,	*que tu tivesses sido.*
Qu'il eût été,	*que elle tivesse sido.*

PLURAL.

Que nous eussions été,	*que nós tivessemos sido.*
Que vous eussiez été,	*que vós tivesseis sido.*
Qu'ils eussent été,	*que elles tivessem sido.*

INFINITO.

PRESENTE.

Être, *ser, estar.*

PRETERITO.

Avoir été, *ter sido.*

PARTICIPIO PRESENTE.

Étant, *sendo.*

PARTICIPIO PASSADO.

Été, *sido, sida.*

Observação. Sendo muito importante o conhecer bem a conjugação dos dous verbos auxiliares, he preciso conjugalos muitas vezes até poder escrevelos correctamente sem modelo. Pode conjugar-se o verbo *avoir* com hum substantivo, e o verbo *être* com hum adjectivo.

Modo de conjugar o verbo Avoir *com hum substantivo.*

INDICATIVO.

PRESENTE.

SINGULAR.

J'ai faim, *eu tenho fome.*
Tu as faim, *tu tens fome.*
Il a faim, *elle tem fome.*

PLURAL.

Nous avons faim, *nós temos fome.*
Vous avez faim, *vós tendes fome.*
Ils ont faim, *elles tem fome.*

Segue-se o mesmo modo nos outros tempos, e assim se conjugarão, *avoir besoin*, ter necessidade; *avoir raison*, ter razão; *avoir peur*, ter medo; *avoir froid*, ter frio, etc.

Modo de conjugar o verbo Être *com hum adjectivo.*

INDICATIVO.

PRESENTE.

SINGULAR.

Je suis content, (1)	*eu sou contente.*
Tu es content,	*tu es contente.*
Il est content,	*elle he contente.*

PLURAL.

Nous sommes contents,	*nós somos contentes.*
Vous êtes contents, (2)	*vós sois contentes.*
Ils sont contents,	*elles são contentes.*

Segue-se o mesmo modo nos outros tempos, e assim se conjugarão *être prudent*, ser prudente; *être discret*, ser discreto; *être exact*, ser exacto, etc.

---

(1) O adjectivo varia pelo feminino e pelo plural conforme as regras da formação dos generos e do numeros.

(2) Quando por cortezia usa-se a segunda pesso do plural em vez da segunda pessoa do singular, adjectivo fica no singular.

Conjugação dos verbos activos.

PRIMEIRA CONJUGAÇÃO.

INFINITO em *er.*

Aimer, Amar.

INDICATIVO.

PRESENTE.

SINGULAR.

J'aime,	*eu amo.*
Tu aimes,	*tu amas.*
Il aime,	*elle ama.*

PLURAL.

Nous aimons,	*nós amamos.*
Vous aimez,	*vós amais.*
Ils aiment,	*elles amão.*

IMPERFEITO.

SINGULAR.

J'aimois,	*eu amava.*
Tu aimois,	*tu amavas.*
Il aimoit,	*elle amava.*

PLURAL.

Nous aimions,	*nós amavamos.*
Vous aimiez,	*vós amaveis.*
Ils aimoient,	*elles amavão.*

PRETERITO DEFINITO.

SINGULAR.

J'aimai, *eu amei.*
Tu aimas, *tu amaste.*
Il aima, *elle amou.*

PLURAL.

Nous aimâmes, *nós amámos.*
Vous aimâtes, *vós amastes.*
Ils aimèrent, *elles amárão.*

PRETERITO INDEFINITO.

SINGULAR.

J'ai aimé, *eu tenho amado,*
Tu as aimé, *tu tens amado.*
Il a aimé, *elle tem amado.*

PLURAL.

Nous avons aimé, *nós temos amado.*
Vous avez aimé, *vós tendes amado.*
Ils ont aimé, *elles tem amado.*

PRETERITO ANTERIOR.

SINGULAR.

J'eus aimé, *eu tive amado.*
Tu eus aimé, *tu tiveste amado.*
Il eut aimé, *elle teve amado.*

PLURAL.

Nous eûmes aimé, *nós tivemos amado.*
Vous eûtes aimé, *vós tivestes amado.*
Ils eurent aimé, *elles tiverão amado.*

MAIS QUE PERFEITO.

SINGULAR.

J'avois aimé,	*eu tinha amado.*
Tu avois aimé,	*tu tinhas amado.*
Il avoit aimé,	*elle tinha amado.*

PLURAL.

Nous avions aimé,	*nós tinhamos amado.*
Vous aviez aimé,	*vós tinheis amado.*
Ils avoient aimé,	*elle tinhão amado.*

FUTURO.

SINGULAR.

J'aimerai,	*eu amarei.*
Tu aimeras,	*tu amarás.*
Il aimera,	*elle amará.*

PLURAL.

Nous aimerons,	*nós amaremos.*
Vous aimerez,	*vós amareis.*
Ils aimeront,	*elles amarão.*

FUTURO PASSADO.

SINGULAR.

J'aurai aimé,	*eu terei amado.*
Tu auras aimé,	*tu terás amado.*
Il aura aimé,	*elle terá amado.*

PLURAL.

Nous aurons aimé,	*nós teremos amado.*
Vous aurez aimé,	*vós tereis amado.*
Ils auront aimé,	*elles terão amado.*

CONDICIONAL

PRESENTE *ou* FUTURO.

SINGULAR.

J'aimerois, *eu amaria.*
Tu aimerois, *tu amarias.*
Il aimeroit, *elle amaria.*

PLURAL.

Nous aimerions, *nós amariamos.*
Vous aimeriez, *vós amarieis.*
Ils aimeroient, *elles amarião.*

PASSADO.

SINGULAR.

J'aurois *ou* j'eusse aimé, *eu teria amado.*
Tu aurois *ou* tu eusses aimé, *tu terias amado.*
Il auroit *ou* il eût aimé, *elle teria amado.*

PLURAL.

Nous aurions *ou* nous eussions aimé, } *nós teriamos amado.*
Vous auriez *ou* vous eussiez aimé, } *vós terieis amado.*
Ils auroient *ou* ils eussent aimé, } *elles terião amado.*

IMPERATIVO

PRESENTE *ou* FUTURO.

SINGULAR.

Aime, *ama tu.*
Qu'il aime, *ame elle.*

PLURAL.

Aimons,	*amemos nós.*
Aimez,	*amai vós.*
Qu'ils aiment,	*amem elles.*

SUBJUNCTIVO

PRESENTE *ou* FUTURO.

SINGULAR.

Que j'aime,	*que eu ame.*
Que tu aimes,	*que tu ames.*
Qu'il aime,	*que elle ame.*

PLURAL.

Que nous aimions,	*que nós amemos.*
Que vous aimiez,	*que vós ameis.*
Qu'ils aiment,	*que elles amem.*

IMPERFEITO.

SINGULAR.

Que j'aimasse,	*que eu amasse.*
Que tu aimasses,	*que tu amasses.*
Qu'il aimât,	*que elle amasse.*

PLURAL.

Que nous aimassions,	*que nós amassemos.*
Que vous aimassiez,	*que vós amasseis.*
Qu'ils aimassent,	*que elles amassem.*

PRETERITO.

SINGULAR.

Que j'aie aimé, *que eu tenha amado.*
Que tu aies aimé, *que tu tenhas amado.*
Qu'il ait aimé, *que elle tenha amado.*

PLURAL.

Que nous ayons aimé, *que nós tenhamos amado.*
Que vous ayez aimé, *que vós tenhais amado.*
Qu'ils aient aimé, *que elles tenhão amado.*

MAIS QUE PERFEITO.

SINGULAR.

Que j'eusse aimé, *que eu tivesse amado.*
Que tu eusses aimé, *que tu tivesses amado.*
Qu'il eût aimé, *que elle tivesse amado.*

PLURAL.

Que nous eussions aimé, *que nós tivessemos amado.*
Que vous eussiez aimé, *que vós tivesseis amado.*
Qu'ils eussent aimé, *que elles tivessem amado.*

INFINITO

PRESENTE.

Aimer, *amar.*

PRETERITO.

Avoir aimé, *ter amado.*

PARTICIPIO PRESENTE.

Aimant, *amando.*

PARTICIPIO PASSADO.

Aimé, e, *amado, a.*

SEGUNDA CONJUGAÇÃO.

INFINITO em *ir*.

Finir, Acabar.

INDICATIVO

PRESENTE.

SINGULAR.

Je finis,	*eu acabo.*
Tu finis,	*tu acabas.*
Il finit,	*elle acaba.*

PLURAL.

Nous finissons,	*nós acabamos.*
Vous finissez,	*vós acabais.*
Ils finissent,	*elles acabão.*

IMPERFEITO.

SINGULAR.

Je finissois,	*eu acabava.*
Tu finissois,	*tu acabavas.*
Il finissoit,	*elle acabava.*

PLURAL.

Nous finissions,	*nós acabavamos.*
Vous finissiez,	*vós acabaveis.*
Ils finissoient,	*elles acabavão.*

PRETERITO DEFINITO.

SINGULAR.

Je finis,	*eu acabei.*
Tu finis,	*tu acabaste.*
Il finit,	*elle acabou.*

PLURAL.

Nous finîmes,	*nós acabámos.*
Vous finîtes,	*vós acabastes.*
Ils finirent,	*elles açabárão.*

PRETERITO INDEFINITO.

SINGULAR.

J'ai fini,	*eu tenho acabado.*
Tu as fini,	*tū tens acabado.*
Il a fini,	*elle tem acabado.*

PLURAL.

Nous avons fini,	*nós temos acabado.*
Vous avez fini,	*vós tendes acabado.*
Ils ont fini,	*elles tem acabado.*

PRETERITO ANTERIOR.

SINGULAR.

J'eus fini,	*eu tive acabado.*
Tu eus fini,	*tu tiveste acabado.*
Il eut fini,	*elle teve acabado.*

PLURAL.

Nous eûmes fini,	*nós tivemos acabado.*
Vous eûtes fini,	*vós tivestes acabado.*
Ils eurent fini,	*elles tiverão acabado.*

MAIS QUE PERFEITO.

SINGULAR.

J'avois fini,	*eu tinha acabado.*
Tu avois fini,	*tu tinhas acabado.*
Il avoit fini,	*elle tinha acabado.*

PLURAL.

Nous avions fini,	*nós tinhamos acabado.*
Vous aviez fini,	*vós tinheis acabado.*
Ils avoient fini,	*elles tinhão acabado.*

FUTURO.

SINGULAR.

Je finirai,	*eu acabarei.*
Tu finiras,	*tu acabarás.*
Il finira,	*elle acabará.*

PLURAL.

Nous finirons,	*nós acabaremos.*
Vous finirez,	*vós acabareis.*
Ils finiront,	*elles acabarão.*

FUTURO PASSADO.

SINGULAR.

J'aurai fini,	*eu terei acabado.*
Tu auras fini,	*tu terás acabado.*
Il aura fini,	*elle terá acabado.*

PLURAL.

Nous aurons fini,	*nós teremos acabado.*
Vous aurez fini,	*vós tereis acabado.*
Ils auront fini,	*elles terão acabado.*

CONDICIONAL

PRESENTE *ou* FUTURO.

SINGULAR.

Je finirois,	*eu acabaria.*
Tu finirois,	*tu acabarias.*
Il finiroit,	*elle acabaria.*

PLURAL.

Nous finirions,	*nós acabariamos.*
Vous finiriez,	*vós acabarieis.*
Ils finiroient,	*elles acabarião.*

PASSADO.

SINGULAR.

J'aurois *ou* j'eusse fini,	*eu teria acabado.*
Tu aurois *ou* tu eusses fini,	*tu terias acabado.*
Il auroit *ou* il eût fini,	*elle teria acabado.*

PLURAL.

Nous aurions *ou* nous eussions fini,	*nós teriamos acabado.*
Vous auriez *ou* vous eussiez fini,	*vós terieis acabado.*
Ils auroient *ou* ils eussent fini,	*elles terião acabado.*

IMPERATIVO

PRESENTE *ou* FUTURO.

SINGULAR.

Finis,	*acaba tu.*
Qu'il finisse,	*acabe elle.*

PLURAL.

Finissons,	*acabemos nós.*
Finissez,	*acabai vós.*
Qu'ils finissent,	*acabem elles.*

SUBJUNCTIVO

PRESENTE *ou* FUTURO.

SINGULAR.

Que je finisse,	*que eu acabe.*
Que tu finisses,	*que tu acabes.*
Qu'il finisse,	*que elle acabe.*

PLURAL.

Que nous finissions,	*que nós acabamos.*
Que vous finissiez,	*que vós acabeis.*
Qu'ils finissent,	*que elles acabem.*

IMPERFEITO.

SINGULAR.

Que je finisse,	*que eu acabasse.*
Que tu finisses,	*que tu acabasses.*
Qu'il finît,	*que elle acabasse.*

PLURAL.

Que nous finissions,	*que nós acabassemos.*
Que vous finissiez,	*que vós acabasseis.*
Qu'ils finissent,	*que elles acabassem.*

PRETERITO.

SINGULAR.

Que j'aie finî,	*que eu tenha acabado.*
Que tu aies fini,	*que tu tenhas acabado.*
Qu'il ait fini,	*que elle tenha acabado.*

PLURAL.

Que nous ayons fini, *que nós tenhamos acabado.*
Que vous ayez fini, *que vós tenhais acabado.*
Qu'ils aient fini, *que elles tenhão acabado.*

MAIS QUE PERFEITO.

SINGULAR.

Que j'eusse fini, *que eu tivesse acabado.*
Que tu eusses fini, *que tu tivesses acabado.*
Qu'il eût fini, *que elle tivesse acabado.*

PLURAL.

Que nous eussions fini, *que nós tivessemos acabado.*
Que vous eussiez fini, *que vós tivesseis acabado.*
Qu'ils eussent fini, *que elles tivessem acabado.*

INFINITO.

PRESENTE.

Finir, *acabar.*

PRETERITO.

Avoir fini, *ter acabado.*

PARTICIPIO PRESENTE.

Finissant, *acabando.*

PARTICIPIO PASSADO.

Fini, e, *acabado, a.*

TERCEIRA CONJUGAÇÃO.

INFINITO em *oir*.

Recevoir, Receber.

INDICATIVO

PRESENTE.

SINGULAR.

Je reçois,	*eu recebo.*
Tu reçois,	*tu recebes.*
Il reçoit,	*elle recebe.*

PLURAL.

Nous recevons,	*nós recebemos.*
Vous recevez,	*vós recebeis.*
Ils reçoivent,	*elles recebem.*

IMPERFEITO.

SINGULAR.

Je recevois,	*eu recebia.*
Tu recevois,	*tu recebias.*
Il recevoit,	*elle recebia.*

PLURAL.

Nous recevions,	*nós recebiamos.*
Vous receviez,	*vós recebieis.*
Ils recevoient,	*elles recebião.*

PRETERITO DEFINITO.

SINGULAR.

Je reçus,	*eu recebi.*
Tu reçus,	*tu recebeste.*
Il reçut,	*elle recebeo.*

PLURAL.

Nous reçûmes,	*nós recebémos.*
Vous reçûtes,	*vós recebestes.*
Ils reçurent,	*elles recebérão.*

PRETERITO INDEFINITO.

SINGULAR.

J'ai reçu,	*eu tenho recebido.*
Tu as reçu,	*tu tens recebido.*
Il a reçu,	*elle tem recebido.*

PLURAL.

Nous avons reçu,	*nós temos recebido.*
Vous avez reçu,	*vós tendes recebido.*
Ils ont reçu,	*elles tem recebido.*

PRETERITO ANTERIOR.

SINGULAR.

J'eus reçu,	*eu tive recebido.*
Tu eus reçu,	*tu tiveste recebido.*
Il eut reçu,	*elle teve recebido.*

PLURAL.

Nous eûmes reçu,	*nós tivemos recebido.*
Vous eûtes reçu,	*vós tivestes recebido.*
Ils eurent reçu,	*elles tiverão recebido.*

MAIS QUE PERFEITO.

SINGULAR.

J'avois reçu, *eu tinha recebido.*
Tu avois reçu, *tu tinhas recebido.*
Il avoit reçu, *elle tinha recebido.*

PLURAL.

Nous avions reçu, *nós tinhamos recebido.*
Vous aviez reçu, *vós tinheis recebido.*
Ils avoient reçu, *elles tinhão recebido.*

FUTURO.

SINGULAR.

Je recevrai, *eu receberei.*
Tu recevras, *tu receberás.*
Il recevra, *elle receberá.*

PLURAL.

Nous recevrons, *nós receberemos.*
Vous recevrez, *vós recebereis.*
Ils recevront, *elles receberão.*

FUTURO PASSADO.

SINGULAR.

J'aurai reçu, *eu terei recebido.*
Tu auras reçu, *tu terás recebido.*
Il aura reçu, *elle terá recebido.*

PLURAL.

Nous aurons reçu, *nós teremos recebido.*
Vous aurez reçu, *vós tereis recebido.*
Ils auront reçu, *elles terão recebido.*

CONDICIONAL

PRESENTE *ou* FUTURO.

SINGULAR.

Je recevrois, *eu receberia.*
Tu recevrois, *tu receberias.*
Il recevroit, *elle receberia.*

PLURAL.

Nous recevrions, *nós receberiamos.*
Vous recevriez, *vós receberieis.*
Ils recevroient, *elles receberião.*

PASSADO.

SINGULAR.

J'aurois *ou* j'eusse reçu, *eu teria recebido.*
Tu aurois *ou* tu eusses reçu, *tu terias recebido.*
Il auroit *ou* il eût reçu, *elle teria recebido.*

PLURAL.

Nous aurions *ou* nous eussions reçu, *nós teriamos recebido.*
Vous auriez *ou* vous eussiez reçu, *vós terieis recebido.*
Ils auroient *ou* ils eussent reçu, *elles terião recebido.*

IMPERATIVO

PRESENTE *ou* FUTURO.

SINGULAR.

Reçois, *recebe tu.*
Qu'il reçoive, *receba elle.*

PLURAL.

Recevons,	*recebamos nós.*
Recevez,	*recebei vós.*
Qu'ils reçoivent,	*recebão elles.*

SUBJUNCTIVO

PRESENTE *ou* FUTURO.

SINGULAR.

Que je reçoive,	*que eu receba.*
Que tu reçoives,	*que tu recebas.*
Qu'il reçoive,	*que elle receba.*

PLURAL.

Que nous recevions,	*que nós recebamos.*
Que vous receviez,	*que vós recebais.*
Qu'il rеçoivent,	*que elles recebão.*

IMPERFEITO.

SINGULAR.

Que je reçusse,	*que eu recebesse.*
Que tu reçusses,	*que tu recebesses.*
Qu'il reçût,	*que elle recebesse.*

PLURAL.

Que nous reçussions,	*que nós recebessemos.*
Que vous reçussiez,	*que vós recebesseis.*
Qu'ils reçussent,	*que elles recebessem.*

PRETERITO.

SINGULAR.

Que j'aie reçu,	*que eu tenha recebido.*
Que tu aies reçu,	*que tu tenhas recebido.*
Qu'il ait reçu,	*que elle tenha recebido.*

PLURAL.

Que nous ayons reçu,	*que nós tenhamos recebido.*
Que vous ayez reçu,	*que vós tenhais recebido.*
Qu'ils aient reçu,	*que elles tenhão recebido.*

MAIS QUE PERFEITO.

SINGULAR.

Que j'eusse reçu,	*que eu tivesse recebido.*
Que tu eusses reçu,	*que tu tivesses recebido.*
Qu'il eût reçu,	*que elle tivesse recebido.*

PLURAL.

Que nous eussions reçu,	*que nós tivessemos recebido.*
Que vous eussiez reçu,	*que vós tivesseis recebido.*
Qu'ils eussent reçu,	*que elles tivessem recebido.*

INFINITO

PRESENTE.

Recevoir, *receber.*

PRETERITO.

Avoir reçu, *ter recebido.*

PARTICIPIO PRESENTE.

Recevant, *recebendo.*

PARTICIPIO PASSADO.

Reçu, e, *recebido, a.*

QUARTA CONJUGAÇÃO.

INFINITO em *re*.

Rendre, Entregar.

INDICATIVO

PRESENTE.

SINGULAR.

Je rends,	*eu entrego.*
Tu rends,	*tu entregas.*
Il rend,	*elle entrega.*

PLURAL.

Nous rendons,	*nós entregamos.*
Vous rendez,	*vós entregais.*
Ils rendent,	*elles entregão.*

IMPERFEITO.

SINGULAR.

Je rendois,	*eu entregava.*
Tu rendois,	*tu entregavas.*
Il rendoit,	*elle entregava.*

PLURAL.

Nous rendions,	*nós entregavamos.*
Vous rendiez,	*vós entregaveis.*
Ils rendoient,	*elles entregavão.*

PRETERITO DEFINITO.

SINGULAR.

Je rendis,	*eu entreguei.*
Tu rendis,	*tu entregaste.*
Il rendit,	*elle entregou.*

PLURAL.

Nous rendîmes,	*nós entregámos.*
Vous rendîtes,	*vós entregastes.*
Ils rendirent,	*elles entregárão.*

PRETERITO INDEFINITO.

SINGULAR.

J'ai rendu,	*eu tenho entregado.*
Tu as rendu,	*tu tens entregado.*
Il a rendu,	*elle tem entregado.*

PLURAL.

Nous avons rendu,	*nós temos entregado.*
Vous avez rendu,	*vós tendes entregado.*
Ils ont rendu,	*elles tem entregado.*

PRETERITO ANTERIOR.

SINGULAR.

J'eus rendu,	*eu tive entregado.*
Tu eus rendu,	*tu tiveste entregado.*
Il eut rendu,	*elle teve entregado.*

PLURAL.

Nous eûmes rendu,	*nós tivemos entregado.*
Vous eûtes rendu,	*vós tivestes entregado.*
Ils eurent rendu,	*elles tiverão entregado.*

MAIS QUE PERFEITO.

SINGULAR.

J'avois rendu,	*eu tinha entregado.*
Tu avois rendu,	*tu tinhas entregado.*
Il avoit rendu,	*elle tinha entregado.*

PLURAL.

Nous avions rendu,	*nós tinhamos entregado.*
Vous aviez rendu,	*vós tinheis entregado.*
Ils avoient rendu,	*elles tinhão entregado.*

FUTURO.

SINGULAR.

Je rendrai,	*eu entregarei,*
Tu rendras,	*tu entregarás.*
Il rendra,	*elle entregará.*

PLURAL.

Nous rendrons,	*nós entregaremos.*
Vous rendrez,	*vós entregareis,*
Ils rendront,	*elles entregarão.*

FUTURO PASSADO.

SINGULAR.

J'aurai rendu,	*eu terei entregado,*
Tu auras rendu,	*tu terás entregado.*
Il aura rendu,	*elle terá entregado.*

PLURAL.

Nous aurons rendu,	*nós teremos entregado;*
Vous aurez rendu,	*vós tereis entregado.*
Ils auront rendu,	*elles terão entregado.*

CONDICIONAL

PRESENTE *ou* FUTURO.

SINGULAR.

Je rendrois,	*eu entregaria.*
Tu rendrois,	*tu entregarias.*
Il rendroit,	*elle entregaria.*

PLURAL.

Nous rendrions,	*nós entregariamos.*
Vous rendriez,	*vós entregarieis.*
Ils rendroient,	*elles entregarião.*

PASSADO.

SINGULAR.

J'aurois *ou* j'eusse rendu,	*eu teria entregado.*
Tu aurois *ou* tu eusses rendu,	*tu terias entregado.*
Il auroit *ou* il eût rendu,	*elle teria entregado.*

PLURAL.

Nous aurions *ou* nous eussions rendu,	*nós teriamos entregado*
Vous auriez *ou* vous eussiez rendu,	*vós terieis entregado.*
Ils auroient *ou* ils eussent rendu,	*elles terião entregado.*

IMPERATIVO

PRESENTE *ou* FUTURO.

SINGULAR.

Rends,	*entrega tu.*
Qu'il rende,	*entregue elle.*

PLURAL.

Rendons, *entreguemos nós.*
Rendez, *entregai vós.*
Qu'ils rendent, *entreguem elles.*

SUBJUNCTIVO

PRESENTE *ou* FUTURO.

SINGULAR.

Que je rende, *que eu entregue.*
Que tu rendes, *que tu entregues.*
Qu'il rende, *que elle entregue.*

PLURAL.

Que nous rendions, *que nós entreguemos.*
Que vous rendiez, *que vós entregueis.*
Qu'ils rendent, *que elles entreguem.*

IMPERFEITO.

SINGULAR.

Que je rendisse, *que eu entregasse.*
Que tu rendisses, *que tu entregasses.*
Qu'il rendît, *que elle entregasse.*

PLURAL.

Que nous rendissions, *que nós entregassemos.*
Que vous rendissiez, *que vós entregasseis.*
Qu'ils rendissent, *que elles entregassem.*

PRETERITO.

SINGULAR.

Que j'aie rendu, *que eu tenha entregado.*
Que tu aies rendu, *que tu tenhas entregado.*
Qu'il ait rendu, *que elle tenha entregado.*

PLURAL.

Que nous ayons rendu,	*que nós tenhamos entregado.*
Que vous ayez rendu,	*que vós tenhais entregado.*
Qu'ils aient rendu,	*que elles tenhão entregado.*

MAIS QUE PERFEITO.

SINGULAR.

Que j'eusse rendu,	*que eu tivesse entregado.*
Que tu eusses rendu,	*que tu tivesses entregado.*
Qu'il eût rendu,	*que elle tivesse entregado.*

PLURAL.

Que nous eussions rendu,	*que nós tivessemos entregado.*
Que vous eussiez rendu,	*que vós tivesseis entregado.*
Qu'ils eussent rendu,	*que elles tivessem entregado.*

INFINITO

PRESENTE.

Rendre, *entregar.*

PRETERITO.

Avoir rendu, *ter entregado.*

PARTICIPIO PRESENTE.

Rendant, *entregando.*

PARTICIPIO PASSADO.

Rendu, e, *entregado, a.*

Conjugação dos verbos passivos.

Não ha senão huma só conjugação por todos os verbos passivos, he o verbo *étre* em todos os seus tempos ao qual ajunta-se o participio passado do verbo activo de que se quizer formar o passivo. Sendo este participio hum verdadeiro adjectivo, a conjugação passiva he absolutamente a mesma que a do verbo *étre* com hum adjectivo. (Veja-se pag. 72.)

Conjugação dos verbos neutros.

Conjuga-se a maior parte dos verbos neutros como os verbos activos, com o verbo auxiliar *avoir;* v. g. *marcher,* caminhar; *dormir,* dormir, etc. que fazem *j'ai marché*, eu tenho caminhado; *j'ai dormi,* eu tenho dormido, etc.; então os verbos *aimer, finir, recevoir, rendre,* servem de modelos por estes verbos como pelos verbos activos. Ha huma só differencia entre o verbo activo e o verbo neutro, que se conjuga com o auxiliar *avoir*, he que o participio passado do verbo activo, pode considerar-se como adjectivo em vez que o participio passado do verbo neutro conjugado com *avoir*, he huma palavra invariavel. Dizemos bem *une personne aimée*, huma pessoa amada; *un travail fini*, hum trabalho acabado,

etc.; então os participios *aimé*, *fini*, etc. podem variar pelo feminino e pelo plural: mas não diriamos do mesmo modo, *une personne* ou *une chose marchée*, huma pessoa *ou* cousa caminhada; *une personne* ou *une chose dormie*, huma pessoa *ou* cousa dormida; então os participios *marché*, *dormi*, são palavras invariaveis, e quando se conjugar esta casta de verbos deve-se escrever o participio só no masculino.

Ha alguns verbos neutros que conjugão-se nos tempos compostos com o auxiliar *être* em vez do auxiliar *avoir*. Substituir-se ha então aos tempos do auxiliar *avoir* os tempos correspondentes do verbo *être*; v. g. *je suis tombé*, eu tenho cahido; *j'étois arrivé*, eu tenha chegado, etc. em vez de *j'ai tombé*, *j'avois arrivé*, etc. Os verbos neutros que conjugão-se com o auxiliar *être*, são os seguintes: *aller*, ir; *arriver*, chegar; *choir*, cahir; *déchoir*, descahir; *décéder*, morrer; *entrer*, entrar; *mourir*, morrer; *naître*, nascer; *partir*, partir; *rester*, ficar; *sortir*, sahir; *tomber*, cahir; *venir*, vir; *devenir*, vir a ser; *intervenir*, intervir; *parvenir*, chegar; *revenir*, tornar; *survenir*, sobrevir.

Outros verbos neutros conjugão-se igualmente com *avoir* ou *être*. Estes são *accourir*, vir de pressa; *apparoître*, appa-

recer; *disparoître*, desapparecer; *croître*, crecer; *décroître*, decrecer; *accroître*, augmentar; *recroître*, recrecer. Diz-se igualmente: *ils ont accouru* e *ils sont accourus*, *etc.* elles tem vindo de pressa, etc. Porem ha alguns verbos que conjugão-se algumas vezes com o auxiliar *avoir* e outras com *être* conforme o differente senso que tem. Estes são: *accoucher*, *cesser*, *demeurer*, *descendre*, *monter*, *échapper*, *passer*, *convenir;* conjugão-se com *être* quando exprimem o estado de huma pessoa ou cousa.

Conjugação dos verbos pronominaes.

Conjugão-se os verbos pronominaes, nos tempos simplez, como os verbos activos, e nos tempos compostos como os verbos neutros com o auxiliar *être.*

Se Repentir, Arrepender-se.

INDICATIVO

PRESENTE.

SINGULAR.

Je me repens,	*eu me arrependo.*
Tu te repens,	*tu te arrependes.*
Il se repent,	*elle se arrepende.*

PLURAL.

Nous nous repentons,	*nós nos arrependemos.*
Vous vous repentez,	*vós vos arrependeis.*
Ils se repentent,	*elles se arrependem.*

IMPERFEITO.

SINGULAR.

Je me repentois,	*eu me arrependia.*
Tu te repentois,	*tu te arrependias.*
Il se repentoit,	*elle se arrependia.*

PLURAL.

Nous nous repentions,	*nós nos arrependiamos.*
Vous vous repentiez,	*vós vos arrependieis.*
Ils se repentoient,	*elles se arrependião.*

PRETERITO DEFINITO.

SINGULAR.

Je me repentis,	*eu me arrependi.*
Tu te repentis,	*tu te arrependeste.*
Il se repentit,	*elle se arrependeo.*

PLURAL.

Nous nous repentîmes,	*nós nos arrependemos.*
Vous vous repentîtes,	*vós vos arrependestes.*
Ils se repentirent,	*elles se arrependerão.*

PRETERITO INDEFINITO.

SINGULAR.

Je me suis repenti, *	*eu me tenho arrependido.*
Tu t'es repenti,	*tu te tens arrependido.*
Il s'est repenti,	*elle se tem arrependido.*

---

* O participio que accompanha o auxiliar *être* nos tempos compostos varia pelo feminino e pelo plural, conforme as regras dos generos e dos numeros.

PLURAL.

Nous nous sommes repentis,	*nós nos temos arrependido.*
Vous vous êtes repentis,	*vós vos tendes arrependido.*
Ils se sont repentis,	*elles se tem arrependido.*

PRETERITO ANTERIOR.

SINGULAR.

Je me fus repenti,	*eu me tive arrependido.*
Tu te fus repenti,	*tu te tiveste arrependido.*
Il se fut repenti,	*elle se teve arrependido.*

PLURAL.

Nous nous fûmes repentis,	*nós nos tivemos arrependido.*
Vous vous fûtes repentis,	*vós vos tivestes arrependido.*
Ils se furent repentis,	*elles se tiverão arrependido.*

MAIS QUE PERFEITO.

SINGULAR.

Je m'étois repenti,	*eu me tinha arrependido.*
Tu t'étois repenti,	*tu te tinhas arrependido.*
Il s'étoit repenti,	*elle se tinha arrependido.*

PLURAL.

Nous nous étions repentis,	*nós nos tinhamos arrependido.*
Vous vous étiez repentis,	*vós vos tinheis arrependido.*
Ils s'étoient repentis,	*elles se tinhão arrependido.*

FUTURO.

SINGULAR.

Je me repentirai,	*eu me arrependerei.*
Tu te repentiras,	*tu te arrependerás.*
Il se repentira,	*elle se arrependerá.*

PLURAL.

Nous nous repentirons,	*nós nos arrependeremos.*
Vous vous repentirez,	*vós vos arrependereis.*
Ils se repentiront,	*elles se arrependerão.*

FUTURO PASSADO.

SINGULAR.

Je me serai repenti,	*eu me terei arrependido.*
Tu te seras repenti,	*tu te terás arrependido.*
Il se sera repenti,	*elle se terá arrependido.*

PLURAL.

Nous nous serons repentis,	*nós nos teremos arrependido.*
Vous vous serez repentis,	*vós vos tereis arrependido.*
Ils se seront repentis,	*elles se terão arrependido.*

CONDICIONAL

PRESENTE *ou* FUTURO.

SINGULAR.

Je me repentirois,	*eu me arrependeria.*
Tu te repentirois,	*tu te arrependerias.*
Il se repentiroit,	*elle se arrependeria.*

PLURAL.

Nous nous repentirions,	*nós nos arrependeriamos.*
Vous vous repentiriez,	*vós vos arrependerieis.*
Ils se repentiroient,	*elles se arrependerião.*

PASSADO.

SINGULAR.

Je me serois repenti,	*eu me teria arrependido.*
Tu te serois repenti,	*tu te terias arrependido.*
Il se seroit repenti,	*elle se teria arrependido.*

PLURAL.

Nous nous serions repentis,	*nós nos teriamos arrependido.*
Vous vous seriez repentis,	*vós vos terieis arrependido.*
Ils se seroient repentis,	*elles se terião arrependido.*

OUTRO PASSADO.

SINGULAR.

Je me fusse repenti,	*eu me teria arrependido.*
Tu te fusses repenti,	*tu te terias arrependido.*
Il se fût repenti,	*elle se teria arrependido.*

PLURAL.

Nous nous fussions repentis,	*nós nos teriamos arrependido.*
Vous vous fussiez repentis,	*vós vos terieis arrependido.*
Ils se fussent repentis,	*elles se terião arrependido.*

IMPERATIVO

PRESENTE *ou* FUTURO.

SINGULAR.

Repens-toi,	*arrepende-te tu.*
Qu'ils se repente,	*arrependa-se elle.*

PLURAL.

Repentons-nous,	*arrependamo-nos.*
Repentez-vous,	*arrependei-vos.*
Qu'ils se repentent,	*arrependão-se.*

SUBJUNCTIVO

PRESENTE *ou* FUTURO.

SINGULAR.

Que je me repente,	*que eu me arrependa.*
Que tu te repentes,	*que tu te arrependas.*
Qu'il se repente,	*que elle se arrependa..*

PLURAL.

Que nous nous repentions,	*que nós nos arrependamos.*
Que vous vous repentiez,	*que vós vos arrependais.*
Qu'ils se repentent,	*que elles se arrependão.*

IMPERFEITO.

SINGULAR.

Que je me repentisse,	*que eu me arrependesse.*
Que tu te repentisses,	*que tu te arrependesses.*
Qu'il se repentît,	*que elle se arrependesse.*

PLURAL.

Que nous nous repentissions,	*que nós nos arrependessemos.*
Que vous vous repentissiez,	*que vós vos arrependesseis.*
Qu'ils se repentissent,	*que elles se arrependessem.*

PRETERITO.

SINGULAR.

Que je me sois repenti,	*que eu me tenha arrependido.*
Que tu te sois repenti,	*que tu te tenhas arrependido.*
Qu'il se soit repenti,	*que elle se tenha arrependido.*

PLURAL.

Que nous nous soyons repentis,	*que nós nos tenhamos arrependido.*
Que vous vous soyez repentis,	*que vós vos tenhais arpendido.*
Qu'ils se soient repentis,	*que elles se tenhão arrependido.*

MAIS QUE PERFEITO.

SINGULAR.

Que je me fusse repenti,	*que eu me tivesse arrependido.*
Que tu te fusses repenti,	*que tu te tivesses arrependido.*
Qu'il se fût repenti,	*que elle se tivesse arrependido.*

PLURAL.

Que nous nous fussions repentis,	*que nós nos tivessemos arrependido.*
Que vous vous fussiez repentis,	*que vós vos tivesseis arrependido.*
Qu'ils se fussent repentis,	*que elles se tivessem arrependido.*

INFINITO

PRESENTE.

Se repentir, *arrepender-se.*

PRETERITO.

S'être repenti, *ter-se arrependido.*

PARTICIPIO PRESENTE.

Se repentant, *arrependendo-se.*

PARTICIPIO PASSADO.

Repenti, e, *arrependido, a.*

Conjugação do verbo impessoal

Falloir, Ser Preciso.

INDICATIVO.

PRESENTE. *Il faut*, he preciso.
IMPERFEITO. *Il falloit*, era preciso.
PRETERITO. *Il fallut*, foi preciso.
PRETERITO INDEFINITO. *Il a fallu*, tem sido preciso.
PRETERITO ANTERIOR. *Il eut fallu*, teve sido preciso.
MAIS QUE PERFEITO. *Il avoit fallu*, tinha sido preciso.
FUTURO. *Il faudra*, será preciso.
FUTURO PASSADO. *Il aura fallu*, terá sido preciso.

CONDICIONAL.

PRESENTE. *Il faudroit*, seria preciso.
PASSADO. *Il auroit fallu*, teria sido preciso.

(Este verbo não tem imperativo.)

SUBJUNCTIVO.

PRESENTE. *Qu'il faille*, que seja preciso.
IMPERFEITO. *Qu'il fallût*, que fosse preciso.
PRETERITO. *Qu'il ait fallu*, que tenha sido preciso.
MAIS QUE PERFEITO. *Qu'il eût fallu*, que tivesse sido preciso.

INFINITO.

PRESENTE. *Falloir*, ser preciso.
PRETERITO. (Não usado.)
PARTICIPIO PRESENTE. (Não usado.)
PARTICIPIO PASSADO. *Fallu*, sido preciso.

Observação. Hum verbo que não he impessoal he usado impessoalmente quando não se pode pôr hum nome substantivo em vez do pronome *il* que o precede; v. g. *il arrive*, succede; *il semble que*, parece que; *il suffit*, basta, etc.

Formação dos tempos dos verbos.

Ha cinco tempos simplez que se chamão *primitivos*, porque servem a formar os outros, que por isso se chamão *derivados*.

São os tempos primitivos:

1.º O presente do indicativo.
2.º O preterito definito.
3.º O presente do infinito.
4.º O participio presente.
5.º O participio passado.

I.

Da primeira pessoa do singular do presente do indicativo forma-se a segunda pessoa do singular do imperativo, supprimindo só o pronome *je*.

Exemplos :

PRESENTE DO INDICATIVO.	IMPERATIVO.
J'aime,	*aime.*
Je finis,	*finis.*
Je reçois,	*reçois.*
Je rends,	*rends.*
Je viens,	*viens.*

Excepções.

Os verbos *avoir*, ter; *être*, ser; *aller*, andar; *savoir*, saber; *vouloir*, querer, fazem

NO PRESENTE DO INDICATIVO.	E NO IMPERATIVO.
J'ai,	*aie.*
Je suis,	*sois.*
Je vais,	*va.*
Je sais,	*sache.*
Je veux,	*veuille*(pouco usado).

Formão-se a primeira e segunda pessoa do plural do imperativo das pessoas correspondentes do presente do indicativo, supprimindo só os pronomes *nous* e *vous*.

Exemplos :

PRESENTE DO INDICATIVO.	IMPERATIVO.
Nous aimons,	*aimons.*
Vous aimez,	*aimez.*
Nous finissons,	*finissons.*
Vous finissez,	*finissez.*

Exemplos:

PRESENTE DO INDICATIVO.	IMPERATIVO.
Nous recevons,	*recevons.*
Vous recevez,	*recevez.*
Nous rendons,	*rendons.*
Vous rendez,	*rendez.*

Excepção:

Vous voulez, *veuillez.*

O verbo *vouloir* não tem primeira pessoa no plural do imperativo.

II.

Do preterito definito forma-se o imperfeito do subjunctivo, mudando a terminação *ai* em *asse* nos verbos da primeira conjugação; e accrescentando só *se*, em todos os verbos das outras conjugações.

Exemplos:

PRETERITO DEFINITO.	IMPERFEITO DO SUBJUNCTIVO.
J'aimai,	*que j'aimasse.**
Je donnai,	*que je donnasse.*
Je finis,	*que je finisse.*
Je reçus,	*que je reçusse.*
Je rendis,	*que je rendisse.*
Je vins,	*que je vinsse.*
Je crus,	*que je crusse.*

* Não se dá aqui senão a primeira pessoa, porque sendo ella conhecida será muito facil formar as outras.

Esta regra he geral. Hum verbo que não tem preterito definito, não tem imperfeito do subjunctivo.

III.

Do presente do infinito forma-se o futuro, accrescentando-lhe *ai* quando acabar em *r*, e mudando *e* em *ai* quando acabar em *re*.

Exemplos:

INFINITO.	FUTURO.
Aimer,	*j'aimerai.*
Donner,	*je chanterai.*
Finir,	*je finirai.*
Dormir,	*je dormirai.*
Rendre,	*je rendrai.*
Vendre,	*je vendrai.*
Écrire,	*j'écrirai.*
Lire,	*je lirai.*

Excepções.

I.ª *Conjugação.* *Aller*, ir, faz *j'irai*, *tu iras*, etc. *envoyer*, enviar, e *renvoyer* tornar a enviar, fazem *j'enverrai*, *je renverrai.* Os verbos da primeira conjugação acabados em *yer* mudão *y* em *i* no futuro: *ployer*, dobrar; *appuyer*,

apoiar; *payer*, pagar, etc. fazem *je ploierai*,* *j'appuierai*, *je paierai*, etc.

II.ª *Conjugação*. *Courir*, correr, faz *je courrai*; *mourir*, morrer, *je mourrai*; *acquérir*, adquirir, *j'acquerrai*; *tenir*, ter, *je tiendrai*, e *venir*, vir, *je viendrai*.

III.ª *Conjugação*. *Recevoir* e todos os verbos acabados em *evoir*, mudão esta terminação em *evrai* pelo futuro; *avoir* faz *j'aurai*; *savoir*, saber, *je saurai*; *échoir*, cahir por sorte, *il écherra*; *déchoir*, descahir, *il décherra*; *pouvoir*, poder, *je pourrai*; *vouloir*, querer, *je voudrai*; *valoir*, valer, *je vaudrai*; *falloir*, ser preciso, *il faudra*; *pleuvoir*, chover, *il pleuvra*; *s'asseoir*, sentar-se, *je m'assiérai*; *voir*, ver, *je verrai*, assim como os seus compostos, exceptuando-se *pourvoir*, prover, e *prévoir*, prever, que fazem regularmente *je pourvoirai*, *je prévoirai*.

IV.ª *Conjugação*. *Faire*, fazer, faz *je ferai*; e *être*, ser, *je serai*.

Observação. Forma-se o presente do condicional do futuro mudando a termi-

---

* *E* he mudo no futuro e no condicional dos verbos acabados no infinito em *ier* ou *yer*; v. g. *ploierai* pron. *ploîrai*, *prierai* pron. *prîrai*.

nação *rai* em *rois*, *j'aimerai*, *j'aimerois*;* *je rendrai*, *je rendrois*.

Aquelles que poem *a* em vez de *o* nos imperfeitos e condicionaes ajuntão só huma *s* ao futuro para formarem o condicional; *j'aimerai*, *j'aimerois*.

IV.

Do participio presente formão-se:

1.º As tres pessoas do plural do presente do indicativo, mudando a terminação em *ons* pela primeira pessoa, em *ez* pela segunda, em *ent* pela terceira.

Exemplos:

PARTICIPIO PRESENTE.	PLUR. DO PRES. DO INDIC.
Aim*ant*,	nous aim*ons*. vous aim*ez*. ils aim*ent*.
Finiss*ant*,	nous finiss*ons*. vous finiss*ez*. ils finiss*ent*.
Recev*ant*,	nous recev*ons*. vous recev*ez*. ils reç*oivent*.†
Rend*ant*,	nous rend*ons*. vous rend*ez*. ils rend*ent*.

* *Ois* nos imperfeitos e condicionaes dos verbos pronuncia-se *è*.

† Todos os verbos em *evoir* como *recevoir* tem a mesma irregularidade na formação da terceira pessoa do plural.

Excepções:

Ayant faz *nous avons*, *vous avez*, *ils ont*; *étant* faz *nous sommes*, *vous êtes*, *ils sont*; *sachant* faz *nous savons*, *vous savez*, *ils savent*; *faisant* faz *nous faisons*, *vous faites*, *ils font*; *disant* faz *nous disons*, *vous dites*, *ils disent*, assim como o seu derivado *redisant*; porém os outros derivados de *dire* que são *dedire*, *contredire*, *interdire*, *médire*, *prédire*, formão regularmente as suas tres pessoas do plural.

2.º O imperfeito do indicativo, mudando a terminação *ant* em *ois*, *ois*, *oit*, pelo singular; e em *ions*, *iez*, *oient*, pelo plural.

Exemplos:

PART. PRES.	IMPERF. DO INDIC.
Aim*ant*,	j'aim*ois*. tu aim*ois*. il aim*oit*. nous aim*ions*. vous aim*iez*. ils aim*oient*.
Finiss*ant*,	je finiss*ois*. tu finiss*ois*. il finiss*oit*. nous finiss*ions*. vous finiss*iez*. ils finiss*oient*.

Exemplos:

PART. PRES.	IMPERF. DO INDIC.
Recev*ant*,	je recev*ois*. tu recev*ois*. il recev*oit*. nous recev*ions*. vous recev*iez*. ils recev*oient*.
Rend*ant*,	je rend*ois*. tu rend*ois*. il rend*oit*. nous rend*ions*. vous rend*iez*. ils rend*oient*.
Oubli*ant*,	j'oubli*ois*. tu oubli*ois*. il oubli*oit*. nous oubli*ions*.* vous oubli*iez*. ils oubli*oient*.
Croy*ant*,	je croy*ois*. tu croy*ois*. il croy*oit*.

* Todos os verbos cujo participio presente acaba em *iant*, como *oubliant*, tem hum *i* no presente do indicativo, como, *j'oublie*, *tu oublies*, *il oublie*, *nous oublions*, *vous oubliez*, *ils oublient*, e dous *i* na primeira e segunda pessoa do plural do imperfeito do mesmo modo, como, *nous oubliions*, *vous oubliiez*.

Exemplos:

PART. PRES.	IMPERF. DO INDIC.
Croy*ant*,	nous croy*ions*.* vous croy*iez*. ils croy*oient*.

Exceptuão-se somente: *ayant*, que faz *j'avois*, *tu avois*, etc.; *sachant*, que faz *je savois*, *tu savois*, etc.

3.º O presente do subjunctivo, mudándo a final *ant* em *e*, *es*, *e*, pelo singular; e em *ions*, *iez*, *ent*, pelo plural.

Exemplos:

PART. PRES.	PRES. DO SUBJUNC.
Aimant,	que j'aim*e*. que tu aim*es*. qu'il aim*e*. que nous aim*ions*. que vous aim*iez*. qu'ils aim*ent*.
Rendant,	que je rend*e*. que tu rend*es*. qu'il rend*e*. que nous rend*ions*. que vous rend*iez*. qu'ils rend*ent*.

* Todos os verbos cujo participio presente acaba em *yant*, como *croyant*, tem hum *y* na primeira e segunda pessoa do plural do presente do indicativo, como, *nous croyons*, *vous croyez*; e *yi* nas duas mesmas pessoas do imperfeito, como, *nous croyions*, *vous croyiez*.

Exemplos :

PART. PRES.	PRES. DO SUBJUNC.
Oubliant,	que j'oubli*e*. que tu oubli*es*. qu'il oubli*e*. que nous oubli*ions*.* que vous oubli*iez*. qu'elles oubli*ent*.
Croyant,	que je croi*e*. † que tu croi*es*. qu'il croi*e*. que nous croy*ions*.* que vous croy*iez*. qu'ils croi*ent*.

Excepções :

I.ª *Conjugação.* Allant, *que j'aille, que tu ailles, qu'il aille, que nous allions, que vous alliez, qu'ils aillent.*

II.ª *Conjugação.* Tenant, *que je tienne,*

---

* Observar-se ha que a primeira e a segunda pessoa do plural do presente do subjunctivo e as mesmas pessoas do imperfeito do indicativo são semelhantes.

† Muda-se o *y* do participio presente em *i* no singular e na terceira pessoa do plural do subjunctivo.

que tu tiennes, qu'il tienne, que nous tenions, que vous teniez, qu'ils tiennent, todos os verbos em *enir* tem a mesma irregularidade; MOURANT, *que je meure, que tu meures*, etc.; ACQUÉRANT, *que j'acquière, que tu acquières, qu'il acquière, que nous acquérions, que vous acquériez, qu'ils acquièrent.*

III.ª *Conjugação.* RECEVANT, *que je reçoive, que tu reçoives, qu'il reçoive, que nous recevions, que vous receviez, qu'ils reçoivent;* todos os verbos em *evoir* tem a mesma irregularidade; POUVANT, *que je puisse, que tu puisses, qu'il puisse, que nous puissions, que vous puissiez, qu'ils puissent;* VALANT, *que je vaille, que tu vailles, qu'il vaille, que nous valions, que vous valiez, qu'ils vaillent;* VOULANT, *que je veuille, que tu veuilles, qu'il veuille, que nous voulions, que vous vouliez, qu'ils veuillent;* MOURANT, *que je meure, que tu meures, qu'il meure, que nous mourions, que vous mouriez, qu'ils meurent; falloir* que não tem participio presente, faz no subjunctivo *qu'il faille.*

IV.ª *Conjugação.* BUVANT, *que je boive, que tu boives, qu'il boive, que nous buvions, que nous buviez, qu'ils boivent;*

Faisant, *que je fasse, que tu fasses,* etc.; Prenant, *que je prenne, que tu prennes, qu'il prenne, que nous prenions, que vous preniez, qu'ils prennent;* Étant, *que je sois, que tu sois, qu'il soit, que nous soyons, que vous soyez, qu'ils soient.*

Observação. Hum verbo que não tem participio presente, não tem ordinariamente plural no presente do indicativo, nem imperfeito do indicativo, nem presente do subjunctivo; porque estes tempos formão-se do participio presente.

V.

Do participio passado formão-se todos os tempos compostos, por meio dos auxiliares *avoir* e *être;* v.g. *j'ai aimé, nous avons fini, je suis venu, elle est arrivée,* etc. etc.

Tempos primitivos dos Verbos Irregulares.

Por meio da taboa seguinte e das regras e observações que acabamos de dar sobre a formação dos tempos, conjugarão-se facilmente todos os verbos por mais irregulares que sejão.

Primeira Conjugação.

PRESENTE DO INFINITO.		PARTICIPIO PRESENTE.	PARTICIPIO PASSADO.	PRESENTE DO INDICATIVO.	PRETERITO DEFINITO.
Aller,	*ir*	allant	allé	je vais	j'allai.

Segunda Conjugação.

Acquérir,	*adquirir*	acquérant	acquis	j'acquiers	j'acquis.
Courir,	*correr*	courant	couru	je cours	je courus.
Cueillir,	*colher*	cueillant	cueilli	je cueille	je cueillis.
Faillir,	*errar*	faillant	failli	je faux	je faillis.
Fuir,	*fugir*	fuyant	fui	je fuis	je fuis.
Mourir,	*morrer*	mourant	mort	je meurs	je mourus.
Ouvrir,	*abrir*	ouvrant	ouvert	j'ouvre	j'ouvris.
Souffrir,	*soffrer*	souffrant	souffert	je souffre	je souffris.
Tenir,	*ter*	tenant	tenu	je tiens	je tins.
Tressaillir,	*estremecer*	tressaillant	tressailli	je tressaille	je tressaillis.
Venir,	*vir*	venant	venu	je viens	je vins.
Vêtir,	*vestir*	vêtant	vêtu	je vêts	je vêtis.

Terceira Conjugação.

PRESENTE DO INFINITO.		PARTICIPIO PRESENTE.	PARTICIPIO PASSADO.	PRESENTE DO INDICATIVO.	PRETERITO DEFINITO.
Avoir,	*ter*	ayant	eu	j'ai	j'eus.
Choir,	*cahir*	. . . . . .	chu	. . . . . .	. . . . . .
Déchoir,	*descahir*	. . . . . .	déchu	je déchois	je déchus.
Devoir,	*dever*	devant	dû	je dois	je dus.
Échoir,	*cahir em sorte*	échéant	échu	il échoit	il échut.
Falloir,	*ser preciso*	. . . . . .	fallu	il faut	il fallut.
Mouvoir,	*mover*	mouvant	mu	je meux	je mus.
Pleuvoir,	*chover*	pleuvant	plu	il pleut	il plut.
Pouvoir,	*poder*	pouvant	pu	je peux	je pus.
Savoir,	*saber*	sachant	su	je sais	je sus.
S'asseoir,	*sentar-se*	s'asseyant	assis	je m'assieds	je m'assis.
Surseoir,	*differir*	. . . . . .	sursis	je surseois	je sursis.
Valoir,	*valer*	valant	valu	je vaux	je valus.
Voir,	*ver*	voyant	vu	je vois	je vis.
Vouloir,	*querer*	voulant	voulu	je veux	je voulus.

Quarta Conjugação.

PRESENTE DO INFINITO.		PARTICIPIO PRESENTE.	PARTICIPIO PASSADO.	PRESENTE DO INDICATIVO.	PRETERITO DEFINITO.
Absoudre,	*absolver*	absolvant	absous	j'absous	. . . . . .
Battre,	*bater*	battant	battu	je bats	je battis.
Boire,	*beber*	buvant	bu	je bois	je bus.
Circoncire,	*circumcidar*	. . . . . .	circoncis	je circoncis	je circoncis.
Clore,	*fechar*	. . . . . .	clos	je clos	. . . . . .
Conclure,	*concluir*	concluant	conclu	je conclus	je conclus.
Confire,	*fazer doce*	confisant	confit	je confis	je confis.
Connoître,	*conhecer*	connoissant	connu	je connois	je connus.
Coudre,	*cozer*	cousant	cousu	je couds	je cousis.
Croire,	*crer*	croyant	cru	je crois	je crus.
6 Dire.	*dizer*	disant	dit	je dis	je dis.
Ecrire,	*escrever*	écrivant	écrit	j'écris	j'écrivis.
Etre,	*ser*	étant	été	je suis	je fus.
Exclure,	*excluir*	excluant	exclus	j'exclus	j'exclus.
Faire,	*fazer*	faisant	fait	je fais	je fis.
Joindre,	*ajuntar*	joignant	joint	je joins	je joignis.

PRESENTE DO INFINITO.		PARTICIPIO PRESENTE.	PARTICIPIO PASSADO.	PRESENTE DO INDICATIVO.	PRETERITO DEFINITO.
Lire,	*ler*	lisant	lu	je lis	je lus.
Luire,	*luzir*	luisant	lui	je luis	. . . . . .
Mettre,	*pôr*	mettant	mis	je mets	je mis.
Moudre,	*moer*	moulant	moulu	je mouds	je moulus.
Naître,	*nascer*	naissant	né	je nais	je naquis.
Nuire,	*prejudicar*	nuisant	nui	je nuis	je nuisis.
Peindre,	*pintar*	peignant	peint	je peins	je peignis.
Plaindre,	*lastimar*	plaignant	plaint	je plains	je plaignis.
Prendre,	*tomar*	prenant	pris	je prends	je pris.
Réduire,	*reduzir*	réduisant	réduit	je réduis	je réduisis.
Résoudre,	*resolver*	résolvant	résolu	je résous	je résolus.
Rire,	*rir-se*	riant	ri	je ris	je ris.
Rompre,	*romper*	rompant	rompu	je romps	je rompis.
Suffire,	*bastar*	suffisant	suffi	je suffis	je suffis.
Suivre,	*seguir*	suivant	suivi	je suis	je suivis.
Traire,	*ordenhar*	trayant	trait	je trais	. . . . . .
Vaincre,	*vencer*	vainquant	vaincu	je vaincs	je vainquis.
[illegible]	[illegible]	vivant	vécu	je vis	je vécus.

Os verbos compostos que não se achão nesta taboa conjugão-se como os simplez: v. g. *admettre*, *promettre*, etc. conjugão-se como *mettre*; *concourir*, *parcourir*, etc. conjugão-se como *courir*.

CAPITULO V.

DO ADVERBIO.

O adverbio he huma parte da oração que não varia nem pelo genero nem pelo numero, e que usa-se para determinar a significação de outra palavra, ou exprimir alguma circumstancia della.

Pode hum adverbio determinar a significação de tres partes da oração:

1.º De hum verbo, v. g. *cette femme chante bien*, esta mulher canta bem;

2.º De hum adjectivo, v. g. *cette personne est bien belle*, esta pessoa he muito bella;

3.º De hum adverbio, v. g. *cet enfant lit bien mal*, este menino lê muito mal.

Divisão dos adverbios.

1.º Ha adverbios que indicão o modo, acabão quasi todos em *ment*, e formão-se dos adjectivos femininos, accrescentando-lhes a syllaba *ment*.

Exemplos:

ADJECT. MASC.		ADJECT. FEM.
Grand,	grande,	*grande.*
Petit,	pequeno,	*petite.*
Éternel,	eterno,	*éternelle.*
Vif,	vivo,	*vive.*
Généreux,	generoso,	*généreuse.*

ADVERBIOS.

Grandement,	grandemente.
Petitement,	escassamente.
Éternellement,	eternamente.
Vivement,	vivamente.
Généreusement,	generosamente.

Observação. Quando o adjectivo acaba no masculino por huma vogal, forma-se o adverbio do masculino, accrescentando-lhe *ment.*

Exemplos:

ADJECTIVOS MASCULINOS.

Modeste,	modesto.
Vrai,	verdadeiro.
Modéré,	moderato.

ADVERBIOS.

Modestement,	modestamente.
Vraiment,	verdadeiramente.
Modérément,	moderatamente.

Escreve-se igualmente *gaîment* ou *gaie-*

ment alegremente, assim como escreve-se *gaîté* ou *gaieté* alegria.

Ha alguns adverbios de modo que não acabão em *ment*: v. g. *en vain*, em vão; *exprès*, de proposito; *bien*, bem, muito; *mal*, mal; *ainsi*, assim; etc.

2.º Ha adverbios que designão a ordem, v. g. *premièrement*, primeiramente; *secondement*, segundamente; *troisièmement*, terceiramente; etc. *d'abord*, logo; *ensuite*, depois; *devant*, diante; *derrière*, detraz; *enfin*, emfim; etc.

3.º Ha adverbios que indicão o lugar, a distancia, v. g. *où*, onde; *ici*, aqui, *là*, alli; *en haut*, arriba; *en bas*, abaixo; *loin*, longe; etc.

4.º Ha adverbios de tempo; v. g. *maintenant*, agora; *actuellement*, actualmente, *aujourd'hui*, hoje; etc., pelo presente; *hier*, hontem; *avant-hier*, ante-hontem; *autrefois*, *anciennement*, *jadis*, antigamente; *dernièrement*, ultimamente; etc., pelo passado; *demain*, á manhãa; *bientôt*, logo; *désormais*, *dorénavant*, de hoje em dia; etc., pelo futuro; *quand*, quando; *souvent*, muitas vezes; *toujours*, sempre; *jamais*, nunca, *quelquefois*, algumas vezes; *alors*, então; etc., por hum tempo indeterminado.

5.º Ha adverbios de quantidade; v. g. *beaucoup*, muito; *peu*, pouco; *assez*,

bastante; *trop*, demasiado; *infiniment*, infinitamente; etc.

6.º Ha adverbios de comparação; v. g. *plus*, mais; *moins*, menos; *aussi*, *autant*, tão, tanto; *comme*, como; *presque*, quasi; etc.

7.º Ha adverbios de affirmação; v. g. *oui*, sim; *certes*, de certo; *volontiers*, de boa vontade; *vraiment*, verdadeiramente; etc.

8.º Ha adverbios de negação; v. g. *non*, não; *ne pas*, não; *rien*, nada; etc.

9.º Não ha senão hum adverbio de duvida que he *peut-être*, pode ser.

10.º Em fim ha adverbios de interrogação; v. g. *quand*, quando; *combien*, quanto; *pourquoi*, porque; etc.

Observações.

1.º Muitos adverbios tem, como os adjectivos, tres gráos de significação, *positivo*, *comparativo*, e *superlativo*. Formão-se o comparativo e superlativo nos adverbios como nos adjectivos. Diz-se *vivement*, vivamente; *plus vivement*, mais vivamente; *moins vivement*, menos vivamente; *aussi vivement*, tão vivamente; *très-vivement*, muito vivamente; *le plus vivement*, o mais vivamente; etc., *mieux* melhor, he o comparativo de *bien*; *pis* peior he o comparativo de *mal*.

2.º Sendo commummente o adverbio exprimido por huma só palavra, chamão-se *locução adverbial* duas ou mais palavras que tem força e significação de adverbio; v. g. *pêle-mêle*, confusamente; *en général*, em geral; *en vérité*, na verdade; *tout-à-coup*, *sur-le-champ*, de repente; *de temps en temps*, de quando em quando; *jour et nuit*, de dia e de noite; etc.

CAPITULO VI.

DA PREPOSIÇÃO.

A preposição he huma palavra que não tem significação por si mesma, porem posta antes de hum substantivo, pronome ou verbo no infinito exprime a relação que existe entre estas palavras e as que precedem. A preposição he como o adverbio, huma palavra que não varia nem pelo genero nem pelo numero.

As principaes relações exprimidas pelas preposições são as relações de lugar, de tempo, de ordem, de união, de separação, de exclusião, de opposição, de intento, de causa, de meio.

Das differentes especies de preposições.

1.º Para indicar o lugar:

À, a; *de*, de; *en*, em; *dans*, em, den-

tro; *sur*, sobre; *sous*, debaixo; *devant*, diante, perante; *derrière*, traz, atraz; *entre*, *parmi*, entre; *vers*, para; *près*, *auprès*, perto, junto; *depuis*, desde; *jusque*, até.

2.º Para indicar o tempo e a ordem:

À, a; *de*, de; *dans*, *en*, em; *avant*, antes; *après*, depois; *durant*, *pendant*, durante; *vers*, para; *dès*, desde; *entre*, entre; *depuis*, desde; *jusque*, até.

3.º Para indicar a união:

Avec, com; *suivant*, conforme; *selon*, segundo.

4.º Parar indicar separação, excepção, exclusão:

Excepté, *hormis*, excepto; *sauf*, salvo; *hors*, fora; *sans*, sem; *outre*, alem.

5.º Para indicar a opposição:

Contre, contra; *malgré*, a pezar; *non-obstant*, não obstante.

6.º Para indicar o intento:

Envers, para com; *touchant*, acerca; *pour*, por, para; *de*, de.

7.º Para indicar a causa, o meio:

Par, por; *moyennant*, mediante.

Voici, *voilà*, eis-aqui, eis-alli; são duas preposições demonstrativas, ex: *voici le livre dont on parle*, eis-aqui o livro de que se falla. *Voilà l'homme qu'il cherche*, eis-alli o homem que procura.

Observações :

1.º As preposições são simplez ou compostas : simplez quando se exprimem por huma só palavra, como *avec*, com ; *sans*, sem ; *pour*, para, etc. ; compostas quando se exprimem por muitas palavras, como *auprès de*, ao pé de ; *au lieu de*, em vez de ; *autour de*, ao redor de, etc.

2.º Ha preposições que vão sempre juntas a outra preposição, ex : *près de moi*, perto de mim ; *au-delà de la mer*, alem do mar ; *jusqu'à Lisbonne*, até Lisboa.

CAPITULO VII.

DA CONJUNÇÃO.

A conjunção he huma palavra que serve de unir as diversas partes da oração, e não varia nem pelo genero nem pelo numero.

Ha conjunções simplez, como *et*, e ; *ni*, nem ; *ou*, ou ; *mais*, porem ; *si*, se ; etc., e conjunções compostas, como *afin que*, afim que ; *pourvu que*, com tanto que, *aussitôt que*, logo que, etc.

Das diversas especies de conjunções.

1.º Chamão-se *copulativas*, as conjunções que unem simplezmente duas palavras on frazes. Estas conjunções são *et*, e, pela affirmação ; *ni*, nem , pela negação.

2.º Chamão-se *alternativas* ou *disjunctivas* aquellas que denotão alternativa ou distincção, como *ou*, ou; *soit*, seja.

3.º Chamão-se *adversativas*, aquellas que denotão opposição, como *mais*, *cependant*, mas, porem, comtudo; *quoique*, ainda que.

4.º Chamão-se *condicionaes*, aquellas que denotão huma condição, como *si*, se; *pourvu que*, com tanto que.

5.º Chamão-se *comparativas*, aquellas que denotão huma comparação, como *aussi bien que*, tambem como; *de même que*, assim como.

6.º Chamão-se *causativas* aquellas que denotão a causa, a razão, como *parce que*, por que; *puisque*, pois que.

7.º As *conclusivas* são aquellas que denotão a conclusão, como *ainsi*, assim; *donc*, *car*, pois; *par conséquent*, por consequencia.

8.º Em fim, ha conjuncções que denotão o tempo, como *quand*, *lorsque*, quando; *dès que*, desde que; *pendant que*, durante que.

Taboa das principaes conjuncções.

Et,	e.
Ni,	nem.
Ou,	ou.
Que,	que.

Si,	se.
Car,	pois.
Soit,	seja.
Ainsi,	assim.
Donc,	pois.
Sinon,	senão.
Mais,	porem, mas.
Cependant,	porem.
Or,	pois.
Quand,	quando.
Comme,	como.
Puisque,	pois que.
Lorsque,	quando.
Quoique,	ainda que.
Bien que,	bem que.
Savoir,	a saber.
Soit que,	quer.
Dès que,	desde que.
Aussitôt que,	logo que.
Avant que,	antes que.
Parceque,	por que.
De même que,	assim como.
Après que,	depois que.
Tandis que,	em quanto que.
Pendant que,	durante que.
Afin que,	afim que.
Pour que,	por que.
Pourvu que,	com tanto que.
Sinon que,	senão que.
Ainsi que,	assim como.
Vu que,	visto que.

Supposé que,	supposto que.
Jusqu'à ce que,	até que.
De manière que,	de maneira que.

CAPITULO VIII.

DA INTERJEIÇÃO.

A interjeição he huma palavra invariavel, que exprime os affectos subitos da alma. Ha tantas interjeições quantas ha paixões diversas, e usão-se tambem muitas vezes como interjeições palavras que exprimem ideas, porem as palavras seguintes adaptão-se particularmente aos sentimentos mais ordinarios.

1.° Pela dor ou afflicção: *aïe! hélas!* ai! *ouf!* apre!

2.° Pelo desejo e alegria: *ah! ho! bon!* ah!

3.° Pelo medo: *ah mon Dieu!* ai Jesus!

4.° Pela aversão, disgosto e desprezo: *fi! fi donc!* vá-se embora! passa fora!

5.° Pela admiração: *oh!* oh!

6.° Pela surpreza: *ah!* ah!

7.° Para animar: *allons!* vamos! *courage! courage!* animo! animo!

8.º Para advertir, e chamar alguem: *gare!* arreda! *holà!* hola!

9.º Para impôr silencio: *chut!* chiton! *chut! paix!* calla a boca!

A interjeição *ô*, ó, poem-se, como em portuguez, antes de hum substantivo em apostrofe.

PARTE TERCEIRA.

DA SYNTAXE.

Chama-se *Syntaxe*, a parte da grammatica que trata da concordancia, do regimen e da disposição das varias partes da oração.

Em todas as lenguas, as palavras não servem só para representar huma idea, ou distinguir hum objeto, devem tambem pelo seu ajuntamento representar a união das ideas, para exprimir hum sentido completo ou a imagem do pensamento.

Qualquer ajuntamento de palavras feito para exprimir hum sentido he o que se chama *frase*.

A primeira cousa necessaria para formar huma frase, he que haja nella hum *sujeito*, de que se affirma alguma cousa, ou que se considera com tal ou tal qualidade.

Aquillo que serve de exprimir a cousa que se affirma do sujeito, a applicação que se faz delle, he o que se chama o *attributivo* ou *verbo*. O attributivo depende do sujeito, e ha de concordar com elle no numero, na pessoa, e muitas vezes no genero.

Aquillo que representa o objeto directo da affirmação chama-se *objectivo* ou *regimen directo do verbo*. O objectivo pode ser hum nome, hum pronome, ou hum verbo.

Aquillo que exprime o termo da affirmação chama-se *terminativo* ou *regimen indirecto do verbo*. O terminativo he o complemento indirecto do attributivo ou verbo com que he unido por huma preposição, expressada ou sobentendida, que denota a relação que tem com elle.

Aquillo que se usa para exprimir a circumstancia particular do attributivo chama-se *o circumstancial*, he hum adverbio, huma expressão adverbial, ou huma frase incidente.

Aquillo que serve de unir duas frases chama-se *conjuntivo* ou *conjunção*. O conjuntivo não he jámais regido pelas outras partes da frase, e muitas vezes rege o attributivo, expressa-se por conjunções.

Em fim aquillo que se poem na frase por addição para dar mais força á expressão, ou para exprimir hum movimento da alma chama-se *adjunctivo*. O adjunctivo não he absolutamente necessario na frase, pode-se supprimir sem alterar o sentido.

Resulta de todo o que precede que a frase compoem-se de sete partes ou membros que são: o *sujeito*, o *attributivo* ou

verbo, o *objectivo* ou *regimen directo*, o *terminativo* ou *regimen indirecto*, o *circumstancial*, o *conjuntivo*, e o *adjunctivo*.

Não he preciso que huma frase contenha todos estes membros; o adjunctivo falta muitas vezes, e não ha conjuntivo na frase senão quando ha de ser unida com outra, e ainda mesmo neste caso pode ser sobentendido. Em fim muitas vezes não se tem outro designio senão exprimir a acção simplez do sujeito, sem lhe dar nem termo, nem objeto, nem circumstancia. Por consequencia pode-se concluir que huma frase he completa sem conter os cinco ultimos membros de que acabamos de fallar; porem he preciso que contenha hum sujeito, e hum verbo, expressados ou sobentendidos, pois não se pode fallar, sem fallar de huma cousa, e sem affirmar della qualquer outra cousa.

Chama-se *regimen* ou *complemento de huma palavra*, qualquer palavra, que, não sendo adverbio ou adjectivo, poem-se depois de outra palavra para modificar-lhe a significação.

CAPITULO PRIMEIRO.

SYNTAXE DOS SUBSTANTIVOS.

I.

Os substantivos usados no sentido determinado hão de ser precedidos do artigo, que concorda com elles no genero e no numero. Ex: *le père*, o pai; *la mère*, a mai; *les frères*, os irmãos; *les sœurs*, as irmãas.

II.

Os substantivos usados no sentido indeterminado hão de ser precedidos no singular do adjectivo numeral *un* pelo masculino, *une* pelo feminino, e no plural do artigo contracto *des* pelos dous generos. Ex.: *un homme sage*, hum homem sabio; *une fleur agréable*, huma flor agradavel; *des hommes sages*, homens sabios; *les fleurs agréables*, flores agradaveis.

III.

Os substantivos usados no sentido partitivo hão de ser precedidos do artigo contracto *du* pelo masculino singular, *de la* pelo feminino singular, e *des* pelos dous generos no plural. Ex.: *donnez-moi du vin*, dai-me vinho; *je mangerai de la viande*, eu comerei carne; *il vend des livres*, elle vende livros.

IV.

Quando hum adjectivo precede o sub stantivo usado no sentido indeterminad ou partitivo, então em vez do artigo con tracto *du*, *de la*, *des*, usa-se a preposiçã *de*. Ex.: *j'ai vu* de *superbes maisons* eu vi casas magnificas, e não *j'ai vu* de *superbes maisons*. *Je mangerai* de *bonn viande*, eu comerei boa carne, e não *j mangerai* de la *bonne viande*.

V.

As palavras *o senhor*, *a senhora*, *os se nhores*, *as senhoras*, traduzem-se em fran cez por *monsieur*, *madame*, *messieurs mesdames*, e seguindo-lhes hum nome d dignidade, este nome ha de ser precedid do artigo. Ex.: *monsieur Jean*, o senho João; *messieurs Jean et Pierre*, os senho res João e Pedro; *monsieur le Comte*, senhor Conde; *madame la Duchesse*, senhora Duqueza.

CAPITULO II.

SYNTAXE DOS ADJECTIVOS.

I.

O adjectivo ha de concordar no gener e no numero com o seu substantivo. Ex. *Le bon père*, o bom pai; *la bonne mère*

boa mai; *les beaux jardins*, os bellos rdins; *les belles fleurs*, as bellas flores.

Observações.

1.º Os adjectivos *nu*, nú; e *demi*, meio; ostos antes do substantivo, e *feu*, de- nto; posto antes do artigo ou de hum ronome possessivo, ficão invariaveis. He reciso escrever:

Il va nu-tête, nu-pieds, nu-jambes, u-bras, elle vai com a cabeça descuberta, m sapatos, sem meias; etc.

Demi-heure, demi-lieue, demi-pension, emi-aune, meia hora, meia legoa; etc.

Feu le roi, feu la reine, feu son père, u sa mère, o rei defunto, a rainha de- nta; etc.

Porem *nu*, posto depois do substan- vo, concorda com elle no genero e no imero; *demi* posto depois do substan- vo, e *feu* posto depois do artigo ou de im pronome possessivo concordão o como bstantivo no genero. He preciso escrever:

Il va le pied nu, les pieds nus, la tête ue, les jambes nues. Une heure et demie. e feu roi, la feue reine.

Feu não tem plural, e *demi* não tem lural senão quando se usa substantiva- ente: *cette pendule sonne les heures et s demies*, este relogio dá as horas e as eias horas.

2.º Ha palavras que humas vezes s adjectivos e outras adverbios: adjectiv quando tem relação com hum substantiv adverbios quando não tem relação co hum substantivo. Usadas como adjectiv concordão com o substantivo no genero no numero; usadas como adverbios fic invariaveis.

Exemplos:

ADJECTIVOS.	ADVERBIOS.
Ce billet est faux.	*Il chante faux.*
Elle a la voix fausse.	*Elle chante faux.*
Il se tient droit.	*Il va droit.*
Elle se tient droite.	*Elle va droit.*
Du vin clair.	*Cet homme voit clair.*
De l'eau claire.	*Cette femme voit clair*
Ce drap est cher.	*Ce drap me coûte cher*
Cette toile est chère.	*Cette toile me coûte che*

II.

Quando hum adjectivo tem relação co dous substantivos singulares, poem-se n plural; e sendo os dous substantivos varios generos poem-se o adjectivo no pl ral e no masculino. Ex.: *Sa sœur et cousine sont jolies*, sua irmãa e sua prin são lindas; *mon père et ma mère sero contens*, meu pai e minha mai serão co tentes.

Porem, quando hum adjectivo te relação com dous substantivos, regimen de hum verbo ou de huma preposição

ode, muitas vezes, concordar só com o
timo substantivo, e a harmonia da frase
rve de guia neste caso.

Exemplos :

*Ce soupçon se répandit dans tout le
amp, et y excita des* plaintes *et un* mé-
ontentement GÉNÉRAL.

VERTOT.

Armez-vous d'un courage *et d'une* foi
OUVELLE. RACINE.

III.

Ha adjectivos que se poem antes, e outros
epois do seu substantivo, mas quasi to-
os os adjectivos poem-se antes ou depois
o seu substantivo, e não ha outra regra
ara isso senão o uso e a harmonia da frase.
bservar-se ha porem, que em geral o ad-
ctivo segue o substantivo, e que nesta
arte a lingua franceza tem muita ana-
gia com a portugueza. Diz-se *un grand
rbre*, huma grande arvore; *un petit en-
nt*, hum pequeno menino; *une table
nde*, huma meza redonda; *un habit
anc*, hum vestido branco; *une immense
endue* ou *une étendue immense*, huma
tensão immensa, etc.

Notar-se ha tambem, que a posição de
guns adjectivos antes ou depois do sub-

stantivo muda inteiramente a sua signi ficação.

Exemplos:

Homme grand,	homem alto.
Grand homme,	homem de grand merecimento.
Une chose certaine,	huma cousa verda deira.
Une certaine chose,	certa cousa indeter minada.
Une femme sage,	huma mulher virtuos e prudente.
Une sage-femme,	huma parteira.
Une femme grosse,	huma mulher pejad
Une grosse femme,	huma mulher gorda
Un homme galant,	homem que procur agradar ás senhora
Un galant homme,	hum homem de ben
Un homme pauvre,	hum homem pobre.
Un pauvre homme,	hum homem de pou co merecimento.
Un homme plaisant,	homem alegre e en graçado.
Un plaisant homme,	homem ridiculo.
Un homme honnête,	hum homem polido
Un honnête homme,	hum homem de ben
Des honnêtes gens,	gente honrada.
Des gens honnêtes,	gente polida.

IV.

Alguns adjectivos não tem já mais reg

nen, v. g. *sage*, sabio; *prudent*, pru- lente; etc. Outros tem sempre hum regi- nen, v. g. *capable*, capaz; *conforme*, onforme, etc. Outros em fim tem algu- nas vezes hum regimen e outras não tem, . g. *content*, contente; *sensible*, sen- ivel; etc.

V.

O regimen dos adjectivos he hum sub- tantivo ou hum verbo precedido de huma reposição que he ordinariamente *de* ou *à*. Os adjectivos francezes tem, em geral, epois de si a mesma preposição, que tem s adjectivos portuguezes, que lhes cor- espondem.

Pode hum substantivo ser regimen de ous adjectivos, porem he preciso que os ous adjectivos sejão seguidos da mesma reposição.

VI.

As palavras *do que* ou *como,* que seguem comparativo portuguez, rendem-se em ancez por *que*. Ex.: Pedro he mais liz *do que* João, *Pierre est plus heureux ue Jean;* a historia he tão util *como* gradavel, *l'histoire est aussi utile* qu'*a- réable*.

CAPITULO III.

SYNTAXE DOS NOMES NUMERAES.

I.

Para exprimir os dias do mez, usa-se, como em portuguez, o numero ordinal pelo primeiro, e o numero cardinal pelos outros; porem a preposição *de* que se acha no portuguez não se rende em francez.

Exemplos :

Le premier janvier, o primeiro de janeiro.
Le deux février, o dous de feveiro.
Le dix mars, o dez de março.

Nas datas, usa-se tambem o numero ordinal pelo primeiro, e o numero cardinal pelos outros, porem a preposição *de* que segue em portuguez não se rende em francez, e poem-se o artigo *le* em vez dos artigos *ao* e *aos*, ou da preposição *em*, que precedem o nome numeral em portuguez.

Exemplos :

Le premier juillet, ao primeiro de julho.
Le quatre juin, aos quatro de junho.
Le dix mars, em dez de março.

Exprime-se a data do anno pelos numeros cardinaes, porem a preposição *de*

que precede o primeiro numero, e a conjunção *e* que precede o ultimo, em portuguez, não se exprimem em francez.

Exemplos :

L'an mil huit cent vingt, o anno de mil oito centos e vinte.
Le deux juillet mil huit cent dix, aos dois de julho de mil oito centos e dez.

II.

Na enunciação das sommas, supprime-se a conjunção *e* que precede, em portuguez, o numero exprimido pela ultima cifra de cada serie. Ex.: 508,962,425 francos, *cinq cent huit millions neuf cent soixante-deux mille quatre cent vingt-cinq francs.*

III.

Para distinguir os reis e principes do mesmo nome usão-se os numeros ordinaes pelos dous primeiros numeros, e os cardinaes pelos outros.

Exemplos :

D. Jean premier, D. João primeiro.
D. Jean second, D. João segundo.
Louis quatorze, Luiz quatorze.

CAPITULO IV.

SYNTAXE DOS PRONOMES.

I.

Servem-se sempre os francezes da segunda pessoa, em vez da terceira, de que usão os portuguezes, quando fallão a alguem; he preciso pois neste caso exprimir os pronomes da terceira pessoa pelos pronomes correspondentes da segunda, e as expressões *vossa merce* ou *vossa senhoria* se supprimem. Ex: elle he *ou* vossa merce he muito bom, *vous êtes bien bon.*

II.

Sendo os pronomes pessoaes da segunda pessoa substituidos aos da terceira que se achão na frase portugueza, he preciso substituir tambem os pronomes possessivos da segunda aos da terceira; Ex.: o que lhe digo he verdade, *ce que je vous dis est vrai;* eu o direi a seu pai, *je le dirai à votre père.*

III.

Os pronomes *me*, *te*, *se*, *le*, *la*, *les*, *leur*, *y* e *en*, poem-se antes do verbo,

assim como *nous*, *vous* e *lui*, quando não são precedidos de huma preposição.

Exemplos :

Il me dit, elle me diz.
Je le vois, eu o vejo.
Je les écoute, eu os escuto.
Je lui parle, eu lhe fallo.
J'y songerai, eu cuidarei nisso.
J'en suis étonné, espanto me disso.

IV.

Os pronomes *moi*, *toi*, *soi*, *nous*, *vous*, *lui*, *elle* e *elles*, poem-se depois do verbo quando são precedidos de huma preposição.

Exemplos :

Cela dépend de moi, isso depende de mim.
Je pense à toi, eu penso em ti.
Que dit-on d'eux ? que se diz delles ?

V.

Nas frases imperativas com affirmação, *moi*, *toi*, *nous*, *vous*, *lui*, *leur*, *eux*, *elle*, *elles*, *le*, *la*, *les*, *y* e *en*, poem-se depois do verbo, porem nas frases imperativas com negação, *me*, *te*, *se*, *nous*, *vous*, *le*, *la*, *les*, *lui*, *leur*, *y* e *en*, poem-se antes do verbo.

Exemplos :

Donnez-m'en,	dê-me disso.
Ne m'en donnez pas,	não me dê disso.
Songez-y,	cuide nisso.
N'y songez pas,	não cuide nisso.

VI.

Quando dous ou tres pronomes accompanhão hum verbo, *me*, *te*, *se*, *nous*, *vous*, poem-se os primeiros; *le*, *la*, *les*, antes de *lui* e *leur*; e *y* antes de *en*, que ha de ser o ultimo.

Exemplos :

Je le lui donnerai,	eu lho darei.
Je vous l'enverrai,	eu volo enviarei.
Je l'y enverrai,	eu o enviarei alli.

Excepção. Nas frazes imperativas com affirmação, *le*, *la*, *les*, poem-se sempre os primeiros, v. g. *donnez-le-moi*, daimo; *offrez-le-lui*, offerecei-lho; e *moi* poem-se depois de *y*, v. g. *menez-y-moi*, conduzi-me alli; porem dizemos *menez-nous-y*, conduzi-nos alli.

VII.

O pronome relativo concorda com o seu antecedente, em genero, numero, e pessoa.

Exemplos :

Un jeune homme, qui *est docile aux avis qu'on lui donne aura infalliblement du mérite.* Hum mancebo, que he docil aos conselhos que se lhe dão, terá infallivelmente merecimento.

L'amour de la liberté nous empêche souvent de voir les précipices dans lesquels *nous sommes près de tomber.* O amor da liberdade nos impede muitas vezes o vermos os precipicios em que estamos para cahir.

VIII.

Os pronomes *en* e *y* poem-se em lugar dos pronomes pessoaes da terceira pessoa, ou dos pronomes demonstrativos, precedidos das preposições *de* ou *à*.

Exemplos :

*Ceux qui méprisent la science n'*en *connoissent pas la valeur* (*d'elle*). Aquelles que desprezão a sciencia não conhecem o valor della.

Donnez-lui en (*de cela*), dai-lhe disso.

*Il n'*y *pense pas* (*à cela*), não pensa nisso.

IX.

Os pronomes *où, d'où, par où,* poem-se em lugar de hum pronome relativo precedido de huma preposição.

Exemplos :

Apprenez à éviter les fautes où *je suis tombé* (*dans lesquelles*). Apprenda V. Mce. a evitar os erros em que cahi.

La bonne éducation est la source d'où *dépend la félicité des peuples* (*de laquelle*). A boa educação he a origem de que depende a felicidade dos pôvos.

X.

Le, *la*, *les*, são artigos quando precedem hum substantivo, v. g. *le père*, *la mère*, *les enfans ;* porem são pronomes quando precedem hum verbo, v. g. *je le connois*, *je la respecte*, *je les estime.*

Hum pronome tem sempre o lugar de hum substantivo, porem o pronome *le* pode ter o lugar de hum substantivo, de hum adjectivo, de hum verbo, e algumas vezes de huma frase inteira. Quando o pronome *le* tem o lugar de hum substantivo, faz no feminino *la* e no plural *les ;* fallando de hum homem se diz *je le connois*, fallando de huma mulher, *je la connois*, fallando de muitas pessoas ou cousas, *je les connois.* Mas quando o pronome *le* tem o lugar de hum adjectivo, de hum verbo, ou de huma frase inteira, he invariavel, diz-se sempre *le.*

Exemplos :

Madame , êtes-vous la mère de cet enfant? oui, je la *suis.*

Madame , êtes-vous malade ? oui , je le *suis.*

Il faut obliger quand on le *peut.*

On doit s'accoutumer à l'humeur des autres autant qu'on le *peut.*

Observação. Quando o substantivo he usado adjectivamente; isto he sem artigo, elle ha de ser considerado como adjectivo ; e quando o adjectivo he usado substantivamente , isto he com artigo, elle ha de ser considerado como substantivo.

Exemplos :

Madame , êtes-vous mère? oui, je le *suis.*

Madame, êtes-vous la malade? oui , je la *suis.*

XI.

Ce antes do verbo *être* quer este verbo no singular, excepto quando he seguido de hum substantivo plural, ou de hum pronome plural da terceira pessoa.

Exemplos :

C'est moi,	eu sou.
C'est toi,	tu es.
C'est lui,	elle he.

C'est nous, nós somos.
C'est vous, vós sois.
Ce sont eux, elles são.
Ce sont ses frères, elles são seus irmãos.

XII.

Os pronomes *lui*, *elle*, *eux*, *elles*, não se usão depois do verbo *être*, senão fallando das pessoas.

Assim a estas questões :

Est-ce là votre chapeau?
Sont-ce là vos livres?

Não se deve responder, *oui*, *c'est lui*, *oui*, *ce sont eux*, mas sim, *oui*, *ce l'est*, *oui*, *ce les sont*.

XIII.

On pronome indeterminado não se diz senão das pessoas; elle he sempre sujeito e quer o verbo na terceira pessoa dosingular, v. g. *on va*, *on vient*, *on disoit*, etc. Ainda que este pronome seja ordinariamente seguido de hum masculino, deve ser seguido de hum feminino quando he bem evidente que se falla de huma mulher.

Poem-se algumas vezes o artigo antes do pronome *on* e se diz *l'on* para evitar o encontro de dous sons desagradaveis o que acontece depois das palavras *et*, *si*, *où*, e *que* quando a palavra que segue *on* começa por hum *c*.

XIV.

O pronome indeterminado *chacun*, he seguido algumas vezes de *son*, *sa*, *ses*, e outras de *leur*, *leurs*.

Nas frases em que *chacun* não he o distributivo de hum substantivo plural, usão-se sempre *son*, *sa*, *ses*, v. g. *chacun sera recompensé selon son mérite; chacun doit songer à ses affaires.*

Nas frases em que *chacun* he o distributivo de hum substantivo plural, usão-se *son*, *sa*, *ses*, quando *chacun* segue o regimen do verbo, e *leur*, *leurs*, quando o precede, v. g. *remettez ces livres chacun a sa place; remettez chacun à leur place les livres que je vous donne.*

XV.

Quando o pronome indeterminado *quelque*, he seguido de hum adjectivo só e de *que*, fica invariavel; mas, quando he seguido de hum substantivo só ou accompanhado de hum adjectivo, concorda com o substantivo.

Exemplos:

Quelque savans qu'ils soient, ils ne peuvent résoudre la difficulté. Por mais sabios que sejão, não podem resolver a difficuldade.

Quelques richesses que vous ayez, vous ne serez point heureux si vous ne savez réprimer vos passions. Por mais riquezas que tenhais, não sereis felizes se não souberdes reprimir as vossas paixões.

Quando *quelque* he seguido de hum verbo separa-se em duas partes, e a primeira concorda no genero e numero com o substantivo que precede ou segue, v. g. *quel que soit votre courage* ou *votre courage quel qu'il soit*, seja qual for a sua coragem; *quelle que soit votre force* ou *votre force quelle qu'elle soit*, seja qual for a sua força.

CAPITULO V.

SYNTAXE DOS VERBOS.

I.—*Concordancia do verbo com o seu sujeito.*

O verbo ha de ser da mesma pessoa e do mesmo numero que o seu sujeito.

Exemplos:

Je *vous* rends *le respect que* je dois *à mon roi.*

Dès que tu *la* verras *défends-lui d'avancer.*

Seigneur, il *me* disoit *un éternel adieu.*

Observações.

1.º *Qui*, pronome relativo, sempre sujeito quando não he precedido de huma preposição, merece huma attenção particular. Para escrever bem o verbo que tem por sujeito o relativo *qui*, deve-se examinar qual he o antecedente deste pronome. He preciso escrever:

C'est MOI qui ai *parlé*.
C'est TOI qui as *joué*.
C'est LUI qui a *frappé*.
C'est NOUS qui avons *mangé*.
C'est VOUS qui avez *mangé*.
Ce sont EUX qui ont *couru*.

2.º Quando hum verbo tem dois sujeitos no singular unidos por *et* ou *ni*, poem-se o verbo no plural.

Exemplos :

La douceur et *la sagesse du sage Mentor me* charmèrent.

Ni *l'or* ni *la grandeur ne nous* rendent *heureux*.

Depois de *l'un et l'autre* he sempre preciso pôr o verbo no plural, v. g. l'un et l'autre sont *bons*; l'un et l'autre ont *fait leur devoir*.

Depois de *ni l'un ni l'autre* poem-se o verbo no plural, quando pondo a conjun-

ção *et* em lugar da negação *ni*, a frase diz o contrario do que dizia, porem fica sempre correcta. Mas poem-se o verbo no singular, quando não se pode por *et* em lugar de *ni*.

Exemplos:

Ni l'un ni l'autre ne *sont* bons.
Ni l'un ni l'autre ne me *conviennent*.
Ni l'un ni l'autre n'*est* mon père.
Ni l'un ni l'autre n'*est* mon cheval.

3.º Se os sujeitos são de diversas pessoas, poem-se o verbo no plural e na pessoa a mais nobre. A primeira pessoa he mais nobre do que a segunda, e a segunda do que a terceira.

Exemplos:

Vous, votre femme et *moi nous reviendrons* demain.

Pénélope, sa femme et *moi* qui suis son fils *nous avons perdu* l'espérance de le revoir.

4.º Quando dous sujeitos no singular e da terceira pessoa são unidos pela conjunção alternativa *ou*, poem-se o verbo no singular, v. g. *mon père* ou *ma mère viendra*.

Se os dois sujeitos são da terceira pessoa, porem hum no singular e o outro no plu-

ral, he aquelle que está mais perto do verbo que determina a concordancia, mas se os sujeitos unidos pela conjunção *ou* são de diversas pessoas, poem-se o verbo no plural e na pessoa mais nobre.

5.º Quando dous sujeitos são unidos por huma das conjunções *comme*, *de même que*, *ainsi que*, *aussi bien que*, *autant que*, he o primeiro sujeito que determina a concordancia.

Exemplos:

La force de l'âme, comme *celle du corps*, est *le fruit de la tempérance.*

L'envie de même que *les autres passions n'*est *pas compatible avec le bonheur.*

6.º Poem-se o verbo no singular, ainda que seja precedido de muitos sujeitos no singular ou plural, quando ha na frase huma palavra que ajunta em hum só sujeito todos os que precedem, v. g. *tout*, *rien*, *personne*, etc.

Exemplos:

Grands, riches, petits et pauvres, personne *ne* peut *se soustraire à la mort.*

Lois, police, politique, discipline militaire, marine, commerce, manufactures, sciences, beux-arts, tout s'est *perfectionné.*

7.º Quando o sujeito he hum substantivo collectivo, poem-se o verbo algumas vezes no singular, e outras no plural.

O collectivo geral, * seja só, seja accompanhado de hum nome singular ou plural, rege o verbo seguinte no singular, v. g. *le peuple* est *content; l'armée des ennemis* est *en déroute.*

O collectivo partitivo accompanhado de hum substantivo singular rege o verbo que segue no singular, porem o collectivo partitivo accompanhado de hum substantivo plural rege o verbo que segue no plural, v. g. *la plupart du monde* néglige *de s'instruire; la plupart des enfans* sont *légers.*

As palavras *une infinité, la plupart*, usadas sem substantivos regem o verbo no plural, v. g. *la plupart* furent *du même avis.*

---

* Chama-se collectivo huma palavra que ainda que no singular exprime a idea de muitas pessoas ou cousas unidas. Distinguem-se duas especies de collectivos : os collectivos geraes, v. g. *une armée, un peuple, le monde, une forêt, un troupeau*, etc. e os collectivos partitivos, he a dizer aquelles que não exprimem senão huma collecção parcial, v. g. *une infinité de, une multitude de, une foule de, la plupart de, une partie de, la plus grande partie de*, ou algumas palavras que exprimem a quantidade, v. g. *beaucoup, plus, assez, moins, plus, trop, combien, tant.*

Acha-se porem muitas vezes o verbo em concordancia com o collectivo partitivo, e não com o substantivo que segue o collectivo, ainda que isto não seja conveniente.

II.—*Lugar do sujeito do verbo.*

O sujeito do verbo, seja nome, seja pronome, poem-se de ordinario antes do verbo.

Exemplo :

Le sage Mentor *m'*aima *jusqu'à me suivre dans un voyage téméraire que* j'entreprenois *contre ses conseils ; et* les dieux permirent *que* je fisse *une faute* qui devoit *servir à me corriger de ma présomption.*

Excepções :

1.º Nas frases interrogativas poem-se o sujeito depois do verbo, v. g. *que faisons*-nous? *où est* votre sœur? Porem se depois do verbo ha hum pronome correspondente ao nome, o nome sujeito fica antes do verbo e a interrogacão he indicada pelo pronome que está depois delle ; *votre* frère *vient*-il? *vos* parens *ont*-ils *été contens?*

Observação. Pode-se dizer na primeira

pessoa *donné-je? puis-je? dois-je?* etc.; mas o uso não permitte sempre este modo de interrogar, porque faz a pronunciação dura e desagradavel: não se diz, *cours-je? sors-je? dors-je?* he preciso dizer, *est-ce que je cours? est-ce que je sors? est-ce que je dors?*

2.º O sujeito, seja nome, seja pronome, poem-se depois do verbo nas locuções que denotão que se relata as palavras de alguma pessoa; v. g. *heureux*, disoit Mentor, *le peuple qui est conduit par un sage roi.*

3.º Quando o sujeito he seguido de muitas palavras que rege, poem-se depois do verbo pela clareza da fraze. Isso se faz tambem muitas vezes por elegancia.

Exemplos:

D'un autre côté on voyoit une rivière où se formoient des îles *bordées de tilleuls fleuris et de hauts peupliers qui portoient leurs têtes superbes jusque dans les nues.*

Mon fils, cette histoire doit vous instruire, puisque vous êtes dans l'état où fut Apollon.

4.º Poem-se o substantivo sujeito depois do verbo nas frases que começão por

huma destas palavras *tel*, *ainsi*; v. g. *tel est mon avis*; *ainsi finit la querelle*.

5.º Poem-se tambem o sujeito depois do verbo nas frases que começão por hum verbo usado impessoalmente; v. g. *il est arrivé un grand malheur; il est arrivé de grands malheurs*.

III.—*Regimen dos verbos.*

Pode hum nome ser regimen de dous verbos que querem o mesmo regimen. Assim se diz *il attaqua et prit la ville*, porem não se pode dizer *il attaqua et s'empara de la ville*.

Regimen dos verbos activos.

O verbo activo pode ter dos regimenes, hum directo, que não he precedido de huma preposição, e o outro indirecto que he precedido de huma preposição.

Exemplos:

SUJEITOS.	VERBOS.	REG. DIREC.	REG. INDIRECTOS.
Votre mère	*a vendu*	*sa maison*	*à mon père.*
Nous	*obtenons*	*cette grace*	*du roi.*
Mon frère	*enverra*	*votre lettre*	*à son correspondant.*

Observações.

1. Pode hum verbo ter por regimen tres especies de palavras.

1.º Hum substantivo, v. g. *j'aime* l'étude; *Dieu a crée* les hommes, etc.

2.º Hum pronome, v. g. *je* le *vois*; *nous* le *connoissons*; *il* vous *aime*, etc.

3.º Hum verbo no infinito, v. g. *il sait* parler; *il apprend à* écrire; *il a résolu de* partir.

O infinito regimen he humas vezes sem preposição, outras com as preposições *de* ou *à*.

2. Poem-se commummente o regimen directo depois do verbo quando he hum nome, e antes do verbo quando he hum pronome.

Exemplos:

NOMES.	PRONOMES.
Je connois son frère..	*je* le *vois souvent.*
Je te donnerai le livre..	que *je lis*,
S'ils font des fautes..	*nous* les *corrigerons.*

Regimen dos verbos passivos.

Poem-se *de* ou *par* antes do nome ou pronome que segue o verbo passivo.

Exemplos:

Cet homme est connu de *toute la ville.*
Cette ville fut prise par *les Français.*

Usa-se muitas vezes o verbo passivo sem regimen, v. g. *la ville est prise ; il est averti*, etc.

Regimen dos verbos neutros.

Poem-se *à* ou *de* antes do nome ou pronome que segue o verbo neutro; v. g. *cette maison convient à mon père. Ils rient de tout.*

Observação. Hum verbo activo que não tem regimen directo usa-se neutralmente, mas não he hum verbo neutro. Nesta frase, *voilà l'homme que vous avez entendu chanter;* o infinito *chanter* não tem regimen, he hum verbo activo usado neutralmente.

Regimen dos verbos pronominaes.

O regimen dos verbos pronominaes, he ordinariamente hum dos pronomes *me, te, se, nous, vous.* Estes pronomes são algumas vezes regimen directo, v. g. *je me flatte*, he a dizer *je flatte moi*, e outras regimen indirecto, v. g. *je me fais du mal*, he a dizer *je fais du mal à moi.*

IV.—*Uso dos modos e dos tempos.*

INDICATIVO.

Usa-se o indicativo para exprimir de hum modo positivo que huma cousa he,

foi ou será. Este modo tem oito tempos, presente, imperfeito, preterito definito, preterito indefinito, preterito anterior, preterito mais que perfeito, futuro simplez e futuro anterior.

1.º DO PRESENTE.

O presente do indicativo denota que huma cousa he ou se faz no momento em que se falla; v. g. *je suis malade*, estou emfermo; *nous nous promenons*, passeamos.

Usa-se tambem o presente para exprimir huma cousa que se faz habitualmente, ou o estado habitual de hum sujeito, v. g. *j'enseigne la grammaire*, ensino a gramatica; *je joue des instrumens*, eu toco instrumentos; *Dieu est tout puissant*, Deos he todo poderoso.

O presente poem-se algumas vezes em lugar de hum futuro proximo, v. g. *je vous suis tout à l'heure*, eu já vos sigo; *c'est demain fête*, á manhãa he dia santo.

Poem-se o presente em lugar dos preteritos quando se quer dar mais viveza e mais energia ao discurso.

Exemplo :

Dès que la flotte est *en pleine mer*, *le ciel* se couvre *de nuages*, *les éclairs* brillent *de toutes parts*, *le tonnerre* gronde,

la mer écume, *les flots* s'entrechoquent, *les abymes* s'ouvrent, *les vaisseaux* perdent *leurs voiles*, *leurs mâts*, *leurs gouvernails*, *et* se brisent *contre les bancs et les rochers.*

2.° DO IMPERFEITO.

O imperfeito mostra huma acção como presente em hum tempo que se faz outra acção, v. g. *je dinois quand il arriva*, eu jantava quando entrou.

Usa-se tambem o imperfeito fallando de acções habituaes e reiteradas em hum tempo passado.

Usa-se principalmente o imperfeito nas descripções.

Exemplo:

Calypso ne pouvoit *se consoler du départ d'Ulysse. Dans sa douleur elle se* trouvoit *malheureuse d'être immortelle. Sa grotte ne* résonnoit *plus de son chant. Les nymphes qui la* servoient *n'*osoient *lui parler.*

3.° DO PRETERITO DEFINITO.

O preterito definito signala huma coisa feita em hum tempo determinado, do qual já não fica coisa alguma. Assim não se deve dizer *je vis votre père ce matin*, *cette semaine*, *ce mois-ci*, *cette année*, por-

que o dia, a semana, o mez, o anno, não são inteiramente passados no momento em que se diz *je vis votre père;* porem diz-se muito bem, *je vis votre père hier, la semaine dernière, le mois dernier, l'année dernière,* porque então o dia, a semana, o mez, o anno, são inteiramente passados.

4.º DO PRETERITO INDEFINITO.

O preterito indefinito serve de exprimir huma coisa feita em hum tempo designado de hum modo indeterminado, ou em hum tempo que não passou inteiramente, v. g. *j'ai vu votre père,* eu vi vosso pai; *j'ai vu votre père ce matin, cette semaine, ce mois-ci,* etc. eu vi vosso pai esta manhãa, etc.

Usa-se algumas vezes o preterito indefinito em lugar do futuro anterior, v. g. *avez-vous bientôt fait? j'ai fini dans un moment.* Isto he *aurez-vous bientôt fait? j'aurai fini dans un moment;* acabastes já? já acabei.

5.º DO PRETERITO ANTERIOR.

O preterito anterior exprime huma cousa feita antes de outras em hum tempo já passado. Este preterito he ordinariamente precedido das conjunções seguintes, *quand, lorsque, dès que, aussitôt que,*

après que, etc. v. g. *dès que j'eus reçu mon argent, je m'en allai*, assim que recebi o meu dinheiro, logo me fui embora.

6.º DO PRETERITO MAIS QUE PERFEITO.

O mais que perfeito mostra huma cousa não somente passada em si mesma, mas tambem passada a respeito de outra, que tambem passou; v. g. *j'avois fini ma lettre quand il entra*, eu tinha acabado a minha carta quando entrou.

7.º DO FUTURO SIMPLEZ.

O futuro simplez denota que huma coisa succederá em tempo que ainda não chegou, v. g. *j'écrirai demain à mon père*, escreverei á manhãa a meu pai.

8.º DO FUTURO ANTERIOR.

Este tempo exprime que huma cousa acontecerá quando outra terá já passado, v. g. *quand j'aurai fini mes affaires, j'irai vous voir*, quando eu tiver acabado os meus negocios, eu irei ver-vos.

CONDICIONAL.

1.º DO PRESENTE.

O presente do condicional demostra que huma cousa seria em hum tempo presente ou futuro, se houvesse alguma condição, v. g. *j'irois me promener avec vous, si je*

pouvois, eu iria passear comvosco, se eu pudesse.

2.º DO CONDICIONAL PASSADO.

O condicional passado mostra que huma cousa teria sido feita, se a condição, da qual ella dependia, houvesse tido effeito, v. g. *je vous aurois déjà écrit, si j'avois su où vous étiez*, eu já vos teria escrito, se tivesse sabido onde estaveis.

IMPERATIVO.

Usa-se o imperativo para comandar, rogar, exhortar. Este modo não tem senão hum tempo, que denota o presente á respeito da acção de comandar, e hum futuro a respeito da cousa comandada. He porque não se pode comandar huma cousa a si mesmo que o imperativo não tem primeira pessoa no singular.

Exemplo:

Quand tu seras le maître des autres hommes, souviens-toi *que tu as été foible, pauvre et souffrant comme eux;* prends *plaisir à les soulager;* aime *ton peuple*, déteste *la flatterie, et* sache *que tu ne seras grand qu'autant que tu seras modéré et courageux pour vaincre tes passions.*

SUBJUNCTIVO.

Usa-se o subjunctivo para exprimir vontade, comando, desejo, duvida, temor, etc.

Exemplos:

On veut que je lise.
On commande que tu partes.
Je souhaite que vous veniez.
Je crains que vous ne puissiez pas y aller.
Croyez-vous qu'il vienne aujourd'hui?
Pensez-vous que cela soit vrai?

Usa-se o subjunctivo depois dos verbos impessoaes ou usados impessoalmente.

Exemplos:

Il faut que j'écrive.
Il est à souhaiter qu'ils reviennent.
Il est temps que je parte.

Porem os verbos impessoaes seguintes querem o indicativo:

Il est vrai que vous avez tort.
Il paroît que vous êtes contents.
Il est prouvé qu'il est coupable.
Il est certain que cela est arrivé.
Il est sûr qu'ils ont raison.
Il est probable que nous aurions fini.

Usa-se o subjunctivo depois das conjunções *afin que*, *pour que*, *quoique*, *à moins que*, *avant que*, *de peur que*, *de crainte que*, *pourvu que*, *pour peu que*, *jusqu'à ce que*, *sans que*, *soit que*, etc.; e depois de *quoi que*, *quelque..... que*, *quel* ou *quelle que*, *quels* ou *quelles que*.

Exemplos:

Il fait son devoir, afin que *je* sois *content de lui.*

Quoi que *vous* fassiez *vous ne réussirez point.*

Quel que soit *votre mal*, *on peut vous soulager.*

Porem as conjunções seguintes, *sinon que*, *si ce n'est que*, *de sorte que*, *en sorte que*, *de manière que*, querem humas vezes o subjunctivo, e outras o indicativo: querem o indicativo, quando o verbo da primeira frase exprime affirmação de hum modo positivo; mas querem o subjunctivo, quando o verbo da primeira frase exprime duvida, desejo, comando. He preciso dizer com o indicativo: *votre fils s'est comporté* de manière que *tout le monde* a été *content*, mas he preciso dizer com o subjunctivo: *comportez-vous* de manière que *tout le monde* soit *content.*

Os pronomes relativos *qui*, *que*, *lequel*

laquelle, *dont*, *où*, querem o subjunctivo, quando o seu antecedente acha-se em huma frase que denota duvida, desejo, interrogação, ou comando.

Exemplos:

PRON. RELATIVO COM O INDICATIVO.	PRON. RELATIVO COM O SUBJUNCTIVO.
Je connois quelqu'un qui pourra *vous rendre ce service.*	*Connoissez - vous quelqu'un* qui puisse *me rendre ce service?*
Prêtez-moi ce livre dont *vous n'*avez *pas besoin.*	*Prêtez-moi un livre* dont *vous n'*ayez *pas besoin.*

He preciso pôr o subjunctivo depois da conjunção *que* usada em lugar de *si*, *afin que*, *soit que*, *sans que*, *avant que*, *à moins que*, *jusqu'à ce que*, *de ce que*, etc.

Exemplos:

Si vous revenez et que *je n'y* sois *pas vous m'attendrez.*

Isto he: *si vous revenez et* si *je n'y* suis *pas*, etc.

Que *tu* viennes *ou* que *tu ne* viennes *pas*, *cela m'est indifférent.*

Isto he: soit que *tu viennes*, soit que *tu ne viennes pas*, etc.

INFINITO.

O infinito he hum modo que de si mesmo não significa cousa determinada.

O presente do infinito, he a dizer a palavra pela qual designa-se o verbo, denota hum presente relativo ao tempo do verbo que o precede.

Exemplos:

Je l'entends parler, aqui *parler* denota o presente.

Je l'ai entendu parler, aqui *parler* denota o passado.

Je l'entendrai parler, aqui *parler* denota o futuro.

Porem o preterito do infinito denota hum passado a respeito do verbo que precede, v. g. *je crois l'avoir entendu*, *je croyois l'avoir entendu.*

Observação. O genio da lingua franceza antepoem o infinito ao subjunctivo quando a construcção da frase o permitte. Deve-se dizer, *je viens pour vous voir* e não *je viens pour que je vous voie.*

V.—*Concordancia dos tempos do indicativo e do condicional.*

Para fazer o uso conveniente dos tempos do indicativo e do condicional nas frases subordinadas, he a dizer nas fraz

que são unidas a outras por huma conjunção, he bastante dar attenção á idea que se deseja exprimir.

I.

Quando o verbo da primeira frase he no presente ou futuro do indicativo, o tempo do segundo verbo deve ser aquelle que pode exprimir a idea.

Exemplos:

On dit / *On dira* } *que* {
tu es malade.
tu étois malade quand....
tu fus malade l'année dernière.
tu as été malade cette année.
tu avois été malade quand...
tu seras malade si....
tu serois malade si....
tu aurois été malade si....
tu eusses été malade si....

II.

Quando o verbo da primeira frase he no imperfeito ou nos preteritos, e o segundo verbo exprime huma acção transitoria:

1.º Poem-se o segundo verbo no imperfeito para exprimir hum presente relativo ao primeiro verbo.

Exemplos:

Je croyois *que tu* dormois.

Je crus *qu'il* étoit *malade.*
J'ai cru *qu'il* étoit *endormi.*
J'avois crus *qu'il* étoit *éveillé.*

2.° Poem-se o segundo verbo no preterito mais que perfeito para exprimir hum passado anterior ao primeiro verbo.

Exemplos :

Je croyois *que tu* avois *dormi.*
Je crus *qu'il* avoit été *malade.*

3.° Poem-se o segundo verbo no presente do condicional para exprimir hum futuro absoluto.

Exemplos :

Je croyois *que tu* dormirois.
Je crus *qu'il* seroit *malade.*
J'ai cru *qu'il* seroit *endormi.*
J'avois cru *qu'il* seroit *éveillé.*

Observações.

1.° Seja qual for o tempo do primeiro verbo, he preciso pôr o segundo verbo no presente do indicativo quando se trata de huma verdade constante, ou de huma cousa que não depende de huma circumstancia de tempo, ou que ainda existe no momento em que se falla; v. g. *nous* avons toujours pensé *qu'il* existe *un Dieu*, *et*

que sa puissance est *infinie. Je* savois *bien que votre père* a *une maison à Paris.*

VI.—*Concordancia dos tempos do subjunctivo com os tempos do indicativo e do condicional.*

Já vimos que o uso do subjunctivo depende algumas vezes do verbo que o precede, e outras das conjunções que o regem. O subjunctivo tem quatro tempos: o presente, o imperfeito, o preterito, e o mais que perfeito. O uso destes tempos depende não somente do tempo do verbo com que concordão, mas ainda da idea que se deseja exprimir.

I.

Sendo o verbo da frase principal no presente ou futuro do indicativo, poem-se o verbo da frase subordinada no presente do subjunctivo para exprimir hum presente ou futuro, e no preterito do subjunctivo para exprimir hum passado ou futuro anterior, a respeito do verbo da frase principal.

Exemplos :

Je ne souffrirai *point, ô Télémaque,* que *vous* tombiez *dans ce défaut, qui rend un homme imbécille pour le gouvernement.*

Si vous attendez que *Philoclès* ait conquis *l'île de Corpathie, il ne sera plus temps d'arrêter ses desseins.*

II.

Sendo o verbo da frase principal no imperfeito, preterito, mais que perfeito do indicativo, ou no condicional, poem-se o verbo da frase subordinada no imperfeito do subjunctivo para exprimir hum presente relativo ou futuro, e no mais que perfeito do subjunctivo para exprimir hum passado anterior a respeito do verbo da frasc principal.

Exemplos:

Cette lettre me jeta dans une étrange surprise : je la relisois sans cesse, et ne pouvois *me persuader* qu'*elle* fût *de Philoclès.*

Neptune, quoique favorable aux Phéniciens, ne pouvoit *supporter plus longtemps* que *Télémaque* eût échappé *à la tempête qui l'avoit jeté contre les rochers de l'île de Calypso.*

III.

Porem seja qual for o tempo do verbo da frase principal, poem-se o verbo da frase subordinada no presente do subjunctivo, quando se falla de huma verdade

constante, ou de huma cousa presente no momento que se falla.

Exemplo:

Ces hommes qui avoient abusé *de la vertu même*, quoiqu'*elle* soit *le plus grand don des dieux, étoient punis comme les plus scélérats des hommes.*

Observações.

He facil o ver que o subjunctivo he sempre determinado pelo verbo da frase principal, ou pela conjunção que une a frase subordinada com a frase principal, porem o tempo do subjunctivo não pode ser determinado senão pela idea que se quer exprimir. A melhor regra para conhecer o tempo do subjunctivo, que se deve usar na frase subordinada, he de fazer desta frase a frase principal, usando o indicativo; então o tempo do subjunctivo ha de ser hum tempo correspondente ao tempo do indicativo que figura na frase descomposta.

VII.—*Dos participios.*

Cada verbo tem dous participios, hum que se chama *participio presente*, o outro *participio passado*.

DO PARTICIPIO PRESENTE.

O participio presente acaba sempre em *ant.* He preciso não confundir o parti-

cipio presente, usado como tempo do verbo, com a mesma palavra, usada como adjectivo verbal.

O participio presente não varia nem pelo genero, nem pelo numero, seja qual for o nome que o accompanhe; porem o adjectivo verbal concorda com o seu substantivo.

Exemplos :

Cet homme est d'un bon caractère, obligeant *tout le monde, quand il en trouve l'occasion ; cette femme est d'un bon caractère*, obligeant *tout le monde, quand elle le peut.*

C'est un homme obligeant; *c'est une femme* obligeante; *ce sont des hommes* obligeans; *ce sont des femmes* obligeantes.

Cette maison, appartenant *à votre père, il doit en payer les réparations.*

Je suis chargé de vendre une maison appartenante *à votre père.*

Observação.

O participio presente he verbo, quando tem hum regimen directo; he tambem verbo, ainda que não tenha regimen directo, quando se pode pôr em seu lugar hum tempo do verbo, precedido das conjunções, *comme, parceque, si, car, lorsque.* Porem he adjectivo verbal, quando

se pode pôr antes delle o relativo *qui* com hum tempo do verbo *être*, sem mudar o sentido da frase.

DO PARTICIPIO PASSADO.

A concordancia do participio passado depende do seu uso.

1.º O participio pode se achar só, sem auxiliar, então he adjectivo verbal, v. g. *un pays conquis, une armée vaincue.*

2.º O participio pode ser accompanhado do verbo *être*, v. g. *je suis aimé, il est parti.*

3.º O participio pode ser accompanhado do verbo *avoir*, v. g. *j'ai aimé, il a parlé.*

4.º O participio pode ser accompanhado do verbo *être* usado em vez de *avoir*, v. g. *je me suis blessé*, isto he, *j'ai blessé moi.*

1.º *Do participio passado usado como adjectivo verbal.*

Hum participio passado que não he accompanhado dos auxiliares *être* ou *avoir* he hum adjectivo verbal, que concorda em genero e numero com o seu substantivo, v. g. *un fils chéri; une somme reçue*, etc.

2.º *Do participio passado accompanhado do verbo* être.

Hum participio accompanhado do verbo *être* concorda em genero e numero com o sujeito do verbo, v. g. *mon frère est aimé; mes sœurs sont venues*, etc.

Observação. Acontece algumas vezes que o sujeito do verbo se acha depois do participio, porem o participio concorda sempre com elle.

3.º *Do participio passado accompanhado do verbo* avoir.

O participio passado accompanhado do verbo *avoir* pode ser com ou sem regimen directo, este regimen pode ser antes ou depois do participio.

O participio passado accompanhado do verbo *avoir* não concorda jámais com o sujeito do verbo, porem concorda em genero e numero com o regimen directo, quando este regimen o precede: por consequencia, quando não ha regimen directo, ou quando o regimen directo segue o participio, fica o participio invariavel.

Exemplos:

Ma sœur a chanté.
Mes frères ont vu *la fête.*
La chanson que *ma sœur* a chantée.

La fête que *mes frères* ont vue.
Quel homme avons-*nous* vu ?
Quelle femme avez-*vous* vue?
Que de maux *il* a soufferts!

Quando o regimen directo precede o participio, este regimen he ordinariamente hum dos pronomes *que*, *me*, *te*, *se*, *nous*, *vous*, *le*, *la*, *les*, e nas frases de interrogação ou exclamação he hum substantivo precedido de huma das palavras seguintes: *quel*, *quelle*, *quels*, *quelles*, *que de*, *combien de*.

4.° *Do participio passado accompanhado do verbo* être *usado em lugar de* avoir.

Em quasi todos os verbos pronominaes o verbo *étre* he usado em lugar de *avoir*, então o participio não concorda com o sujeito, mas com o regimen directo quando este regimen precede o participio.

Exemplos:

Ma sœur s'est coupée.
Ma sœur s'est coupé *le doigt.*
Isto he, *ma sœur a coupé elle; ma sœur a coupé le doigt à elle.*

Porem quando, em hum verbo pronominal, não se pode substituir o verbo *avoir* ao verbo *étre*, he preciso fazer concordar o participio com o sujeito.

Exemplos :

Les années se sont écoulées.
Cette maison s'est vendue bien cher.
Ils se sont repentis.
Cette opération s'est faite hier.
Aussitôt que vous avez parlé, elles se sont tues.

Observações

Sobre o participio passado accompanhado do verbo avoir, *ou do verbo* être *usado em lugar de* avoir.

1.º Acontece muitas vezes que o sujeito do verbo se acha depois do participio, porem isso não faz cousa alguma, concorda sempre o participio com o regimen directo, quando este o precede.

Exemplo :

Les soldats avoient été attachés à la famille de César, qui étoit garante de tous les avantages QUE *leur* avoit PROCURÉS *la révolution.*

2.º Hum participio, precedido do seu regimen directo, he muitas vezes seguido de hum adjectivo, ou substantivo usado adjectivamente, que tem relação com o regimen directo, porem isso não faz nada ; o participio concorda sempre com o seu regimen directo quando este o precede.

Exemplo:

Ils poussèrent des cris de joie en nous voyant, comme en revoyant les compagnons QU'ils avoient CRUS perdus.

3.º O participio passado, seja qual for o auxiliar que o accompanhe, fica invariavel quando se usão ambos impessoalmente.

Exemplos:

*Les chaleurs qu'*il a fait *cet été.*
Il est arrivé *un grand malheur.*
Il est arrivé *de grands malheurs.*

4.º Quando o participio he seguido de hum verbo no infinito, he preciso examinar com cuidado se o regimen, que precede o participio, he regimen deste participio ou do infinito que o segue.

Se o verbo do participio he activo, e o segundo verbo neutro, o regimen que precede pertence ao verbo do participio, que deve então concordar com elle.

Les femmes que *j'ai* entendues *parler.*
Les courriers que *j'ai* vus *arriver.*

Se o verbo do participio he neutro, e o segundo verbo activo, o regimen que precede pertence ao segundo verbo, e então o participio fica invariavel.

Exemplos :

C'est une affaire que *je n'aurois jamais* OSÉ *entreprendre.*

Voilà les livres que *vous avez* PARU *désirer.*

Se os dous verbos são activos, pertence o regimen que precede ao primeiro ou ao segundo verbo conforme o sentido da frase. Pertence o regimen que precede ao primeiro verbo, isto he ao participio, quando se pode pôr o substantivo que elle representa (este regimen he ordinariamente hum pronome) entre os dous verbos, e então o participio ha de concordar com elle; porem, quando não se pode pôr o substantivo entre os dous verbos, o participio fica invariavel, porque o regimen pertence ao segundo verbo.

Exemplos :

Voilà les acteurs que *j'ai* vus *jouer.*
Voilà les tragédies que *j'ai* vu *représenter.*
Voilà les écoliers que *j'ai* vus *écrire.*
Voilà les lettres que *j'ai* vu *écrire.*

No primeiro e terceiro exemplo concorda o participio com o regimen, porque se pode dizer: *j'ai vu les acteurs jouer; j'ai vu les écoliers écrire;* porem no segundo e quarto exemplo, o participio fica

invariavel, porque não se pode dizer : *j'ai vu les tragédies représenter ; j'ai vu les lettres écrire.*

5.º Quando o participio he seguido de hum verbo no indicativo, condicional, ou subjunctivo, o regimen que precede pertence sempre ao segundo verbo, e por consequencia, o participio fica sempre invariavel.

Exemplos :

Voilà les ouvrages qu'*il a* voulu *que je fusse.*

Telle est la faute qu'*il a* supposé *que nous ferions.*

CAPITULO VI.

SYNTAXE DOS ADVERBIOS.

I.

Nos tempos simplez poem-se o adverbio depois do verbo, e nos tempos compostos entre o auxiliar e o participio.

Exemplos :

L'homme le plus éclairé est ordinairement celui qui pense le plus modestement de lui-même.

Avez-vous jamais vu un homme plus ennuyeux ?

Os adverbios compostos, e aquelles que tem conservado o regimen do adjectivo de que se formão, poem-se sempre depois do verbo; v. g. *c'est à la mode ; il a agi conséquemment.*

Os adverbios que denotão o tempo de hum modo indeterminado poem-se tambem depois do verbo, v. g. *il eût fallu se lever plus matin ; on a vu cela autrefois.*

Os adverbios que denotão o tempo de hum modo determinado, e aquelles que denotão a ordem, poem-se antes ou depois do verbo, v. g. *nous devons premièrement faire notre devoir, secondement chercher les plaisirs permis. Aujourd'hui il fait beau, il pleuvra peut-être demain.*

Os adverbios que servem para interrogar poem-se sempre antes do verbo, v. g. *où allez-vous? comment vous portez-vous?*

II.

O adverbio poem-se sempre antes do adjectivo que modifica, v. g. *elle est fort belle ; il est extrêmement savant.*

III.

Os adverbios de quantidade e de comparação, assim como *souvent*, *toujours* e *jamais* poem-se antes dos outros adverbios, porem *souvent* pode ser precedido de hum adverbio de quantidade ou de comparação, v. g. *si souvent*, *assez souvent.*

Quando *bien* precede hum adverbio ou djectivo, significa *muito*, porem, quan- o segue outro adverbio significa *bem*.

IV.

A negativa *ne* acha-se ordinariamente eguida de *pas* ou *point*, v. g. *je ne mange as, je ne veux point.*

Excepções :

1.º Exceptuão-se algumas frases em que e achão as palavras seguintes: *jamais, lus, aucun, personne, nul, ni, rien,* . g. *nul n'est innocent devant Dieu*, ne- huma pessoa he innocente diante de Deos. *'e ne l'aime ni ne l'estime*, não o amo, em o estimo.

2.º Nas frases comparativas *ne* não he ccompanhado de *pas*, v. g. *vous parlez nieux que vous n'écrivez*, vós fallais me- hor do que escreveis.

3.º Deve-se supprimir *pas* ou *point* de- ois dos verbos *pouvoir* e *savoir* usado na ignificação de *pouvoir*, v. g. *je ne puis e faire*, eu não posso fazelo; *il ne sau- oit y consentir*, elle não pode consentir isso.

4.º Tambem se deve supprimir *pas* ou *oint* depois dos verbos *empêcher* e *pren-*

dre garde, v. g. *j'empêcherai qu'on ne vous trompe*, impedirei que vos não enganem.

5.º Com os verbos *craindre*, *avoir peur*, *appréhender*, deve-se supprimir *pas* ou *point*, quando a frase significa hum objeto que não se deseja, v. g. *il craint que sa maladie ne soit mortelle*, elle teme que a sua doença seja mortal.

6.º Supprime-se *pas* ou *point* quando occorrem na mesma frase as conjunções *de peur que*, *de crainte que*, v. g. *suivez-le de peur qu'il ne tombe*, segui-o para que não cahia.

V.

He difficil dar regras para saber quando he preciso usar de *pas* ou de *point*; o certo he que *point* nega mais absolutamente do que *pas*.

Nas frases de pura negação ou prohibição usa-se mais de *pas* que de *point*, v. g. *il ne veut pas*, elle não quer.

Nas frases interrogativas *point* demostra huma duvida, e *pas* huma coisa positiva.

Pode-se usar de *point* em lugar de *non* para responder negativamente a huma interrogação, porem *pas* não se usa nestas frases, v. g. *en est-il content? point, point du tout*, elle está contente disto? não, não.

VI.

Nos tempos simplez *pas* ou *point* poem-se depois do verbo, porem no infinito poem-se antes delle, e nos tempos compostos entre o auxiliar e o participio; a negativa *ne* que precede poem-se sempre antes do verbo, v. g. *je ne mange pas*, eu não como; *pour ne pas tomber*, para não cahir; *il n'avoit pas dormi*, não tinha dormido.

CAPITULO VII.

SYNTAXE DAS PREPOSIÇÕES.

I.

As preposições seguintes: *avant*, *après*, *chez*, *dans*, *depuis*, *devant*, *derrière*, *durant*, *envers*, *excepté*, *hors*, *hormis*, *nonobstant*, *parmi*, *pendant*, *selon*, *suivant*, *touchant*, *vers*, querem o artigo antes do seu regimen, v. g. *dans la maison*, na casa; *avant la nuit*, antes da noite; etc.

As preposições *à*, *de*, *avec*, *contre*, *entre*, *malgré*, *outre*, *par*, *pour*, *sur*, *sans*, querem algumas vezes o artigo antes do seu regimen, e outras não o querem, v. g. *sans les passions où seroit le mérite?* sem as paixões onde seria o merecimento?

vivre sans passions, c'est vivre sans plaisirs et sans peines, viver sem paixões, he viver sem prazeres e sem cuidados.

O substantivo regido pela preposição *en* não he em geral precedido do artigo v. g. *en ville, en campagne, en extase.*

II.

As preposições *de, à* e *en*, devem-se repetir antes de todos os substantivos que regem.

Exemplos:

Voyons qui l'emportera de vous, de lui, ou de moi.

En Asie, en Europe, en Afrique et jusqu'en Amérique, on trouve le même préjugé.

As outras preposições, especialmente aquellas que tem muitas syllabas, repetem-se antes dos nomes que tem huma significação inteiramente differente, porem, em geral não se repetem antes dos substantivos que tem quasi a mesma significação.

Exemplos:

Rien n'est moins selon Dieu et selon le monde.

Il perd sa jeunesse dans la mollesse et la volupté.

III.

Hum substantivo pode ser regido por duas preposições, quando não tem hum regimen differente ; dizemos muito bem *écrire pour et contre un parti*, mas não podemos dizer *écrire en faveur et contre un parti*, porque *en faveur* quer a preposição *de*.

CAPITULO VIII.

SYNTAXE DAS CONJUNÇÕES.

I.

As conjunções seguintes : *bien entendu que*, *à condition que*, *à la charge que*, *de même que*, *ainsi que*, *aussi bien que*, *autant que*, *non plus que*, *outre que*, *parceque*, *attendu que*, *vu que*, *puisque*, *lorsque*, *pendant que*, *tandis que*, *durant que*, *tant que*, *peut-être que*, *comme*, *comme si*, *quand*, etc. regem o verbo que segue no indicativo.

II.

As seis conjunções seguintes : *sinon que*, *si ce n'est que*, *de sorte que*, *en sorte que*, *tellement que*, *de manière que*, regem algumas vezes o indicativo, e outras o subjunctivo, conforme o sentido da frase.

III.

As conjuncções: *soit que*, *sans que*, *pour que*, *quoique*, *jusqu'à ce que*, *encore que*, *à moins que*, *pourvu que*, *supposé que*, *au cas que*, *avant que*, *non pas que*, *afin que*, *de peur que*, *de crainte que*, regem o verbo que segue no subjunctivo.

CAPITULO IX.

DA CONSTRUCÇÃO.

Ainda que a *construcção*, isto he a disposição das varias partes da oração, não seja absolutamente a mesma na lingua franceza como na lingua portugueza, tem com tudo muita analogia com a construcção portugueza. O uso e a leitura dos bons autores, guiando na escolha das expressões podem só apprender a dispôlas na ordem conveniente, he por isso que não daremos aqui regras a este respeito. Achar-se ha nas regras de syntaxe que precedem todo o que he indispensavel para traduzir o francez em portuguez, e o portuguez em francez, mas he nas obras immortaes dos grandes mestres da litteratura franceza que se deve apprender a conhecer o verdadeiro genio da lingua.

PARTE QUARTA.

ORTHOGRAFIA, PONTUAÇÃO, E PROSODIA.

CAPITULO I.

ORTHOGRAFIA E PONTUAÇÃO.

A *orthografia* he o modo de escrever as palavras de huma lingua, conforme o uso recebido e adoptado unanimamente pelos melhores autores.

Divide-se a orthografia em duas partes: a primeira que diz respeito ás desinencias grammaticaes, e ao uso das figuras orthograficas pode apprender-se pela grammatica; a segunda que diz respeito ao modo particular de escrever cada palavra, não tem regras geraes, e só a ensinará o costume. Escreve-se *siècle* com *s*, e *ciel* com *c*; *prudence*, *éloquence*, com *e*, e *abondance*, *constance*, com *a*; *pension*, *dimension*, com *s*, e *attention*, *convention*, com *t*; *disciple*, *descendre*, com *sc*, e *dissiper*, *desserrer*, com *ss*, etc. etc. Em

fim escrevem-se de hum modo bem differente palavras que tem a mesma ou quasi a mesma pronunciação, v. g. *faim*, *fin*; *vert*, *ver*, *vers*, *verre*; — *ceint*, *sain*, *saint*, *sein*, *seing*, etc. etc. Para apprender esta parte da orthografia, he preciso ler e escrever muito, e consultar, quando se duvida, hum bom diccionario.

DAS FIGURAS ORTHOGRAFICAS.

As figuras de que se serve na orthografia são: os accentos, a dieresis, a cedilha, o apostrofo, e a divisão.

I.—*Dos accentos.*

Ha tres accentos: o accento agudo (′), que se poem sobre todos os *é* fechados, como nas palavras *bonté*, *charité*, etc. O accento grave que se poem sobre os *è* abertos, como nas palavras *accès*, *succès*, etc; o accento circumflexo que se poem sobre quasi todas as vogaes longas, como nas palavras *âge*, *lâche*, *fête*, *île*, *côte*, *flûte*, etc.

Observações :

1.º Poem-se o accento grave sobre *à* preposição, v. g. *je vais à Paris*; não se poem sobre *a* terceira pessoa do verbo *avoir*, v. g. *il a chanté.*

2.º Poem-se o accento grave sobre *là* adverbio ou demonstrativo, v. g. *il est là; donnez-moi celui-là;* não se poem sobre *la* artigo ou pronome; v. g. *je la verrai la semaine prochaine.*

3.º Poem-se o accento grave sobre *où* adverbio ou pronome, v. g. *où allez-vous? voici le but où il tend.* Não se poem sobre *ou* conjunção, v. g. *vous ou moi.*

4.º Poem-se o accento grave sobre *voilà* e *déjà.*

5.º Poem-se o accento grave sobre a preposição *dès*, v. g. *il est venu dès le matin.* Não se poem sobre o artigo *des* composto de *de les*, v. g. *l'étude des sciences.*

6.º Poem-se o accento circumflexo sobre *dû*, participio do verbo *devoir*, porem só no masculino singular, v. g. *j'ai dû agir ainsi.* Não se poem sobre *du* artigo composto de *de le.*

7.º Poem-se o accento circumflexo sobre o adjectivo *sûr*, *sûre*, quando significa *certain*, certo; v. g. *je suis sûr de réussir.* Não se poem sobre o adjectivo *sur*, *sure*, que significa *aigre*, acido; nem sobre a preposição *sur.*

8.º Poem-se o accento circumflexo sobre

crû, participio de *croître*; não se poem sobre *cru* participio de *croire*.

9.º Poem-se o accento circumflexo sobre *mûr*, *mûre*, maduro, e *mûre*, amora; não se poem sobre *mur*, muro.

10.º Poem-se o accento circumflexo sobre todas as primeiras e segundas pessoas do plural do preterito definito dos verbos, e sobre todas as terceiras pessoas do singular do imperfeito do subjunctivo, v. g. *nous donnâmes*, *vous donnâtes*, *nous vînmes*, *vous vîntes*, *qu'il bût*, *qu'il vînt*.

II.—*Da dieresis.*

Chama-se dieresis dous pontos (¨) que se poem sobre as vogaes *ë*, *ï*, *ü*, quando estas letras hão de pronunciar-se separadas da vogal precedente, v. g. *haïr*, *naïf*, *Saül*.

Escreve-se no masculino *aigu*, *ambigu*, *contigu*, *exigu*; e no feminino, *aiguë*, *ambiguë*, *contiguë*, *exiguë*, para indicar que estas palavras não se pronuncião como *figue*, *fatigue*, *intrigue*, em que *ue* he mudo.

Deve-se escrever com *ï*, *aïeul*, *aïeux*, *païen*, *faïence*, e não, *ayeul*, *ayeux*, *payen*, *fayence* com *y*. Porem não se deve usar de *ï* em lugar de *y* nas palavras em que esta ultima letra tem o som de

dous *i*, assim deve-se escrever *pays*, *moyen*, *joyeux*, *croyant*, etc.

III.—*Da cedilha.*

Chama-se cedilha huma pequena figura que se poem debaixo da letra *c* quando deve pronunciar-se como *s* antes das vogaes *a*, *o*, *u*, v. g. *façade*, *façon*, *reçu*.

IV.—*Do apostrofo.*

O apostrofo (') indica a suppressão de huma das tres vogaes *a*, *e*, *i*, no fim de huma palavra seguida de outra palavra que começa por huma vogal.

Supprime-se *a* em *la*, diz-se *l'épée* em lugar de *la épée*; *je l'ai vue*, em lugar de *je la ai vue*.

Supprime-se *e* nas palavras: *le*, *je*, *me*, *te*, *se*, *de*, *ne*, *que*, *ce*, *quelque*, *presque*, *entre*, *jusque*.

Le: escreve-se, *l'enfant*, em vez de *le enfant*, *je l'ai vu*, em vez de *je le ai vu*.

Je: escreve-se, *j'aime*, *j'écris*, em vez de *je aime*, *je écris*.

Me: escreve-se, *il m'aime*, em vez de *il me aime*.

Te: escreve-se, *je t'estime*, em vez de *je te estime*.

Se: escreve-se, *il s'amuse*, em vez de *il se amuse*.

De: escreve-se, *un verre d'eau*, em vez de *un verre d'eau.*

Ne: escreve-se, *je n'ai pas*, em vez de *je ne ai pas.*

Que: escreve-se, *qu'avez vous fait*, em vez de *que avez-vous fait.*

Ce: escreve-se, *c'est*, *c'étoit*, em vez de *ce est*, *ce étoit.*

Quelque perde o seu *e* final antes de *un*, *une*, escreve-se, *quelqu'un*, *quelqu'une*; á excepção disto conserva-se o *e*: escreve-se, *j'ai lu dans quelque auteur*, *quelque désir que vous ayez de le voir.*

Presque não perde o seu *e* final senão na palavra *presqu'île.*

Entre perdre o seu *e* final nas palavras compostas *entr'acte*, *entr'ouvrir*; escreve-se indifferentemente, *entre eux*, *entre elles*, *entre autres*, e *entr'eux*, *entr'elles*, *entr'autres.*

Jusque: escreve-se, *jusqu'à*, *jusqu'aux.*

Supprime-se *i* na palavra *si* antes de *il*, *ils*, escreve-se, *s'il arrive*, *s'ils viennent*, em lugar de *si il arrive*, *si ils viennent.*

V.—*Da divisão.*

Poem-se a divisão (-) entre duas palavras juntas de tal modo que não formão senão huma só, v. g. *chef-d'œuvre*, *basse-cour*, *avant-coureur*, *passe-partout.*

Poem-se tambem a divisão entre os verbos e os pronomes, *je*, *moi*, *tu*, *toi*, *nous*, *vous*, *il*, *ils*, *elle*, *elles*, *le*, *la*, *les*, *lui*, *leur*, *y*, *en*, *ce*, *on*, quando estes pronomes poem-se depois dos verbos.

Exemplos :

Irai-je? parlez-moi, viens-tu? arrange-toi, partons-nous? entendez-vous? que fait-il? que fait-elle? prends-le, crois-la, aime-les, dis-leur, prends-y garde, prenez-en, est-ce aujourd'hui? que dit-on?

DA PONTUAÇÃO.

A pontuação he a arte de indicar na escritura, por certos sinaes, a proporção das pausas que se devem fazer no discurso.

Os sinaes de pontuação são: a virgula (,), o ponto e virgula (;), os dous pontos (:), o ponto (.), o ponto e interrogação (?), e o ponto e admiração (!). O uso destes sinaes he o mesmo em francez que em portuguez.

CAPITULO II.

PROSODIA.

O que dissemos na primeira parte desta grammatica sobre a pronunciação das letras

vogaes e consoantes he bastante para conhecer a pronunciação; porem isto não he bastante para ler bem, he ainda preciso conhecer a *prosodia*, isto he o modo de pronunciar regularmente cada syllaba, dando-lhe o accento e a quantidade que lhe convem.

§ I.

Do accento.

Entende-se por *accento* as differentes inflexões de voz que se fazem ouvir na pronunciação das palavras de huma lingua; esta especie de modulação no discurso, propria a cada nação, constitue o *accento nacional.*

Determina-se o accento nacional pela pronunciação das pessoas nascidas no lugar em que a lingua se falla com mais pureza, e que vivem na boa sociedade.

As inflexões da voz varião conforme a natura das syllabas. Em todas as linguas ha syllabas sobre as quaes o tom ha de ser elevado, he o que se chama *accento agudo;* outras sobre as quaes ha de ser baixado, he o que se chama *accento grave;* outras em fim sobre as quaes o tom ha de ser elevado e depois baixado, he o que se chama *accento circumflexo.*

Em algumas linguas antiguas forão estes

accentos notados por sinaes na escritura, mas não necessitando a modulação simplez da pronunciação franceza o uso destes sinaes, não se serve delles, e o costume pode só ensinar o accento que convem a cada syllaba.

Não se deve crer que os sinaes chamados *accento agudo*, *accento grave* e *accento circumflexo* servem para notar as inflexões da voz, elles não são senão figuras orthograficas que indicão a quantidade e não o accento.

Esta variedade de tons agudos, graves, e circumflexos, forma o *accento grammatical* ou *prosodico*, que não se deve confundir com o *accento oratorio*, o qual varia os tons conforme as varias paixões que expressa. O accento prosodico não diz respeito senão ás palavras, porem o accento oratorio diz respeito a todas as partes da frase.

§ II.

Da quantidade.

A *quantidade* exprime huma emissão de voz mais longa ou mais breve. A quantidade differe do accento, por que indica o mais ou menos tempo que se poem na pronunciação de huma syllaba, e o accento indica a elevação ou diminuição da voz.

He preciso dar muita attenção á quantidade, por que muitas palavras de huma significação muito differente não se distinguem senão pela quantidade.

Todas as syllabas breves não são igualmente breves, nem todas as longas igualmente longas, isto he que ha muitos gráos na brevidade e longura das syllabas, e huma syllaba pode ser mais breve ou mais longa do que outra sem cessar por isso de ser breve ou longa.

A medida do tempo que se deve pôr na pronunciação de huma breve ou longa não he positiva, não he senão relativa, he só preciso que haja huma distinção entre ellas, e que as longas sejão mais longas que as breves.

Daremos aqui algumas regras geraes sobre a quantidade.

1.º Huma syllaba cuja ultima vogal he seguida de huma consoante final exceptuando *s* e *z* he breve: *sĕc*, *nectăr*, *sĕl*, etc.

2.º Huma syllaba acabada em *l* liquido he breve: *éventăil*, *vermĕil*, *quenoŭille*, etc.

3.º Sendo *m* ou *n* dobres, a syllaba a que pertence o primeiro *m* ou *n* he breve: *persŏnne*, *tŏnner*, etc.

4.º Huma syllaba acabada em *r* he breve

seguindo-se lhe huma syllaba que principia por huma consoante, exceptuando *r*: *bărbe*, *bŭrlesque*, etc.

5.º Hum *s* pronunciado que segue huma vogal, e precede outra consoante, faz breve a syllaba em que se acha: *măsque*, *burlĕsque*, etc.

6.º Quando huma vogal acaba a syllaba, e he seguida de outra vogal que não he *e* mudo, a syllaba he breve: *joŭer*, *idéal*.

7.º Todas as syllabas que não acabão em *e* mudo no singular são sempre longas no plural, assim como as syllabas acabadas em *s* ou *z*: *sēcs*, *sēls*, *tēmps*, *nēz*, etc.

8.º As vogaes nasaes fazem longas as syllabas em que se achão: *jāmbe*, *tōmber*, etc.

9.º Quando *r* dobrado pronuncia-se simplez, a syllaba em que se acha o primeiro *r* he longa: *ārrêt*, *tonnērre*.

10.º Todas as palavras que acabão em *e* mudo precedido de huma vogal tem a penultima syllaba longa, v. g. *pensée*, *armée*, *joūe*, *loūe*, etc. porem vindo o *e* mudo a ser *e* fechado, a penultima então he breve, v. g. *joŭer*, *loŭer*.

11.º Entre duas vogaes, cuja ultima he muda, *s* ou *z* fazem longa a syllaba em

que se acha a primeira vogal, v. g. *bāse*, *rōse*, *époūse*, etc.

12.º *S* ou *z* precedidos de huma vogal, e seguidos de duas vogaes, cuja ultima he *e* mudo, fazem breve a syllaba precedente senão que seja naturalmente longa.

He observando as syllabas longas e breves, e acostumando-se a pôr o accento prosodico sobre a syllaba que o tem, e o accento oratorio no lugar conveniente, que se pode exprimir as varias modulações de que depende a harmonia do discurso.

Distinguem-se tres especies de pronunciação: a *pronunciação da declamação*, a *pronunciação da leitura*, e a *pronunciação da conversação*.

A *pronunciação da declamação* he a arte de regrar de hum modo agradavel e conveniente a voz, o gesto, e a acção de todo o corpo; com effeito ella falla aos olhos, como o pensamento falla ao espirito. Na declamação, a pronunciação ha de ser proporcionada ao assumpto que se trata, o que apparece principalmente nas paixões, que tem todas hum tom particular. A voz que he o interprete de nossos sentimentos recebe todas as impressões da alma. Assim, na alegria, ella he sonora, clara, rapida; na tristeza, ao contrario, froxa e baixa; a colera a faz rude, impetuosa, truncada; quando he preciso confessar huma culpa,

supplicar, dar satisfacção, ella he doce, timida, submissa. Os exordios pedem hum tom grave e moderado; as provas hum tom hum pouco mais elevado; as narrações hum tom natural e tranquillo, quasi parecido ao tom da conversação.

A *pronunciação da leitura* ha de ser correcta, isto he isenta de defeitos; de tal maneira que o som da voz seja facil, natural e agradavel. Ella deve ser clara, e duas cousas contribuem a isso; a primeira he o articular bem todas as syllabas, a segunda, suspender a voz por varias pausas nos diversos membros que compoem hum periodo. Com tudo a pronunciação da leitura, bem que seja accentuada de hum modo sensivel, não deve ser tão accentuada como a pronunciação da declamação. Em geral, o tom da leitura ha de ser elevado, porem não deve ter outra variação, senão aquella que necessita a entoação propria a cada figura, nem outra inflexão senão aquella que produz o accento oratorio; he preciso que a transição do grave ao agudo, e do agudo ao grave, seja imperceptivel. Na declamação, agita-nos o sentimento que nos possue, e que desejamos imprimir na alma dos outros, mas na leitura não he o mesmo. Declamar lendo, e ainda lendo huma scena tragica seria ler muito mal.

A *pronunciação da conversação* differe das duas outras, porque nella quasi todas as syllabas parecem breves; porem com huma pouca de attenção he bem facil o perceber que a quantidade he observada pelas pessoas que fallão bem. Não tem esta pronunciação outra regra senão o bom uso. Deve-se evitar com cuidado toda a apparencia de affectação e trabalho; tolerão-se tambem muitos hiatos, quando não são desagradaveis, por que contribuem a dar ao discurso hum ar simplez e natural.

APPENDIX.

OBSERVAÇÕES DIVERSAS.

I.—SUBSTANTIVOS QUE MUDÃO DE GENERO.

Ha alguns substantivos que mudão de genero no plural.

Amour he masculino no singular, e feminino no plural: *un fol amour; de folles amours.* Porem he masculino no plural, quando significa os pequenos genios que tem azas: *un petit amour, de petits amours.*

Délice he masculino no singular e feminino no plural: *c'est un grand délice; ce sont ses plus chères délices.* O singular he pouco usado.

Orgue he masculino no singular e feminino no plural: *c'est un bel orgue; ce sont de belles orgues.*

II.—NOMES PROPRIOS OU ESTRANGEIROS.

Os nomes proprios, ainda que precedidos do artigo *les*, não tomão o *s* indicio do plural, dizemos *les Corneille, les Racine, les Voltaire,* etc.

Escrevem-se no plural como no singular as palavras que vem das linguas estrangeiras : *des alibi*, *des alinéa*, *des alléluia*, *des pater*, *des avé*, *des errata*, *des opéra*, *des impromptu*, *des zéro*, *des solo*, *des duo*, *des trio*, *des quatuor*, etc.

O uso actual he de escrever *des numéros*, e muitas pessoas escrevem *des opéras*, *des alinéas*, *des solos*, etc.

III.—NOMES COMPOSTOS.

1.º Quando hum nome he composto de hum substantivo e de hum adjectivo, o substantivo e o adjectivo tomão *s* no plural.

Exemplos :

SINGULAR.	PLURAL.
Un gentilhomme.	*Des gentilshommes.*
Un arc-boutant.	*Des arcs-boutants.*
Une basse-cour.	*Des basses-cours.*

2.º Quando hum nome he composto de dous substantivos unidos por huma preposição, o primeiro só toma o *s* no plural.

Exemplos :

SINGULAR.	PLURAL.
Un arc-en-ciel.	*Des arcs-en-ciel.*
Un chef-d'œuvre.	*Des chefs-d'œuvre.*
Un pied-de-biche.	*Des pieds-de-biche.*

3.° Quando hum nome he composto de hum substantivo e huma preposição, o substantivo só toma o *s* no plural.

Exemplos:

SINGULAR.	PLURAL.
Une arrière-boutique.	*Des arrière-boutiques.*
Une avant-cour.	*Des avant-cours.*
Un entre-côte.	*Des entre-côtes.*

4.° Quando hum nome he composto de hum substantivo e hum verbo, o substantivo só toma o *s* no plural.

Exemplos:

SINGULAR.	PLURAL.
Un abat-jour.	*Des abat-jours.*
Un garde-fou.	*Des garde-fous.*
Un cure-dent.	*Des cure-dents.*

IV. — NOMES NUMERAES.

Vingt e *cent* tomão hum *s* quando são precedidos de outro numero, e seguidos immediatamente de hum substantivo, v. g. *quatre-vingts ans, cinq cents hommes.* Porem seguindo-se lhes outro numero, não tomão *s*, v. g. *quatre-vingt-deux francs; cinq cent cinquante hommes.*

Mille numero não toma *s*, porem *mille* substantivo o toma no plural, v. g. *mille*

hommes ; deux mille ans ; à un mille de distance , à deux milles de Londres.

Para indicar a data dos annos, supprime-se a syllaba *le*, e escreve-se *mil : l'an mil huit cent vingt.*

V.—TOUT.

Tout he algumas vezes substantivo, outras pronome indefinito, outras em fim adjectivo.

1. *Tout* substantivo se diz da reunião de muitas partes, v. g. *le tout est plus grand qu'une de ses parties.*

2. *Tout* pronome indefinito masculino singular significa *toute chose*, v. g. *tout est changé ; nous avons tout observé.* Neste caso *tout* não tem plural, e he quasi sempre sujeito ou regimen de hum verbo.

3. *Tout* adjectivo tem tres significações muito differentes.

1.º Significa a generalidade, toda a extensão de huma cousa, neste caso quer o artigo antes do substantivo que segue, v. g. *tout le monde ; tous les hommes, toutes les femmes.*

2.º Significa *chaque*, e então não quer artigo antes do substantivo seguinte, v. g. *tout homme est sujet à la mort ; toute peine mérite salaire.* Nesta significação he sempre singular.

3.º Significa *entièrement*, *tout-à-fait*, então he seguido de hum adjectivo, e fica invariavel, excepto quando este adjectivo começa por huma consoante ou *h* mudo.

Exemplos :

Il est tout ému, elle est tout émue.
Ses habits sont tout unis.
C'est une calomnie toute pure.
Ses mains étoient toutes dégouttantes de sang.

VI.—PERSONNE.

Personne, ninguem; pronome indefinito, he sempre masculino e singular, v. g. *personne n'est plus heureux ; personne n'est venu.*

Personne, pessoa; substantivo, he feminino e tem hum plural, v. g. *connoissez-vous la personne que nous avons rencontrée ; vous verrez les personnes dont je vous ai parlé.*

VII.—CHOSE.

Esta palavra he feminina, e tem hum plural : *voilà une belle chose ; que pensez-vous de cette chose ;* porem, precedida de *quelque*, forma hum pronome indefinito masculino, que não tem plural, v. g. *j'ai vu quelque chose de beau ; nous avons mangé quelque chose de bon.*

VIII.—GENS.

Gens he hum substantivo plural, algumas vezes masculino, e outras feminino. Masculino quando precede o seu adjectivo, feminino quando o segûe. He preciso dizer *ces gens-là sont bons* e *ce sont de bonnes gens*.

O adjectivo *tout* fica no masculino antes de *gens*, v. g. *tous les gens de bien.*

Quando entre *tout* e *gens* ha outro adjectivo, *tout* fica no masculino se o adjectivo que segue he o mesmo no masculino e no feminino, v. g. *tous les honnêtes gens ;* mas se o adjectivo que segue não se escreve no feminino como no masculino, poem-se *tout* no feminino, assim como o adjectivo, v. g. *toutes les vieilles gens.*

IX.—AVOIR L'AIR.

O adjectivo que segue esta expressão *avoir l'air*, parecer, deve concordar com o substantivo *air* que he masculino, assim, fallando de huma mulher, he preciso dizer *elle a l'air doux ; elle a l'air content.*

X.—AUTOUR, ALENTOUR.

Autour he huma preposição que tem sempre hum regimen, v. g. *autour de la table ; autour de la maison.*

Alentour he hum adverbio que não tem

regimen, v. g. *les échos d'alentour; les bois d'alentour.*

XI.—AVANT, AUPARAVANT.

Avant he algumas vezes preposição e outras adverbio. *Avant* preposição tem sempre hum regimen, v. g. *il est arrivé avant moi.* *Avant* abverbio não tem regimen, v. g. *n'allez pas si avant.*

Auparavant sempre adverbio não tem regimen, v. g. *j'irai vous voir auparavant.*

XII.—A TRAVERS, AU TRAVERS.

A travers he huma preposição que não he seguida de outra preposição. *Au travers* he tambem huma preposição, mas he sempre seguida da preposição *de*, v. g. *il se sauvoit à travers les champs; on lui passa une épée au travers du corps.*

XIII.—PLUS, DAVANTAGE.

Estes dous adverbios não se usão hum em lugar do outro. *Davantage*, não he jámais seguido da preposicão *de* nem da conjunção *que*. Não se diz *il a beaucoup d'amis, mais il a davantage d'ennemis; il se fie davantage à ses lumières qu'à celles des autres*, he preciso dizer *il a beaucoup d'amis, mais il a plus d'ennemis; il se fie plus à ses lumières qu'à celles des autres.*

Davantage não tem jámais regimen; *son*

père l'aime beaucoup, mais sa mère l'aime bien davantage.

XIV. — PRÊT, PRÈS.

Prêt he hum adjectivo, que, tendo hum regimen, he seguido da preposição *à*, e significa *disposé à: il est prêt à partir; prêt à mourir.*

Près he huma preposição seguida ordinariamente da preposição *de*, v. g. *il demeure près d'ici; il est prêt de midi. Près de* significa tambem *sur le point de*, v. g. *il est près de mourir.*

XV. — EN CAMPAGNE, A LA CAMPAGNE.

En campagne não se diz senão do movimento das tropas, v. g. *les troupes sont en campagne.* Porem he preciso dizer *il demeure à la campagne; nous passerons l'été à la campagne.*

XVI. — NE... QUE.

Ne...que significa ordinariamente *não ....senão, somente;* v. g. *il n'aime que jouer*, elle não gosta senão de jogar. *Il ne fait que parler*, elle não faz senão fallar.

Ne....que significa algumas vezes *ne ....rien*, v. g. *je n'ai que faire ici*, eu não tenho cousa alguma que fazer aqui.

Ne faire que de indica huma acção passada em hum tempo muito proximo, v. g.

il ne fait que de partir, elle partio agora mesmo.

XVII — ALLER, VENIR.

Usão-se o presente e o imperfeito do verbo *aller* para indicar que huma cousa está ou estava para acontecer, v. g. *je vais partir*, estou para partir; *j'allois dîner*, estava para jantar.

Usão-se o presente e o imperfeito do verbo *venir* para indicar que huma cousa se acabou em hum tempo muito proximo, v. g. *je viens de dîner*, acabo de jantar. *Je venois de parler*, acabava de fallar.

TRATADO

DE

VERSIFICAÇÃO FRANCEZA.

A versificação franceza he a arte de fazer versos francezes conforme as regras.

Estas regras dizem respeito 1º á estructura, 2º á mistura dos versos.

CAPITULO PRIMEIRO.

DA ESTRUCTURA DOS VERSOS.

---

§ I.

Das differentes especies de versos.

Medem-se os versos francezes pelo numero das syllabas. A variedade no numero das syllabas produz varias especies de versos.

1.º O verso de *doze* syllabas.

C'est en vain qu'au Parnasse un téméraire auteur
Pense de l'art des vers atteindre la hauteur,
S'il ne sent pas du ciel l'influence secrète,
Si son astre en naissant ne l'a formé poète.

Chamão-se os versos de doze syllabas *Alexandrinos*, *heroicos* ou *grandes versos.*

2.º O verso de *dez* syllabas.

Chez les amis, tout s'excuse, tout passe;
Chez les amans, tout plaît, tout est parfait;
Chez les époux, tout ennuie, tout lasse;
Le devoir nuit, chacun est ainsi fait.

3.º O verso de *oito* syllabas.

Ne forçons pas notre talent;
Nous ne ferions rien avec grâce;
Jamais un lourdaud, quoi qu'il fasse,
Ne sauroit passer pour galant.

4.º O verso de *sete* syllabas.

J'avois juré d'être sage,
Mais avant peu j'en fus las.
O raison! c'est bien dommage
Que l'ennui suive tes pas.

5.º O verso de *seis* syllabas.

A soi-même odieux,
Le sot de tout s'irrite,
En tous lieux il s'évite,
Et se trouve en tous lieux.

6.º O verso de *cinco* syllabas.

La sombre tristesse
Toujours me poursuit;
La crainte me presse,
Le repos me fuit.

7.º O verso de *quatro* syllabas.

Oui, pour jamais
Chassons l'image
De la volage
Que j'adorois.

8.º O verso de *tres* syllabas.

De ce vin
Le venin
Est extrême.

9.º O verso de *duas* syllabas.

Quel bond
Fait chaque maison !
Je vois danser en rond
Les ormes.

10.º O verso de *huma* syllaba.

Pluton dans son manoir
Noir
D'amour soupire.

Os versos de cada huma destas especies cuja ultima palavra acaba em *e* mudo, seja só como em *soupire*, seja seguido de s como no plural dos nomes, *les hommes* ou seguido das letras *nt* como no plural dos verbos, *ils aiment*, tem sempre huma syllaba de mais, he à dizer que os versos de doze syllabas tem treze, os de dez tem onze, e assim dos outros, porque o som mudo da syllaba em que se acha *e* mudo faz que se conta por nada.

Os versos assim acabados por huma syllaba muda chamão-se *femininos* e chamão-se os outros *masculinos*.

Não se deve considerar como *e* mudo aquelle que se acha seguido das letras *n*

nas terceiras pessoas do plural do imperfeito do indicativo e do condicional presente dos verbos, porque a terminação *oient* tem o som de *è* aberto.

Os versos de huma até cinco syllabas não se usão senão nas poesias jocosas ou compostas pela musica.

§ II.

Da rima.

A rima he a consoancia perfeita de dous sons que acabão dous versos. Ella he absolutamente necessaria nos versos francezes. Sendo a rima pelo ouvido, ella ha de ser julgada pelo som mais do que pela orthografia. Por consequencia, bem que as terminações de duas palavras não se escrevão da mesma maneira, he bastante pela rima que fação entender o mesmo som.

Assim como os versos se distinguem em masculinos e femininos, distingue-se a rima em masculina e feminina.

Não se considera quasi sempre senão o som da ultima syllaba das palavras, pela rima masculina; assim *vérité* rima com *piété*. Porem o som da ultima syllaba das palavras não he bastante pela rima feminina; porque a pronunciação muda esta ultima syllaba não deixa perceber a consoancia perfeita, he preciso pois que

a consoancia principie desde a penultima syllaba; assim *monde* que não rima com *demande* rima muito bem com *profonde*.

Dividem-se as rimas masculinas e femininas em *riches*, ricas e *suffisantes* bastantes.

A rima he *riche* quando he formada de dous sons parecidos e muitas vezes representados pelas mesmas letras, v. g. *impétueux* e *tortueux*, *pensée* e *insensée*.

A rima he *suffisante* quando não tem huma conveniencia tão exacta de som e de orthografia, v. g. *main* e *seing*, *assidue* e *vue*.

Em geral pode-se dizer que quando huma rima masculina he boa, será ainda melhor vindo a ser feminina; v. g. *interdit* rimando com *petit*, *interdite* rimará ainda melhor com *petite*.

Sendo a consoancia perfeita absolutamente necessaria pela rima, as syllabas breves não rimão bem com as longas, nem *l liquido* com *l* que não he *liquido*.

É fechado *i* e *u*, seja sós, seja seguidos das consoantes *l*, *r*, *s*, *t*, *z*, não podem formar boas rimas senão quando são precedidos das mesmas consoantes o vogaes.

He o mesmo de *a* na terceira pessoa do singular do preterito dos verbos, dos sons *ant*, *ent*, *en*, *on*, e geralmente de todos os sons communs a hum grande numero de palavras.

Huma palavra acabada em *s*, *x*, ou *z*, não pode rimar senão com huma palavra que acaba da mesma maneira.

Nos verbos, as pessoas acabadas em *ent*, *ois*, *oit*, *oient* rimão só com pessoas da mesma terminação.

A conveniencia de som e de orthografia não pode autorisar a rima de huma palavra com si mesma, de hum nome simplez com o seu derivado, nem de duas palavras derivadas da mesma raiz, quando tem quasi a mesma significação.

§ III.

Da cesura.

A cesura he huma pausa que divide o verso em duas partes que se chamão *hemestichios.*

A cesura não he necessaria senão nos versos de *doze* e *dez* syllabas.

Poem-se a cesura no verso de *doze* syllabas depois da sexta syllaba, e divide o verso em duas partes iguaes.

Que toujours dans vos vers—le sens, coupant les mots,
Suspende l'hémistiche,—en marque le repos.

Poem-se a cesura no verso de dez syllabas depois da quarta syllaba.

A Nevers donc—chez les Visitandines,
Vivoit naguère—un perroquet fameux.

Quando se diz que a cesura se poem depois da sexta syllaba nos versos Alexandrinos, e depois da quarta nos versos de dez syllabas, isto significa que o verso ha de ter alli huma pausa natural que ponha hum intervallo entre o primeiro e o segundo hemistichio, de sorte que se possa distinguilos recitando os versos, sem forçar, nem escurecer o sentido da frase. Assim a cesura não he boa, quando, na leitura, a palavra que a forma e que acaba o primeiro hemistichio não pode ser separada da palavra seguinte.

Não he preciso pela regularidade da cesura que o senso acabe inteiramente depois da sexta ou da quarta syllaba, e que não haja em hum hemistichio cousa alguma que seja regimen o dependencia daquillo que se acha no outro, he bastante que este regimen o dependencia não seja obstaculo á pausa, e não faça unir na pronunciação a ultima syllaba do primeiro hemistichio com a primeira syllaba do segundo.

E mudo só ou seguido das letras *s* ou *nt* não pode jamais acabar a syllaba da cesura. Porem sendo huma palavra, acabada em *e* mudo só, seguida de huma palavra que começa por huma vogal com que o *e* mudo se confunde, então a cesura pode cahir sobre a syllaba que precede o *e* mu-

lo, e que pela elisão do *e* vem a ser a ultima da palavra.

Et qui seul, sans ministre, à l'exemple des dieux,
Soutiens tout par toi-même, et vois tout par tes yeux.

A cesura não pode separar hum adjectivo do seu substantivo, porem hum substantivo precedido ou seguido de muitos adjectivos pode ser separado delles pela cesura.

Les chanoines vermeils—et brillans de santé
S'engraissoient d'une longue—et sainte oisiveté.

Evitar-se ha a consoancia no fim dos dous hemistichios do mesmo verso, ou no fim dos primeiros hemistichios de dous versos que se seguem, ou no fim de hum verso e do primeiro hemistichio do verso precedente ou seguinte. Assim não se devem imitar os versos seguintes:

Aux Saumaises *futurs* préparer des *tortures*.

J'eus un frère, *Seigneur*, illustre et généreux,
Digne, par sa *valeur*, du sort le plus heureux.

Il faut pour les avoir employer *notre soin*:
Ils sont à moi *du moins* tout autant qu'à mon frère.

§ IV.

Do encontro das vogaes.

Quando em hum verso, a ultima syllaba de huma palavra acaba em *e* mudo

só, e a palavra seguinte começa por huma vogal ou *h* não aspirado, confunde-se esta syllaba na pronunciação com a primeira da palavra seguinte:

Dieu sait, quand il lui plaît, fai*re* éclater sa gloire,
Et son peu*ple* est toujours présent à sa mémoire.

Sendo porem a palavra, acabada em *e* mudo, seguida de huma palavra que começa por huma consoante ou *h* aspirado, *e* mudo faz huma syllaba e se pronuncia como neste verso:

Quel*le* fauss*e* pudeur à fein*dre* vous oblige?

Quando *e* mudo, que se acha na final, he seguido de *s* ou *nt*, forma sempre huma syllaba:

Que mes pro*pres* périls t'assu*rent* de ta grâce.
Que les méchants appren*nent* aujourd'hui.

As palavras que tem huma vogal antes do *e* mudo final, v. g. *vie*, *vue*, *proie*, *joie*, etc., não podem entrar com graça em hum verso, excepto quando segue huma palavra que começa por huma vogal, com que o *e* se confunde. Assim o verso seguinte he regular:

C'est Vénus toute entière à sa pro*ie* attachée.

Se *e* mudo precedido de huma vogal he seguido de *s* ou *nt*, a palavra não pode se pôr senão no fim do verso:

Je vois combien tes vœux sont loin de tes pens*ées*.

E mudo no meio de huma palavra depois de outra vogal não faz huma syllaba. Assim *tuerai*, *crierons*, se pronuncião como se fossem escritos *tûrai*, *crîrons*.

Huma palavra que acaba por huma vogal, que não he *e* mudo, não pode preceder huma palavra que começa por huma vogal ou *h* mudo.

Ainda que a palavra *oui* principie e acabe por huma vogal, pode repetir-se em hum verso, ou pôr-se depois de huma interjeição acabada por huma vogal.

Ficando sempre mudo o *t* final da conjunção *et* não se pode pôr esta conjunção antes de huma palavra que começa por huma vogal.

Achão-se muitas vezes ainda nos melhores poetas palavras acabadas por huma nasal postas antes das palavras que começão por huma vogal, porem evitar-se ha este encontro.

§ V.

Das vogaes que formão ou não formão diphtongos.

Eau não forma senão huma syllaba em todas as palavras em que não tem accento, v. g. *beau*, *seau*.

Eo não forma tambem senão huma syllaba nas palavras em que não tem accento.

Ia forma de ordinario duas syllabas, v. g. *di-amant*, *confi-a*, *étudi-a*, exceptuão-se algumas palavras, v. g. *diable*, *fiacre*, *bréviaire*, *galimatias*, *liard*, *familiariser*, *familiarité*, *viande*.

Iai forma duas syllabas, v. g. *je confi-ai*, *j'étudi-ai*, porem forma humas vezes huma syllaba, e outras duas em *biais*, *biaiser*.

Iau forma sempre duas syllabas, v. g. *mi-auler*, *besti-aux*.

Ie não forma de ordinario senão huma syllaba, v. g. *fief*, *ciel*, *barrière*, etc. Exceptuão-se as palavras seguintes em que forma duas syllabas, 1.º *bri-ef*, *gri-ef*, *essenti-el*, *Gabri-el*, *matéri-el*, *substan-ti-el*, *kiri-elle*, *li-erre*. 2.º Os verbos da primeira conjugação, acabados em *ier* exceptuando os tempos em que *e* fica mudo. 3.º Os substantivos que derivão dos ditos verbos. 4.º Os nomes proprios, os adjectivos de profissão e de nação, v. g. *Phrygi-en*, *histori-en*, *comédi-en*, exceptuando *chrétien*. 5.º Os substantivos acabados em *ience*, v. g. *expéri-ence*, *sci-ence*. Nas palavras *hier* e *ancien*, *ie* forma humas vezes huma syllaba, e outras duas.

Ieu he monosyllabo nos substantivos e em *vieux*, he dissyllabo nos adjectivos, v. g. *furi-eux*, *préci-eux*.

Io forma em geral duas syllabas, v. g. *li-on, nous mari-ons, vi-olence.* Exceptuão-se as palavras seguintes em que he monosyllabo, 1.º *babiole, fiole, pioche.* 2.º As primeiras pessoas do plural do imperfeito do indicativo, do condicional presente, do presente e do imperfeito do subjunctivo dos verbos, quando não precede a final destas pessoas hum *r* precedido de outra consoante.

Oe não forma senão huma só syllaba em todas as palavras em que não tem accento.

Oi he sempre monosyllabo.

Oue forma duas syllabas excepto em *fouet.*

Oui forma duas syllabas excepto em *bouis* e *oui.*

Ua forma de ordinario duas syllabas.

Ue forma sempre duas syllabas, excepto nas palavras em que *e* fica mudo.

Ui não forma senão huma syllaba, v. g. *lui, aiguiser*, etc.; excepto em *ru-iner, bru-ine, pitu-ite*, e na terminação *uis.*

Uo forma sempre duas syllabas.

§ VI.

Da suspensão nos versos.

Os versos não tem graça quando o sentido fica suspendido no fim de hum verso,

e não acaba senão no principio do verso seguinte.

Esta suspensão he permittida em tres casos:

1.º Quando o sentido he inteiramente suspendido.

Faut-il qu'en un moment un scrupule timide
Perde ?.....mais quel bonheur me renvoie Atalide?

2.º Quando o sentido acaba por huma palavra entre huma virgula e hum ponto.

Je ne te vante pas cette foible victoire,
Titus. Ah! plût au ciel que sans blesser ta gloire...

3.º Quando o sentido acaba por huma palavra entre huma virgula e hum ponto e virgula ou dous pontos.

Sitôt que du nectar la troupe est abreuvée,
On dessert; et soudain la nappe étant levée.....

A suspensão não he permittida na alta poesia, mas he licita nas comedias, fabulas e poesias jocosas.

§ VII.

Das licenças que se permittem nos versos, e palavras cujo uso ha de ser evitado.

Ainda que o estylo da poesia franceza não seja differente da prosa, e que se usem nelle as mesmas palavras, he porem licito fazer na construcção da frase poetica, algumas

transposições que a prosa não admittiria, e que contribuem muito á harmonia e nobreza dos versos. He sempre preciso fazer estas transposições com engenho e gosto, de tal maneira que não occasionem dureza nem escuridade.

Exemplos :

Celui qui met un frein à la fureur des flots,
Sait aussi des méchans arrêter les complots.

Ce traitement, madame, a droit de vous surprendre;
Mais enfin, c'est ainsi que se venge Alexandre.

A poesia usa tambem expressões que não se usão commummente na prosa, v. g. *les humains* ou *les mortels* em vez de *les hommes ; forfaits* em vez de *crimes ; coursier* em vez de *cheval ; glaive* em vez de *épée ; penser* em vez de *pensée ; ondes* em vez de *eaux ; flanc* em vez de *sein ; antique* em vez de *ancien ; Éternel* em vez de *Dieu ; hymen* ou *hyménée* em vez de *mariage ; espoir* em vez de *espérance ; olympe* em vez de *ciel ; misère* em vez de *calamité ; labeur* em vez de *travail ; repentance* em vez de *repentir ; jadis* em vez de *autrefois ; soudain* em vez de *aussitôt ; naguère* em vez de *il n'y a pas long-temps.*

Os melhores poetas *Corneille, Racine, Boileau, Molière, Lafontaine,* tem tomado algumas vezes licenças que não se

devem imitar. Estas licenças são contra a regra ou contra o uso.

As licenças contra a regra consistem em supprimir o *s* da primeira pessoa do indicativo dos verbos da 2.ª, 3.ª e 4.ª conjugação; declinar os participios presentes; declinar o participio passado quando não se deve declinar, e vice-versa; fazer activo hum verbo neutro, e pôr *que je die*, em vez de *que je dise*; *graces à* em vez de *grace à*; *mêmes* em vez de *même*; *en* em vez de *dans*; *dont* em vez de *avec lequel*; *eux-même* em vez de *eux-mêmes*; *où* em vez de *auquel*; *est* em vez de *sont*.

Exemplos:

En les blâmant enfin, j'ai dit ce que je *croi*,
Et tel qui m'en reprend, en pense autant que moi.

BOILEAU.

Et les petits en même temps,
Voletans, se *culbutans*,
Délogèrent tous sans trompette.

LAFONTAINE.

Le seul amour de Rome a sa main *animée*.

. . . . les misères
Que durant notre enfance ont *enduré* nos pères.

CORNEILLE.

Ce n'étoit pas jadis sur ce ton ridicule
Qu'amour dictoit les vers que *soupiroit* Tibulle.

Je ne prends point plaisir à *croître* ma misère.

BOILEAU.

Iais quoique je craignisse, il faut que je le *die*,
e n'en avois prévu que la moindre partie.

Grâces au ciel, nos mains ne sont point criminelles.
RACINE.

ci dispensez-moi du récit des blasphêmes
Qu'ils ont vomi tous deux contre Jupiter *mêmes*.
CORNEILLE.

As licenças contra o uso consistem em screver *encor* em vez de *encore; certe* em ez de *certes*.

Evitar-se hão na poesia, e principalnente na alta poesia, todas as palavras que oderião offender o ouvido, quer por teem ellas alguma conformidade de som om palavras já usadas no mesmo verso, uer por serem baixas ou prosaicas, v. g. *'est pourquoi, pourvu que, ainsi, car, n effet, de sorte que, afin que*, etc.

est un heureux choix de mots harmonieux.
uyez des mauvais sons le concours odieux.
e vers le mieux rempli, la plus noble pensée,
e peut plaire à l'esprit quand l'oreille est blessée.

O gosto e discernimento com a leitura ttentiva dos melhores poetas ensinarão, nelhor do que todas as regras, o uso que e pode fazer das palavras, pois hum bom oeta pode muitas vezes usar com successo uma palavra que parece proscripta da oesia.

CAPITULO II.

DA MISTURA DOS VERSOS.

A mistura dos versos pode considerar-se pela medida ou pela rima.

A medida dos versos he arbitraria nos versos soltos e na poesia lyrica, porem he determinada nas obras serias que se compoem ordinariamente de versos de doze ou dez syllabas. O poema epico, a tragedia e a comedia nobre admittem só o verso de doze syllabas. Os poemas didacticos, descriptivos, etc. a epistola, a satyra, a elegia, a egloga compoem-se de versos de doze ou dez syllabas.

Em todas as composições poeticas misturão-se as rimas masculinas com femininas.

Conforme os varios modos em que as rimas podem ser misturadas dividem-se em *rimas parelhas* (*rimes suivies*) e *rimas cruzadas* ou *entresachadas* (*rimes croisées* ou *entremêlées*).

Chamão-se as rimas *parelhas* quando duas rimas masculinas e duas rimas femininas seguem-se alternativamente como nos versos seguintes :

Dans le réduit obscur d'une alcove enfoncée,
S'élève un lit de plume à grands frais amassée,

Quatre rideaux pompeux, par un double contour,
En défendent l'entrée à clarté du jour;
Là, parmi les douceurs d'un tranquille silence,
Règne sur le duvet une heureuse indolence.
C'est là que le prélat, muni d'un déjeuner,
Dormant d'un léger somme attendoit le dîner.

Chamão-se as rimas *cruzadas* ou *entresachadas*, quando huma rima masculina está separada daquella que lhe corresponde por huma ou duas rimas femininas, e vice-versa, como nos versos seguintes:

Fortune dont la main couronne
Les forfaits les plus inouis,
Du faux éclat qui t'environne
Serons-nous toujours éblouis?
Jusques à quand, trompeuse idole,
D'un culte honteux et frivole
Honorerons-nous tes autels?
Verra-t-on toujours tes caprices
Consacrés par les sacrifices
Et par l'hommage des mortels?

As parelhas não se usão muito senão com os versos de doze e dez syllabas, e por consequencia nas obras serias.

O principal defeito que se deve evitar nas parelhas he de pôr sobre a mesma rima quatro versos masculinos quando não são separados senão por dous versos femininos, ou quatro versos femininos quando não são separados senão por dous versos masculinos.

A conveniencia dos sons nas rimas mas-

culinas e femininas que se seguem produz tambem hum effeito desagradavel ao ouvido que se deve evitar.

Usão-se as rimas cruzadas ou entresachadas em todas as especies de versos e principalmente nas estancias e versos soltos, em fim na poesia lyrica, e composições jocosas ou destinadas pela musica.

§ I.

Das estancias.

Chama-se estancia *(stance)* hum numero determinado de versos que forma hum sentido completo.

Huma estancia não pode conter menos de quatro versos, e raras vezes contem mais de dez.

Quando as estancias de huma obra tem o mesmo numero de versos da mesma especie, e a mesma mistura de rimas, chamão se *estancias regulares (stances régulières)*. Chamão-se ao contrario *irregulares* quando são differentes humas das outras, seja pela mistura das rimas, seja pelo numero das syllabas de cada verso.

He preciso que as estancias feitas sobre o mesmo assumpto comecem e acabem pelas mesmas rimas, he a dizer que se a primeira estancia começa por huma rima masculina, e acaba por huma rima femi-

ina, a segunda e as outras hão de comear por huma rima masculina, e acabar por uma rima feminina. Resulta disso que uando huma estancia começa e acaba ela mesma rima, v. g. huma rima femiina, aquella que vem depois começando ambem por huma rima feminina, achão-e de seguida duas rimas differentes da nesma especie. O ultimo verso de huma stancia não deve rimar com o primeiro a estancia seguinte.

As estancias consideradas pelo numero e versos de que se compoem podem divir-se em *estancias de numero par (stances le nombre pair)* e *estancias de numero npar (stances de nombre impair).*

Sendo arbitraria nas estancias a mistura os versos em quanto ao numero das syl-ibas, as regras seguintes dizem respeito mixtura das rimas.

EGRAS PELAS ESTANCIAS DE NUMERO PAR.

Estancias de quatro *versos.*

Nos *quartetos (quatrains)* ou estancias le quatro versos podem as rimas misturar-e de duas maneiras.

Auprès d'une féconde source
D'où coulent cent petits ruisseaux,
L'amour, fatigué de sa course,
Dormoit sur un lit de roseaux.

L'univers te dut la naissance,
Feu créateur, céleste amour!
Le plaisir te révèle au jour,
Et la mort n'est que ton absence.

Estancias de seis versos.

A sextina *(sixain)* ou estancia de sei
versos não he senão hum quarteto a qu
se juntão dous versos da mesma rima.

Estes dous versos poem-se de ordinari
no principio, e a estancia deve ter hum
breve pausa depois do terceiro verso
poem-se algumas vezes no fim, e então nã
ha pausa depois do terceiro verso. A mix
tura das rimas nos quatro outros versos s
faz como no quarteto.

Renonçons au stérile appui
Des grands qu'on adore aujourd'hui:
Ne fondons point sur eux une espérance folle:
Leur pompe, indigne de nos vœux,
N'est qu'un simulacre frivole,
Et les solides biens ne dépendent point d'eux.

Seigneur, dans ton temple adorable
Quel mortel est digne d'entrer?
Qui pourra, grand Dieu, pénétrer
Dans ce séjour impénétrable,
Où tes saints inclinés, d'un œil respectueux,
Contemplent de ton frontl 'éclat majestueux.

Estancias de oito versos.

As oitavas (*octaves*) ou estancias de oito
versos não são de ordinario senão dous

quartetos reunidos, devem ter huma pausa depois do primeiro quarteto.

Dans l'aurore de la vie,
Les jeux font tous nos plaisirs:
A cette heureuse folie
Succèdent d'autres désirs:
Bacchus, dans notre vieillesse
Fait oublier les amours:
La mort vient, le charme cesse,
Et nous dormons pour toujours.

Pode-se tambem nas estancias de oito versos arranjar as rimas de tal maneira que comecem ou acabem por dous versos da mesma rima, e dos seis outros tres são sobre huma rima e tres sobre outra.

Estancias de dez *versos.*

As decimas (*dixains*) ou estancias de dez versos não são senão a reunião de hum quarteto com huma sextina, cujas rimas se misturão como acābamos de dizelo. As decimas tem huma pausa depois do quarto e do setimo verso.

Ce n'est pas d'un amas funeste
De massacres et de débris
Qu'une vertu pure et céleste
Tire son véritable prix:
Un héros qui de la victoire
Emprunte son unique gloire,
N'est héros que quelques momens;
Et pour l'être toute sa vie
Il doit opposer à l'envie
De plus paisibles monumens.

REGRAS PELAS ESTANCIAS DE NUMERO IMPA

Estas estancias hão de ter tres vers sobre a mesma rima; he preciso que sejã separados por rimas differentes, ou a menos hum dos dous outros.

Estancias de cinco *versos.*

Observar-se hão só nestas estancias a regras geraes que acabamos de dar pela estancias de numero impar.

O rives du Jourdain! ô champs aimés des cieux
Sacrés monts, fertiles vallées,
Par cent miracles signalées,
Du doux pays de nos aïeux
Serons-nous toujours exilées.

Estancias de sete *versos.*

As estancias de sete versos começão po hum quarteto seguido de huma pausa.

L'hypocrite en fraude fertile,
Dès l'enfance est pétri de fard;
Il sait colorer avec art
Le fiel que sa bouche distille;
Et la morsure du serpent
Est moins aiguë et moins subtile
Que le vénin caché que sa langue répand.

Estancias de nove *versos.*

A primeira parte destas estancias he hum quarteto seguido de huma pausa, e a segunda huma estancia de cinco versos.

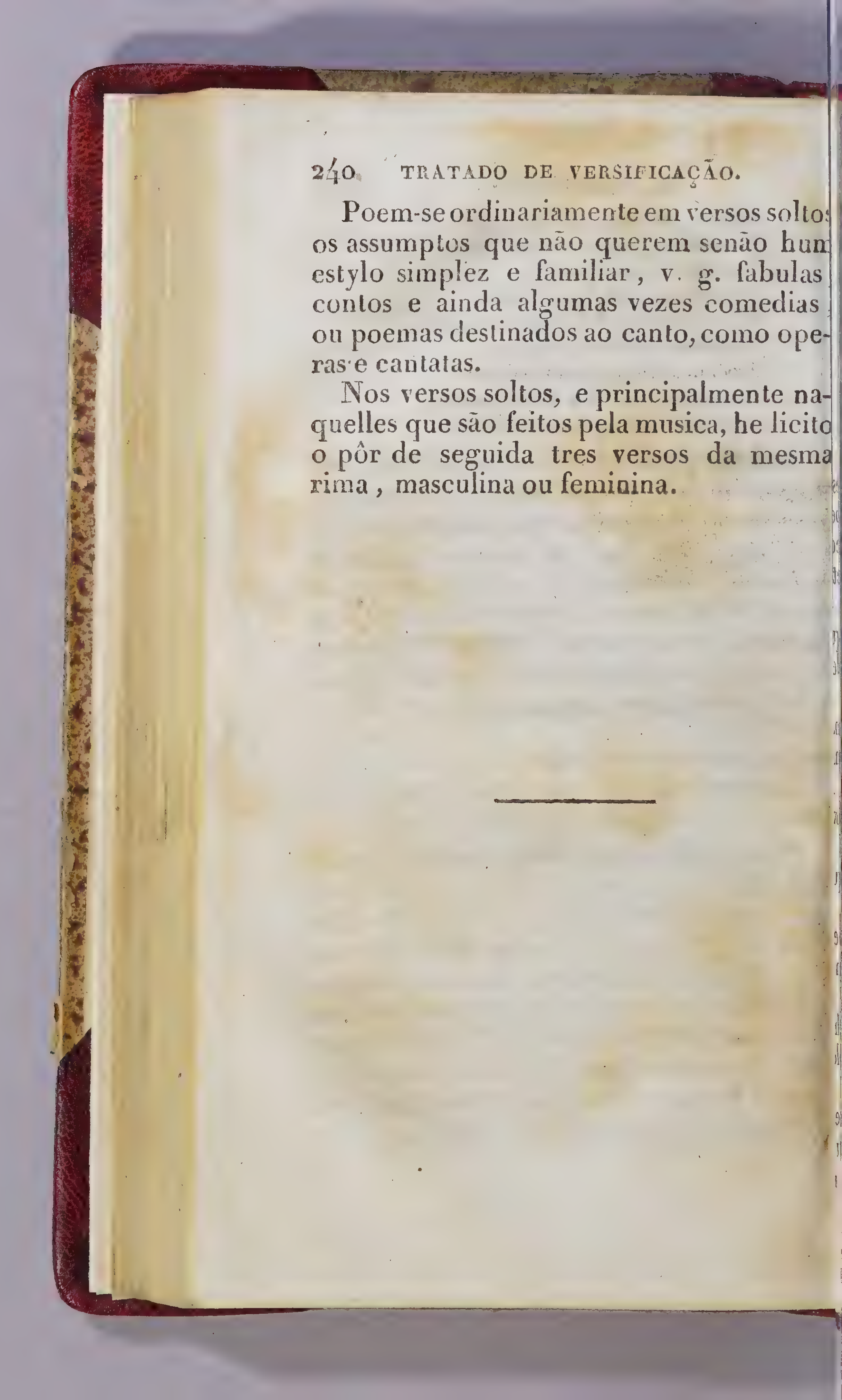
Offrez, à l'exemple des anges,
A ce Dieu, votre unique appui,
Un sacrifice de louanges,
Le seul qui soit digne de lui.
Chantez d'une voix ferme et sûre
De cet auteur de la nature
Les bienfaits toujours naissans:
Mais sachez qu'une main impure
Peut souiller le plus pur encens.

As rimas cruzadas ou entresachadas entravão em muitas pequenas composições em verso que se achão nos antigos poetas, taes são: *le sonnet*, *le rondeau simple* e *redoublé*, *le triolet*, *la ballade*, *le chant-royal*, *le lai*, *le virelai*, *la villanelle*. Estas pequenas composições tinhão regras particulares pela mixtura das rimas, mas agora ficão inteiramente desusadas.

§ II.

Dos versos soltos.

Chamão-se versos soltos (*vers libres*) aquelles que não tem uniformidade, nem pelo numero das syllabas, nem pela mistura das rimas, e não são divididos em estancias; he a dizer que nas composições em versos soltos pode-se misturar as rimas á sua vontade, e dar a cada verso tal numero de syllabas que se quizer, sem seguir outras regras, senão as regras geraes da versificação.



Poem-se ordinariamente em versos soltos os assumptos que não querem senão hum estylo simplez e familiar, v. g. fabulas, contos e ainda algumas vezes comedias, ou poemas destinados ao canto, como operas e cantatas.

Nos versos soltos, e principalmente naquelles que são feitos pela musica, he licito o pôr de seguida tres versos da mesma rima, masculina ou feminina.

EXTRACTOS EM PROSA.

Comme c'est le caractère des grands esprits de faire entendre en peu de paroles beaucoup de choses; les petits esprits, au contraire, ont le don de beaucoup parler et de ne rien dire.

La clémence des princes n'est souvent qu'une politique pour gagner l'affection des peuples.

La philosophie triomphe aisément des maux passés et des maux à venir; mais les maux présens triomphent d'elle.

Nous avons plus de force que de volonté; et c'est souvent pour nous excuser à nous-mêmes, que nous nous imaginons que les choses sont impossibles.

Si nous n'avions point de défauts, nous ne prendrions pas tant de plaisir à en remarquer dans les autres.

Ceux qui s'appliquent trop aux petites choses deviennent ordinairement incapables des grandes.

Le bonheur et le malheur des hommes ne dépendent pas moins de leur humeur que de la fortune.

Le vrai moyen d'être trompé, c'est de se croire plus fin que les autres.

On ne loue d'ordinaire que pour être loué. Le refus des louanges est un désir d'être loué deux fois.

Peu de gens sont assez sages pour préférer le blâme qui leur est utile à la louange qui les trahit.

Quelque éclatante que soit une action, elle ne doit pas passer pour grande lorsqu'elle n'est pas l'effet d'un grand dessein.

Il est difficile de juger si un procédé net, sincère et honnête, est un effet de probité ou d'habilité.

Les vertus se perdent dans l'intérêt, comme les fleuves se perdent dans la mer.

Il y a deux sortes de constance en amour: l'une vient de ce que l'on trouve sans cesse dans la personne que l'on aime de nouveaux sujets d'aimer, et l'autre vient de ce qu'on se fait un honneur d'être constant.

Les vices entrent dans la composition des vertus, comme les poisons entrent dans la composition des remèdes. La prudence les assemble et les tempère, et elle s'en sert utilement contre les maux de la vie.

On ne méprise pas tous ceux qui ont des vices; mais on méprise tous ceux qui n'ont aucune vertu.

L'amour de la gloire, la crainte de la honte, le dessein de faire fortune, le désir de rendre notre vie commode et agréable, et l'envie d'abaisser les autres, sont souvent les causes de cette valeur si célèbre parmi les hommes.

La valeur est dans les simples soldats un métier périlleux qu'ils ont pris pour gagner leur vie.

La parfaite valeur est de faire sans témoins ce qu'on seroit capable de faire devant tout le monde.

L'hypocrisie est un hommage que le vice rend à la vertu.

L'orgueil ne veut pas devoir, et l'amour-propre ne veut pas payer.

Il n'est pas si dangereux de faire du mal à la plupart des hommes, que de leur faire trop de bien.

La simplicité affectée est une imposture délicate.

Nous aimons toujours ceux qui nous admirent, et nous n'aimons pas toujours ceux que nous admirons.

Notre sagesse n'est pas moins à la merci de la fortune que nos biens.

L'envie est plus irréconciliable que la haine.

On pardonne tant que l'on aime.

L'esprit de la plupart des femmes sert plus à fortifier leur folie que leur raison.

La plupart des hommes ont, comme les plantes, des propriétés cachées que le hasard fait découvrir.

La jalousie naît toujours avec l'amour; mais elle ne meurt pas toujours avec lui.

Un sot n'a pas assez d'étoffe pour être bon.

Nous aurions souvent honte de nos plus belles actions, si le monde voyoit tous les motifs qui les produisent.

Quelque honte que nous ayons méritée, il est presque toujours en notre pouvoir de rétablir notre réputation.

On passe souvent de l'amour à l'ambition; mais on ne revient guère de l'ambition à l'amour.

Les querelles ne dureroient pas longtemps, si le tort n'étoit que d'un côté.

La Rochefoucauld.

Les arbres, les arbrisseaux, les plantes sont la parure et le vêtement de la terre. Rien n'est si triste que l'aspect d'une campagne nue et pelée, qui n'étale aux yeux que des pierres, du limon et des sables. Mais vivifiée par la nature, et revêtue de sa robe de noces, au milieu du cours des eaux et du chant des oiseaux, la terre offre à l'homme, dans l'harmonie des trois

règnes, un spectacle plein de vie, d'intérêt et de charmes, le seul spectacle au monde dont ses yeux et son cœur ne se lassent jamais.

Plus un contemplateur a l'âme sensible, plus il se livre aux extases qu'excite en lui cet accord. Une rêverie douce et profonde s'empare alors de ses sens, et il se perd avec une délicieuse ivresse dans l'immensité de ce beau système avec lequel il se sent identifié. Alors tous les objets particuliers lui échappent; il ne voit et ne sent rien que dans le tout. Il faut que quelque circonstance particulière resserre ses idées et circonscrive son imagination, pour qu'il puisse observer par parties cet univers qu'il s'efforçoit d'embrasser.

J. J. Rousseau.

Avec quelle magnificence la nature ne brille-t-elle pas sur la terre! Une lumière pure s'étendant de l'orient au couchant, dore successivement les deux hémisphères de ce globe; un élément transparent et léger l'environne, une chaleur douce et féconde anime, fait éclore les germes de la vie: des eaux vives et salutaires servent à leur entretien, à leur accroissement; des éminences, distribuées dans le milieu

des terres, arrêtent les vapeurs de l'air, rendent ces sources intarissables et toujours nouvelles; des cavités immenses, faites pour les recevoir, partagent les continens. L'étendue de la mer est aussi grande que celle de la terre; ce n'est point un élément froid et stérile, c'est un nouvel empire aussi riche, aussi peuplé que le premier. Le doigt de Dieu a marqué leurs confins.

La terre, élevée au-dessus du niveau de la mer, est à l'abri de ses irruptions: sa surface émaillée de fleurs, parée d'une verdure toujours renouvelée, peuplée de mille et mille espèces d'animaux différens, est un lieu de repos, un séjour de délices, où l'homme placé pour seconder la nature, préside à tous les êtres. Seul, entre tous, capable de connoître et digne d'admirer, Dieu l'a fait spectateur de l'univers et témoin de ses merveilles: l'étincelle divine dont il est animé, le rend participant aux mystères divins; c'est par cette lumière qu'il pense et réfléchit; c'est par elle qu'il voit et lit dans le livre du monde, comme dans un exemplaire de la Divinité.

La nature est le trône extérieur de la magnificence divine: l'homme qui la contemple, qui l'étudie, s'élève par degrés au trône intérieur de la Toute-Puissance.

Fait pour adorer le Créateur, vassal du ciel, roi de la terre, il l'ennoblit, la peuple et l'enrichit; il établit entre les êtres vivans l'ordre, la subordination, l'harmonie; il embellit la nature même, il la cultive, l'étend et la polit; en élague le chardon et la ronce, y multiplie le raisin et la rose.

Quelle est belle, cette nature cultivée! Que par les soins de l'homme elle est brillante et pompeusement parée! Il en fait lui-même le plus bel ornement, la production la plus noble; en se multipliant, il en multiplie le germe le plus précieux; elle-même aussi semble se multiplier avec lui; il met au jour, par son art, tout ce quelle recéloit dans son sein. Que de trésors ignorés! que de richesses nouvelles! Les fleurs, les fruits, les grains perfectionnés, multipliés à l'infini; les espèces utiles d'animaux transportées, propagées, augmentées sans nombre; les espèces nuisibles réduites, confinées, reléguées; l'or, et le fer plus nécessaire que l'or, tirés des entrailles de la terre; les torrens contenus, les fleuves dirigés, resserrés; la mer même soumise, reconnue, traversée d'un hémisphère à l'autre, la terre accessible partout, partout rendue aussi vivante que féconde; dans les vallées, de riantes prairies; dans les plaines, de

riches pâturages ou des moissons encore plus riches, les collines chargées de vignes, de fruits; leurs sommets couronnés d'arbres utiles et de jeunes forêts; les déserts devenus des cités habitées par un peuple immense, qui, circulant sans cesse, se répand des centres jusqu'aux extrémités; des routes ouvertes et fréquentées, des communications établies partout, comme autant de témoins de la force et de l'union de la société; mille autres monumens de puissance et de gloire démontrent assez que l'homme, maître du domaine de la terre, en a changé, renouvelé la surface entière, et que de tout temps il en partage l'empire avec la nature.

Cependant l'homme ne règne que par droit de conquête; il jouit plutôt qu'il ne possède, il ne conserve que par des soins toujours renouvelés. S'ils cessent, tout languit, tout s'altère, tout change, tout rentre sous les mains de la nature; elle reprend ses droits, efface les ouvrages de l'homme, couvre de poussière et de mousse ses plus fastueux monumens, les détruit avec le temps, et ne lui laisse que le regret d'avoir perdu, par sa faute, ce que ses ancêtres avoient conquis par leurs travaux. Ces temps où l'homme perd son domaine, ces siècles de barbarie, pendant lesquels tout périt, sont toujours préparés par la

guerre, et arrivent avec la disette et la dépopulation. L'homme qui ne peut que par le nombre, qui n'est fort que par sa réunion, qui n'est heureux que par la paix, a la fureur de s'armer pour son malheur, et de combattre pour sa ruine. Excité par l'insatiable avidité, aveuglé par l'ambition encore plus insatiable, il renonce aux sentimens d'humanité, tourne toutes ses forces contre lui-même, cherche à s'entre-détruire, se détruit en effet; et, après ces jours de sang et de carnage, lorsque la fumée de la gloire s'est dissipée, il voit d'un œil triste la terre dévastée, les arts ensevelis, les nations dispersées, les peuples affoiblis, son propre bonheur ruiné, et sa puissance réelle anéantie. *Buffon.*

Grand Dieu, dont la seule présence soutient la nature, et maintient l'harmonie des lois de l'univers; vous qui, du trône immobile de l'empyrée, voyez rouler sous vos pieds les sphères célestes, sans choc et sans confusion; qui, du sein du repos, reproduisez à chaque instant leurs mouvemens immenses, et seul régissez, dans une paix profonde, ce nombre infini de cieux et de mondes: rendez, rendez enfin le calme à la terre agitée! qu'elle soit dans le silence! qu'à votre voix, la discorde et la guerre cessent de faire retentir leurs

clameurs orgueilleuses! Dieu de bonté, auteur de tous les êtres, vos regards paternels embrassent tous les objets de la création: mais l'homme est votre être de choix. Vous avez éclairé son âme d'un rayon de votre lumière immortelle; comblez vos bienfaits, en pénétrant son cœur d'un trait de votre amour: ce sentiment divin, se répandant partout, réunira les natures ennemies; l'homme ne craindra plus l'aspect de l'homme; le fer homicide n'armera plus sa main; le feu dévorant de la guerre ne fera plus tarir la source des générations; l'espèce humaine, maintenant affoiblie, mutilée, moissonnée dans sa fleur, germera de nouveau, et se multipliera sans nombre; la nature, accablée sous le poids des fléaux, reprendra bientôt son ancienne fécondité, et nous, Dieu bienfaiteur, nous la seconderons, nous la cultiverons, nous l'observerons sans cesse, pour vous offrir à chaque instant un nouveau tribut de reconnaissance et d'admiration. *Buffon.*

Aussitôt que nous fûmes arrivés à Memphis, ville opulente et magnifique, le gouverneur ordonna que nous irions jusques à Thèbes pour être présenté au roi Sésostris, qui vouloit examiner les choses par lui-

même, et qui étoit fort animé contre les Tyriens. Nous remontâmes donc encore le long du Nil, jusqu'à cette fameuse Thèbes à cent portes, où habitoit ce grand roi. Cette ville nous parut d'une étendue immense, et plus peuplée que les plus florissantes villes de la Grèce. La police y est parfaite pour la propreté des rues, pour le cours des eaux, pour la commodité des bains, pour la culture des arts, et pour la sûreté publique. Les places sont ornées de fontaines et d'obélisques; les temples sont de marbre, et d'une architecture simple, mais majestueuse. Le palais du prince est lui seul comme une grande ville; on n'y voit que colonnes de marbre, que pyramides et obélisques, que statues colossales, que meubles d'or et d'argent massifs.

Sésostris écoutoit chaque jour, à certaines heures réglées, tous ceux de ses sujets qui avoient ou des plaintes à lui faire ou des avis à lui donner. Il ne méprisoit ni ne rebutoit personne, et ne croyoit être roi que pour faire du bien à tous ses sujets, qu'il aimoit comme ses enfans. Pour les étrangers, il les recevoit avec bonté, et vouloit les voir, parce qu'il croyoit qu'on apprenoit toujours quelque chose d'utile, en s'intruisant des mœurs et des maximes des peuples éloignés. Cette curiosité du

roi fit qu'on nous présenta à lui. Il étoit sur un trône d'ivoire, tenant en main un sceptre d'or. Il étoit déjà vieux, mais agréable, plein de douceur et de majesté: il jugeoit tous les jours les peuples, avec une patience et une sagesse qu'on admiroit sans flatterie. Après avoir travaillé toute la journée à régler les affaires et à rendre une exacte justice, il se délassoit le soir à écouter des hommes savans, ou à converser avec les plus honnêtes gens, qu'il savoit bien choisir pour les admettre dans sa familiarité.

Hélas! à quoi les rois sont-ils exposés! les plus sages même sont souvent surpris. Des hommes artificieux et intéressés les environnent. Les bons se retirent, parce qu'ils ne sont ni empressés ni flatteurs: les bons attendent qu'on les cherche, et les princes ne savent guère les aller chercher. Au contraire, les méchans sont hardis, trompeurs, empressés à s'insinuer et à plaire, adroits à dissimuler, prêts à tout faire contre l'honneur et la conscience pour contenter les passions de celui qui règne. Oh! qu'un roi est malheureux d'être exposé aux artifices des méchans! Il est perdu s'il ne repousse la flatterie, et s'il n'aime ceux qui disent hardiment la vérité.

Oh! qu'on est malheureux, quand on est au-dessus du reste des hommes! Sou-

vent on ne peut voir la vérité par ses propres yeux : on est environné de gens qui l'empêchent d'arriver jusqu'à celui qui commande ; chacun est intéressé à le tromper ; chacun, sous une apparence de zèle, cache son ambition. On fait semblant d'aimer le roi, et on n'aime que les richesses qu'il donne : on l'aime si peu, que pour obtenir ses faveurs on le flatte et on le trahit. *Fénélon.*

Pour mieux supporter l'ennui de la captivité et de la solitude, je cherchai des livres ; car j'étois accablé de tristesse, faute de quelque instruction qui pût nourrir mon esprit et le soutenir. Heureux, disois-je, ceux qui se dégoûtent des plaisirs violens, et qui savent se contenter des douceurs d'une vie innocente ! Heureux ceux qui se divertissent en s'instruisant, et qui se plaisent à cultiver leur esprit par les sciences ! En quelque endroit que la fortune ennemie les jette, ils portent toujours avec eux de quoi s'entretenir ; et l'ennui, qui dévore les autres hommes au milieu même des délices, est inconnu à ceux qui savent s'occuper par quelque lecture. Heureux ceux qui aiment à lire, et qui ne sont point, comme moi, privés de la

lecture ! Pendant que ces pensées rouloient dans mon esprit, je m'enfonçai dans une sombre forêt, où j'aperçus tout-à-coup un vieillard qui tenoit un livre dans sa main.

Ce vieillard avoit un grand front chauve et un peu ridé : une barbe blanche pendoit jusqu'à sa ceinture; sa taille étoit haute et majestueuse; son teint étoit encore frais et vermeil; ses yeux étoient vifs et perçans, sa voix douce, ses paroles simples et aimables. Jamais je n'ai vu un si vénérable vieillard. Il s'appeloit Termosiris : il étoit prêtre d'Apollon, qu'il servoit dans un temple de marbre que les rois d'Égypte avoient consacré à ce dieu dans cette forêt. Le livre qu'il tenoit étoit un recueil d'hymnes en l'honneur des dieux.

Il m'aborde avec amitié : nous nous entretenons. Il racontoit si bien les choses passées, qu'on croyoit les voir: mais il les racontoit courtement, et jamais ses histoires ne m'ont lassé. Il prévoyoit l'avenir par la profonde sagesse qui lui faisoit connoître les hommes et les desseins dont ils sont capables. Avec tant de prudence, il étoit gai, complaisant ; et la jeunesse la plus enjouée n'a point autant de grâce qu'en avoit cet homme dans une vieillesse si avancée : aussi aimoit-il les jeunes gens

lorsqu'ils étoient dociles et qu'ils avoient le goût de la vertu. *Fénélon.*

Apollon dépouillé de tous ses rayons, fut contraint de se faire berger, et de garder les troupeaux du roi Admète. Il jouoit de la flûte, et tous les autres bergers venoient à l'ombre des ormeaux, sur le bord d'une claire fontaine, écouter ses chansons. Jusques-là ils avoient mené une vie sauvage et brutale; ils ne savoient que conduire leurs brebis, les tondre, traire leur lait; et faire des fromages: toute la campagne étoit comme un désert affreux.

Bientôt Apollon montra à tous ces bergers les arts qui peuvent rendre la vie agréable. Il chantoit les fleurs dont le printemps se couronne, les parfums qu'il répand, et la verdure qui naît sous ses pas. Puis il chantoit les délicieuses nuits de l'été, où les zéphyrs rafraîchissent les hommes, et où la rosée désaltère la terre. Il mêloit aussi dans ses chansons les fruits dorés dont l'automne récompense les travaux des laboureurs, et le repos de l'hiver, pendant lequel la folâtre jeunesse danse auprès du feu. Enfin, il représentoit les forêts sombres qui couvrent les montagnes, et les creux vallons, où les rivières, par mille détours, semblent se jouer au milieu des riantes prairies. Il apprit ainsi aux ber-

gers quels sont les charmes de la vie champêtre, quand on sait goûter ce que la simple nature á de gracieux.

Les bergers, avec leurs flûtes, se virent bientôt plus heureux que les rois; et leurs cabanes attiroient en foule les plaisirs purs qui fuient les palais dorés. Les jeux, les ris, les grâces, suivoient partout les innocentes bergères. Tous les jours étoient des fêtes : on n'entendoit plus que le gazouillement des oiseaux, ou la douce haleine des zéphyrs qui se jouoient dans les rameaux des arbres, ou le murmure d'une onde claire qui tomboit de quelque rocher, ou les chansons que les muses inspiroient aux bergers qui suivoient Apollon. Ce dieu leur enseignoit à remporter le prix de la course, et à percer de flèches les daims et les cerfs. Les dieux même devinrent jaloux des bergers; cette vie leur parut plus douce que toute leur gloire, et ils rappelèrent Apollon dans l'Olympe.

Mon fils, cette histoire doit vous instruire, puisque vous êtes dans l'état où fut Apollon. Défrichez cette terre sauvage; faites fleurir comme lui le désert; apprenez à tous ces bergers quels sont les charmes de l'harmonie; adoucissez leurs cœurs farouches; montrez-leur l'aimable vertu; faites-leur sentir combien il est doux de jouir dans la solitude des plaisirs innocens que rien ne peut ôter aux bergers. Un

jour, mon fils, un jour les peines et les soucis cruels qui environnent les rois vous feront regretter sur le trône la vie pastorale.

Fénélon.

Non loin de la ville de Cures, dans le pays des Sabins, au milieu d'une antique forêt, s'élève un temple consacré à Cérès. Des ormes, des peupliers, aussi anciens que la terre, ombragent le faîte de l'édifice; le fleuve Curèse, après en avoir baigné les murs, va serpenter dans les jardins de plusieurs maisons isolées, bâties autour de ce temple. Dans ces retraites sacrées, chaque prêtre de la déesse, avec sa femme et ses enfans, passe ses jours à la prière, au travail, ou dans le sein de la tendresse. Protégés par la divinité qu'ils honorent, nourris par la terre qu'ils cultivent, aimés de l'épouse qu'ils rendent heureuse, bénis de leurs enfans, en paix avec eux-mêmes, ils jouissent doucement de la vie, sans craindre ni souhaiter la mort.

Le vénérable Tullus commandoit à ces prêtres. A l'âge de quatre-vingts ans, il exerçoit la souveraine sacrificature avec tout le zèle d'un jeune homme et toute l'indulgence d'un vieillard. Adoré de ceux qui vivoient avec lui, respecté de tous les

autres, il n'étoit craint que des méchans. Favori des dieux, ami des hommes, rarement il prioit pour lui; c'étoit toujours pour la veuve ou pour l'orphelin. Dès qu'un citoyen de Cures, dès qu'un habitant de la campagne éprouvoit quelque infortune, qu'un ménage étoit désuni, ou que la concorde n'étoit plus dans une famille, le père, l'époux, l'enfant malheureux prenoit le chemin de la forêt sacrée: il venoit trouver Tullus. Pour peu qu'il eût tardé, Tullus seroit allé le chercher. Tullus écoutoit ses longues plaintes, ne se lassoit jamais de les entendre, l'encourageoit, le consoloit, lui prodiguoit des secours, des conseils. L'infortuné s'en retournoit, ou moins triste, ou moins à plaindre. Tullus, qui pensoit n'avoir rien fait, alloit se prosterner devant la déesse, et l'implorer pour ce malheureux. *Florian.*

Le puissant Aaron Raschild commençoit à soupçonner que son visir Giafar ne méritoit pas la confiance qu'il lui avoit donnée. Les femmes d'Aaron, les habitans de Bagdad, les courtisans, les derviches, censuroient le visir avec amertume. Le calife aimoit Giafar; il ne voulut point le condamner, sur les clameurs de la ville et de la cour: il visita son empire: il vit partout

la terre bien cultivée, la campagne riante, les hameaux opulens, les arts utiles en honneur, et la jeunesse dans la joie. Il visita ses places de guerre et ses ports de mer; il vit de nombreux vaisseaux qui menaçoient les côtes de l'Afrique et de l'Asie; il vit des guerriers disciplinés et contens; ces guerriers, les matelots, et les peuples des campagnes s'écrioient: «O Dieu, bénissez les fidèles, en leur donnant un calife comme Aaron, et un visir comme Giafar.» Le calife, touché de ces acclamations, entre dans une mosquée, s'y précipite à genoux, et s'écrie: «Grand Dieu, je te rends grâce! tu m'as donné un visir dont mes courtisans me disent du mal, et dont mes peuples me disent du bien.»

Saint-Lambert.

La miséricorde divine avoit conduit un homme vicieux dans une société de sages, dont les mœurs étoient saintes et pures; il fut touché de leurs vertus; il ne tarda pas à les imiter, et à perdre ses anciennes habitudes; il devint juste, sobre, patient, laborieux et bienfaisant. On ne pouvoit nier ses œuvres, mais on leur donnoit des motifs odieux; on vantoit ses bonnes actions, sans aimer sa personne; on vouloit

toujours le juger par ce qu'il avoit été, et non par ce qu'il étoit devenu. Cette injustice le pénétroit de douleur; il répandit ses larmes dans le sein d'un vieux sage, plus juste et plus humain que les autres. O mon fils! lui dit le vieillard, tu vaux mieux que ta réputation; rends-en grâces à Dieu. Heureux celui qui peut dire: mes ennemis et mes rivaux censurent en moi des vices que je n'ai pas! Que t'importe, si tu es bon, que les hommes te poursuivent comme méchant? N'as-tu pas, pour te consoler, les deux témoins les plus éclairés de tes actions: Dieu et ta conscience? *Saint-Lambert.*

Le soin d'une mère pour ses enfans est de tous les devoirs le plus fidèlement observé dans la nature. Ce sentiment universel domine toutes les passions; il l'emporte même sur l'amour de la vie. Il rend le plus féroce des animaux sensible et doux; le plus paresseux, infatigable; le plus timide, courageux à l'excès: aucun d'eux ne perd de vue ses petits, qu'au moment qu'il leur est inutile. On ne voit que parmi les hommes les exemples odieux d'un abandon prématuré.

C'est surtout au milieu d'un monde où

le vice, ingénieux à se déguiser, prend mille formes séduisantes; c'est là que le plus heureux naturel demande à être éclairé sans cesse. Plus il y a d'écueils, et plus ils sont cachés, plus la barque fragile de l'innocence et du bonheur a besoin d'un sage pilote. Quel eût été, par exemple, le sort de mademoiselle du Troëne, si le ciel n'eût fait exprès pour elle une mère comme il y en a peu!

Cette veuve respectable avoit consacré à l'éducation de sa fille unique les plus belles années de sa vie. Voici quel avoit été son calcul dès l'âge de vingt-cinq ans:

J'ai perdu mon époux, disoit-elle; je n'ai plus que ma fille et moi. Vivrai-je pour moi? vivrai-je pour elle? Le monde me sourit, et me plaît encore; mais si je m'y livre, j'abandonne ma fille, et je hasarde son bonheur et le mien. Supposons qu'une vie tumultueuse et dissipée ait tous les charmes qu'on lui attribue, combien de temps puis-je les goûter? De mes années qui s'écoulent, combien peu en ai-je à passer dans le monde? combien dans la solitude et dans le sein de mon enfant? Ce monde, qui m'appelle aujourd'hui, me renverra bientôt sans pitié; et si ma fille s'est oubliée à mon exemple, si elle est malheureuse par ma négligence, quelle sera ma consolation? Embellissons de

bonne heure ma retraite, rendons-la douce autant qu'honorable; et sacrifions à ma fille, qui est tout pour moi, cette multitude étrangère, à qui, dans peu, je ne serai plus rien. *Marmontel.*

Le marquis de Verglan étoit doué de la plus jolie figure. Son miroir et les femmes le lui avoient dit tant de fois, qu'il avoit bien fallu le croire. Il s'écoutoit avec complaisance, se voyoit avec volupté, se sourioit à lui-même, et ne cessoit de s'applaudir. Il n'y avoit rien à dire sur sa politesse; mais elle étoit si froide et si légère, en comparaison des attentions dont il s'honoroit, qu'on voyoit clairement qu'il occupoit la première place dans son estime. Il auroit eu, sans y penser, toutes les grâces naturelles; il les gâtait en les affectant. Du côté de l'esprit, il ne lui manquoit que de la justesse, ou plutôt de la réflexion. Personne n'eût parlé mieux que lui, s'il avoit su ce qu'il alloit dire; mais son premier soin étoit d'avoir un avis qui ne fût pas celui d'un autre. Qu'il eût tort, ou qu'il eût raison, cela lui étoit assez égal: il étoit sûr d'éblouir, de séduire, de persuader ce qu'il vouloit. Il savoit par cœur tous ces petits propos de toilette, tous ces jolis mots qui ne disent rien. Il

étoit au fait de toutes les anecdotes galantes de la ville et de la cour : quel étoit l'amant de la veille, celui du jour, celui du lendemain, et combien de fois dans l'année telle et telle en avoient changé. Il connaissoit même quelqu'un qui avoit refusé d'être sur la liste, et qui auroit supplanté tous ses rivaux, s'il avoit voulu s'en donner le soin. *Marmontel.*

Belzors étoit sage et modeste. Un esprit juste et un cœur droit formoient la base de son caractère. Sa figure douce et ouverte s'ennoblissoit encore par la haute idée qu'on avoit de son âme; car on est disposé naturellement à chercher et à croire démêler dans les traits d'un homme ce que l'on sait qu'il a dans le cœur.

Belzors en qui la nature avoit été dirigée au bien dès l'enfance, jouissoit de l'avantage inestimable de pouvoir s'y abandonner sans précaution et sans contrainte. La décence, l'honnêteté, la candeur, cette franchise qui gagne la confiance, cette sévérité de mœurs qui imprime le respect, avoient en lui l'aisance libre de l'habitude. Ennemi du vice, mais sans faste; indulgent aux ridicules, mais sans en contracter aucun ; docile aux usages innocens, incorruptible aux mauvais exemples, il sur-

nageoit au torrent du monde; aimé, respecté de ceux même dont sa vie étoit la censure, et auxquels l'estime publique avoit coutume de l'opposer, pour humilier leur orgueil. *Marmontel.*

Lindor venoit d'obtenir une compagnie de cavalerie, au sortir des pages. La fraîcheur de la jeunesse, l'impatience du désir, l'étourderie et la légèreté, qui sont des grâces à seize ans et des ridicules à trente, rendirent intéressant aux yeux de Bélise cet enfant bien né, qui avoit l'honneur d'appartenir à la famille de son époux. Lindor s'aimoit beaucoup lui-même, comme de raison, il savoit qu'il étoit bien fait et d'une figure charmante. Il le disoit quelquefois; mais il rioit de si bon cœur après l'avoir dit, il montroit en riant une bouche si fraîche et de si belles dents, qu'on pardonnoit ses naïvetés à son âge. Il mêloit d'ailleurs des sentimens si fiers et si nobles aux sentimens de l'amour-propre, que tout cela ensemble n'avoit rien que d'intéressant.

Il vouloit avoir une jolie maîtresse et un excellent cheval de bataille; il se regardoit dans une glace, faisant l'exercice à la prussienne. Il prioit Bélise de lui prêter le Sopha couleur de rose, et lui

demandoit si elle avoit le Polybe de Folard. Il lui tardoit d'être au printemps pour avoir un bel uniforme en cas de paix, ou pour entrer en campagne s'il y avoit guerre. Ce mélange de frivolité et d'héroïsme est peut-être ce qu'il y a de plus séduisant aux yeux d'une femme. Un pressentiment confus que cette jolie petite créature, qui badine à une toilette, qui se caresse, qui se mire, va peut-être dans deux mois se précipiter à travers les batteries sur un escadron ennemi, ou grimper comme un grenadier sur une brèche minée ; ce pressentiment donne aux gentillesses d'un petit-maître un caractère de merveilleux qui étonne et qui attendrit. Mais la fatuité ne sied qu'à la jeunesse militaire : c'est un avis que je donne, en passant, aux petits-maîtres de tous les états.

Marmontel.

L'inquiétude et l'inconstance ne sont, dans la plupart des hommes, que la suite d'un faux calcul. Une prévention trop avantageuse pour les biens qu'on désire, fait qu'on éprouve, dès qu'on les possède, ce malaise et ce dégoût qui ne nous laissent jouir de rien. L'imagination détrompée et le cœur mécontent se portent à de nouveaux objets, dont la perspective nous

éblouit à son tour, et dont l'approche nous désabuse. Ainsi, d'illusion en illusion, l'on passe sa vie à changer de chimère: c'est la maladie des âmes vives et délicates; la nature n'a rien d'assez parfait pour elles; de-là vient qu'on a mis tant de gloire à fixer le goût d'une jolie femme.

Marmontel.

M. de Montausier a écrit à Monseigneur, sur la prise de Philipsbourg, une lettre qui me plaît beaucoup : « Monseigneur, je ne vous fais pas compliment sur la prise de Philipsbourg: vous aviez une bonne armée, des bombes, du canon et Vauban; je ne vous fais pas compliment non plus sur votre valeur, car c'est une vertu héréditaire dans votre maison. Mais je me réjouis de ce que vous êtes libéral, généreux, humain, et de ce que vous savez récompenser les services de ceux qui se comportent bien: voilà sur quoi je vous fais mon compliment.»

Mad. de Sévigné.

La Providence nous conduit avec tant de bonté, dans tous les temps différens de notre vie, que nous ne le sentons quasi pas. Cette perte va doucement; elle est imper-

ceptible: c'est l'aiguille du cadran que nous ne voyons pas aller. Si à vingt ans on nous faisoit voir dans un miroir le visage que nous aurons à soixante, nous tomberions à la renverse, et nous aurions peur de notre figure; mais c'est jour à jour que nous avançons; nous sommes aujourd'hui comme hier, et demain comme aujourd'hui; ainsi nous avançons sans le sentir, et c'est un miracle de cette Providence que j'adore.

Mad. de Sévigné.

M. de Barillon soupa hier ici: on ne parla que de la mort de M. de Turenne; il en est véritablement très-affligé. Il nous contoit la solidité de ses vertus, combien il étoit vrai, combien il aimoit la vertu pour elle-même, combien par elle seule il se trouvoit récompensé; et puis finit par dire qu'on ne pouvoit pas l'aimer, ni être touché de son mérite, sans en être plus honnête homme. Sa société communiquoit une horreur pour la friponnerie et la duplicité, qui mettoit tous ses amis au-dessus des autres hommes. Le héros avoit quarante mille livres de rente de partage, et M. Boucherat a trouvé que, toutes ses dettes et ses legs payés, il ne lui restoit que dix mille livres de rente: voilà comme il s'est enrichi en cinquante années de service.

Mad. de Sévigné.

Aza! mon cher Aza! les cris de ta tendre Zilia, tels qu'une vapeur du matin, s'exhalent et sont dissipés avant d'arriver jusqu'à toi; en vain je t'appelle à mon secours; en vain j'attends que tu viennes briser les chaînes de mon esclavage: hélas! peut-être les malheurs que j'ignore sont-ils les plus affreux! peut-être tes maux surpassent-ils les miens! La ville du Soleil, livrée à la fureur d'une nation barbare, devroit faire couler mes larmes; et ma douleur, mes craintes, mon désespoir, ne sont que pour toi.

Qu'as-tu fait dans ce tumulte affreux, chère âme de ma vie? Ton courage a-t-il été funeste ou inutile? Cruelle alternative! mortelle inquiétude! ô mon cher Aza! que tes jours soient sauvés, et que je succombe, s'il le faut, sous les maux qui m'accablent! Depuis ce moment terrible (qui auroit dû être arraché de la chaîne du temps, et replongé dans les idées éternelles), depuis le moment d'horreur où ces sauvages impies m'ont enlevée au culte du Soleil, à moi-même, à ton amour; retenue dans une étroite captivité, privée de toute communication avec nos citoyens, ignorant la langue de ces hommes féroces dont je porte les fers, je n'éprouve que les effets du malheur, sans pouvoir en découvrir la cause. Plongée dans un abîme d'obscurité,

mes jours sont semblables aux nuits les plus effrayantes. Loin d'être touchés de mes plaintes, mes ravisseurs ne le sont pas même de mes larmes; sourds à mon langage, ils n'entendent pas mieux les cris de mon désespoir. Quel est le peuple assez féroce pour n'être point ému aux signes de la douleur? Quel désert aride a vu naître des humains insensibles à la voix de la nature gémissante? Les barbares! maîtres du *Yalpor*, fiers de la puissance d'exterminer, la cruauté est le seul guide de leurs actions. Aza! comment échapperas-tu à leur fureur? où es-tu? que fais-tu? si ma vie t'est chère, instruis-moi de ta destinée.

Hélas! que la mienne est changée! Comment se fait-il que des jours si semblables entre eux, aient, par rapport à nous, de si funestes différences? Le temps s'écoule; les ténèbres succèdent à la lumière; aucun dérangement ne s'aperçoit dans la nature; et moi, du suprême bonheur je suis tombée dans l'horreur du désespoir, sans qu'aucun intervalle m'ait préparée à cet affreux passage. Tu le sais, ô délices de mon cœur, ce jour horrible, ce jour à jamais épouvantable devoit éclairer le triomphe de notre union. A peine commençoit-il à paroître, qu'impatiente d'exécuter un projet que ma tendresse m'avoit inspiré pendant la nuit, je courus à mes *quipos;* et, profitant du

silence qui régnoit encore dans le temple, je me hâtai de les nouer, dans l'espérance qu'avec leur secours, je rendrois immortelle l'histoire de notre amour et de notre bonheur.

A mesure que je travaillois, l'entreprise me paroissoit moins difficile: de moment en moment, cet amas innombrable de cordons devenoit sous mes doigts une peinture fidèle de nos actions et de nos sentimens, comme il étoit autrefois l'interprète de nos pensées, pendant les longs intervalles que nous passions sans nous voir.

Toute entière à mon occupation, j'oubliois le temps, lorsqu'un bruit confus réveilla mes esprits, et fit tressaillir mon cœur.

Je crus que le moment heureux étoit arrivé, et que les cent portes s'ouvroient pour laisser un libre passage au soleil de mes jours; je cachai précipitamment mes *quipos* sous un pan de ma robe, et je courus au-devant de tes pas. Mais quel horrible spectacle s'offrit à mes yeux! jamais son souvenir affreux ne s'effacera de ma mémoire.

Les pavés du temple ensanglantés, l'image du Soleil foulée aux pieds, des soldats furieux poursuivant nos vierges éperdues, et massacrant tout ce qui s'opposoit à leur passage; nos *mamas* expirantes sous leurs coups, et dont les habits brûloient encore

du feu de leur tonnerre; les gémissemens de l'épouvante, les cris de la fureur répandant de toute part l'horreur et l'effroi, m'ôtèrent jusqu'au sentiment. Revenue à moi-même, je me trouvai, par un mouvement naturel et presque involontaire, rangée derrière l'autel que je tenois embrassé. Là, immobile de saisissement, je voyois passer ces barbares; la crainte d'être aperçue arrêtoit jusqu'à ma respiration. Cependant je remarquai qu'ils ralentissoient les effets de leur cruauté à la vue des ornemens précieux, répandus dans le temple; qu'ils se saisissoient de ceux dont l'éclat les frappoit davantage, et qu'ils arrachoient jusqu'aux lames d'or dont les murs étoient revêtus. Je jugeai que le larcin étoit le motif de leur barbarie, et que, ne m'y opposant point, je pourrois échapper à leurs coups. Je formois le dessein de sortir du temple, de me faire conduire à ton palais, de demander au *Capa-Inca* du secours et un asile pour mes compagnes et pour moi; mais, aux premiers mouvemens que je fis pour m'éloigner, je me sentis arrêter. O mon cher Aza, j'en frémis encore! Ces impies osèrent porter leurs mains sacriléges sur la fille du Soleil.

Arrachée de la demeure sacrée, traînée ignominieusement hors du temple, j'ai vu, pour la première fois, le seuil de la porte

céleste, que je ne devois passer qu'avec les ornemens de la royauté. Au lieu des fleurs que l'on auroit semées sous mes pas, j'ai vu les chemins couverts de sang et de mourans; au lieu des honneurs du trône que je devois partager avec toi, esclave de la tyrannie, enfermée dans une obscure prison, la place que j'occupe dans l'univers est bornée à l'étendue de mon être. Une natte baignée de mes pleurs reçoit mon corps fatigué par les tourmens de mon âme; mais, cher soutien de ma vie, que tant de maux me seront légers, si j'apprends que tu respires!

Au milieu de cet horrible bouleversement, je ne sais par quel heureux hasard j'ai conservé mes *quipos*. Je les possède, mon cher Aza! c'est aujourd'hui le seul trésor de mon cœur, puisqu'il servira d'interprète à ton amour comme au mien; les mêmes nœuds qui t'apprendront mon existence, en changeant de forme entre tes mains, m'instruiront de ton sort. Hélas! par quelle voie pourrai-je les faire passer jusqu'à toi? Par quelle adresse pourront-ils m'être rendus? Je l'ignore encore; mais le même sentiment qui nous fit inventer leur usage, nous suggérera les moyens de tromper nos tyrans. Quel que soit le *chaqui* fidèle qui te portera ce précieux dépôt, je ne cesserai d'envier son bonheur. Il te

verra, mon cher Aza! Je donnerois tous les jours que le Soleil me destine, pour jouir un seul moment de ta présence.

Mad. de Graffigny.

Dans l'abandon de moi-même, je ne craignois que pour tes jours; ils sont en sûreté : je ne vois plus de malheur. Tu m'aimes: le plaisir anéanti renaît dans mon cœur. Je goûte avec transport la délicieuse confiance de plaire à ce que j'aime; mais elle ne me fait point oublier que je te dois tout ce que tu daignes approuver en moi. Ainsi que la rose tire sa brillante couleur des rayons du soleil, de même les charmes que tu trouves dans mon esprit et dans mes sentimens, ne sont que les bienfaits de ton génie lumineux: rien n'est à moi que ma tendresse. Si tu étois un homme ordinaire, je serois restée dans l'ignorance à laquelle mon sexe est condamné. Mais ton âme, supérieure aux coutumes, ne les a regardées que comme des abus: tu en as franchi les barrières pour m'élever jusqu'à toi. Tu n'as pu souffrir qu'un être semblable au tien fut borné à l'humiliant avantage de donner la vie à ta postérité. Tu as voulu que nos divins *Amautas* ornassent mon entendement de leurs sublimes connoissances. Mais, ô lumière de ma vie! sans le désir de te plaire, aurois-je pu me résoudre à

abandonner ma tranquille ignorance, pour la pénible occupation de l'étude? sans le désir de mériter ton estime, ta confiance, ton respect, par des vertus qui fortifient l'amour, et que l'amour rend voluptueuses, je ne serois que l'objet de tes yeux; l'absence m'auroit déjà effacée de ton souvenir. *Mad. de Graffigny.*

Lettre de Balzac à un de ses amis.

Il fit hier un de ces beaux jours sans soleil, que vous dites qui ressemblent à cette belle Aveugle dont Philippe II étoit amoureux. La paix étoit générale depuis la haute région de l'air jusque sur la surface de la terre. L'eau de la rivière paroissoit aussi unie que celle d'un lac. Je vous dis ceci, afin que vous regrettiez un jour si heureux, que vous avez perdu à la ville, et que vous quittiez quelquefois votre palais pour goûter les plaisirs des anciens rois, qui se désaltéroient dans les fontaines, et se nourrissoient de ce qui tombe des arbres. Nous sommes ici dans un petit rond tout couronné de montagnes, où il reste encore quelques grains de cet or, dont les premiers siècles ont été faits. Le printemps, qui, aux quatre coins de la France, commence les siéges et autres entreprises de guerre, ne nous fait rien voir de nouveau, que des

violettes et des roses. Notre peuple ne se conserve dans son innocence, ni par la crainte des lois, ni par l'étude de la sagesse; il suit simplement la bonté de sa nature, et tire plus d'avantages de l'ignorance du vice que de la connoissance de la vertu: de sorte qu'en ce petit royaume, on ne sait que tromper les oiseaux et les bêtes; et le style du palais y est une langue aussi inconnue, que celle de l'Amérique. Les choses qui nuisent à la santé des hommes, ou qui offensent leurs yeux, en sont généralement bannies; et de tous les reptiles nous ne connoissons que les melons et les fraises. —Les arbres y sont verts jusqu'à la racine, tant de leurs propres feuilles, que de celles du lierre qui les embrasse, et leurs branches sont chargées d'un grand nombre de faisans et d'autres oiseaux, en toutes les saisons de l'année. Les cignes, qui couvroient autrefois toute la rivière de Charente, se sont retirés en ce lieu de sûreté, et vivent dans un canal qui fait rêver les plus grands parleurs, aussitôt qu'ils s'en approchent. Pour peu que je m'y arrête, il me semble que je retourne à ma première innocence; mes désirs, mes craintes, mes espérances cessent tout d'un coup, et je ne sens point de passions. De quelque part que je tourne les yeux, en cette agréable solitude, je rencontre toujours la rivière

dans laquelle les animaux, qui y vont boire, voient le ciel aussi clairement que nous, et jouissent d'un avantage que la nature leur a refusé. Mais cette belle eau aime tellement cette belle terre, qu'elle se divise en mille branches, et fait une infinité d'îles et de détours, afin de s'y amuser davantage; et quand elle se déborde, ce n'est que pour rendre le terrain plus fertile, et l'année plus riche. Monsieur le comte de T*** est venu i i quelquefois changer de félicité, et laisser cette vertu sévère, et cet éclat qui éblouit tout le monde, pour prendre des qualités plus douces, et une majesté plus tranquille. Je vous apporterois encore d'autres exemples, pour vous montrer que mon hermitage a été de tout temps fréquenté par des personnes illustres, et que les traces des princes et des grands seigneurs sont encore fraîches dans mes allées; mais afin de vous convier d'y venir, je pense qu'il me suffit de vous dire que Virgile et moi vous y attendons, et que si vous venez accompagné de vos muses et de vos papiers, nous n'aurons que faire pour nous entretenir des nouvelles de la cour, ni des troubles d'Allemagne; mais je vous déclare que si vous cherchez des excuses pour ne pas venir, je ne suis plus, Monsieur, etc.

Lettre de Saint-Evremont au comte de Lionne.

Si je pouvois m'acquitter de toutes les obligations que je vous ai, par des remercîmens, je vous rendrois mille grâces très-humbles; mais comme la moindre des peines que vous avez prises pour moi, vaut mieux que tous les complimens du monde, je vous laisserai vous payer vous-même du plaisir que sent un honnête homme d'en faire aux autres. Peut-être direz-vous que je suis un ingrat; si cela est, au moins ce n'est pas d'une façon ordinaire; et, connoissant la délicatesse de votre goût, je crois vous plaire mieux par une ingratitude recherchée, que par une reconnoissance trop commune. Si par malheur ce procédé ne vous plaisoit pas, justifiez-moi vous-même; et, par ce que vous avez fait pour moi, croyez que je sens tout ce que je dois sentir pour vous. Quelque succès que puissent avoir vos soins, je vous serai toujours infiniment obligé; car les bonnes intentions de ceux qui veulent me rendre service ont toujours quelque chose de fort doux et de fort agréable pour moi, quand même elles ne réussiroient pas. Je suis, etc.

Lettre de Fontenelle au maréchal de Belle-Isle, prisonnier en Angleterre.

Vous ne seriez pas fâché d'être pris, si vous saviez combien vous êtes plaint. Il y a sans mentir moins de plaisir d'être à Paris, que d'y être regretté comme vous êtes, et si vous ne pouvez pas demeurer à cette heure d'accord de cela, je vous le ferai comprendre ici quelque jour : alors vous avouerez que vous ne devez pas mettre entre vos malheurs un accident qui vous a fait recevoir tant de marques d'affection de tout ce qu'il y a de respectables personnes en France. Dans ce sentiment général de tout le monde, seroit-il à propos que je vous dise les miens? et quelle apparence y a-t-il que vous dussiez me considérer parmi des princes, des ministres d'Etat. et des dames d'un mérite extraordinaire? Toute la grace que je vous demande, c'est que quand vous aurez songé assez long-temps à toutes ces personnes, vous vouliez bien croire qu'il n'y a qui que ce soit au monde qui prenne plus de part à toutes vos bonnes et mauvaises fortunes que moi, ni qui soit avec plus d'estime, etc.

Lettre de Racine à son fils.

Il me paroît, par votre lettre, que vous portez un peu d'envie à Mlle de C*, de ce qu'elle a lu plus de comédies et de romans que vous; je vous dirai avec la sincérité avec laquelle je suis obligé de vous parler, que j'ai un extrême chagrin que vous fassiez tant de cas de toutes ces niaiseries, qui ne doivent servir, tout au plus, qu'à délasser quelquefois l'esprit. Vous êtes engagé dans des études très-sérieuses, qui doivent attirer votre principale attention; et, pendant que vous y êtes engagé, et que nous payons des maîtres pour vous instruire, vous devez éviter tout ce qui peut dissiper votre esprit, et vous en détourner. Non seulement votre intérêt vous y oblige, mais vous devez même avoir assez d'égard pour moi, pour vous conformer un peu à mes sentimens, pendant que vous êtes dans un âge où vous devriez vous laisser conduire. Je ne dis pas que vous ne lisiez quelquefois des choses qui puissent vous divertir l'esprit; vous voyez que je vous ai mis entre les mains assez de livres françois capables de vous amuser : mais je serois inconsolable, si ces sortes de livres vous inspiroient du dégoût pour des lectures plus utiles. Croyez-moi, quand vous saurez parler de comédies et de romans, vous n'en serez

guères plus avancé pour le monde; et ce ne sera point par cet endroit-là que vous serez le plus estimé. Je remets à vous en parler plus au long, quand je vous reverrai; et vous me ferez plaisir de vous expliquer à cœur ouvert là-dessus. Vous jugez bien que je ne cherche pas à vous chagriner, et que je n'ai d'autre dessein que de contribuer à vous rendre l'esprit solide, et à vous mettre en état de ne me point faire déshonneur, quand vous viendrez à paroître dans le monde. Ne regardez donc point ce que je vous dis comme une réprimande, mais comme les avis d'un père qui vous aime tendrement, et qui ne songe qu'à vous donner des marques de son amitié. Ecrivez-moi le plus souvent que vous pourrez, etc.

Lettre de Mad. de Sévigné à sa fille.

Ma douleur seroit bien médiocre, si je pouvois vous la dépeindre; je ne l'entreprendrai pas aussi. J'ai beau chercher ma fille, je ne la trouve plus, et tous les pas qu'elle fait l'éloignent de moi.

Je m'en allois donc à S... M... toujours pleurant, toujours mourant; il me sembloit qu'on m'arrachoit le cœur et l'âme; et, en effet, quelle rude séparation! Je demandai

la liberté d'être seule; on me mena dans une chambre où l'on me fit du feu; Agnès me gardoit, sans me parler; c'étoit notre marché. J'y passai jusqu'à cinq heures sans cesser de sanglotter. J'allai ensuite chez Mad. de la Fayette, qui redoubla mes douleurs par l'intérêt qu'elle y prit. Elle étoit seule, et triste de la mort d'une de ses sœurs; elle étoit comme je la pouvois désirer. M. de la Rochefoucault y vint; on ne parla que de vous, et de la raison que j'avois d'être touchée. Je revins ensuite de chez Mad. de la Fayette; mais en entrant ici; bon Dieu! Comprenez-vous bien ce que je sentis en montant ce degré? Cette chambre, où j'entrois toujours; hélas! j'en trouvai les portes ouvertes; mais je vis tout démeublé, tout dérangé, et votre petite fille qui me représentoit la mienne. Comprenez-vous bien tout ce que je souffris? Les réveils de la nuit ont été noirs. Le soir je reçus votre lettre, qui me remit dans les premiers transports, etc.

Lettre de Mad. de Sévigné à sa fille.

Si M. le chevalier lisoit vos lettres, il n'iroit pas chercher, pour se divertir, celles qui viennent de si loin. J'admire la gaîté de votre style, au milieu de tant d'affaires épineuses et accablantes; vraiment, c'est

bien vous, ma chère enfant, qu'il faut admirer, et non pas moi: je ne tiens aucune place, ni aucun rang sur la terre, que dans votre cœur, que j'estime plus que tout le reste, et dans celui de mes amis. Ce que je fais est la chose du monde la plus aisée; mais vous, dans le rang que vous tenez, dans la plus passante province de France, joindre l'économie à la magnificence, c'est ce que je ne comprends pas, avec la dépense de votre fils qui augmente tous les jours.

J'ai écrit au marquis, je le prie de lire dans cette triste garnison, où il n'a rien à faire; je lui dis que, puisqu'il aime la guerre, c'est quelque chose de monstrueux de n'avoir point envie de voir les livres qui en parlent, et de connoître les gens qui ont excellé dans cet art; je le gronde, je le tourmente, et j'espère que nous le ferons changer. Je suis un peu fâchée qu'il aime à jouer; je lui fais entrevoir que c'est une ruine; s'il joue peu, il perdra peu; mais c'est comme une petite pluie qui mouille; s'il joue souvent, il sera trompé, il faudra payer; et s'il n'a point d'argent, ou il manquera de parole, ou il prendra sur son nécessaire. On est malheureux aussi parce qu'on est ignorant; car, même sans être trompé, il arrive qu'on perd toujours. Le marquis seroit donc bien heureux d'aimer

à lire comme Pauline, qui est ravie de savoir et de connoître. La jolie et l'heureuse disposition! On est au-dessus de l'ennui et de l'oisiveté, deux vilaines bêtes. Les romans sont bientôt lus; je voudrois que Pauline eût quelque ordre dans le choix des histoires, c'est-à-dire qu'elle commençât par un bout, et qu'elle finît par l'autre, pour qu'elle fût en état de prendre une teinture légère, mais générale, de toutes choses. Ne lui dites-vous rien de la géographie! Nous reprendrons cette conversation une autre fois, etc.

Lettre de Mad. de Maintenon à son frère.

On n'est malheureux que par sa faute; ce sera toujours mon texte, et ma réponse à vos lamentations. Songez, mon cher frère, au voyage d'Amérique, aux malheurs de notre père et à ceux de notre jeunesse, et vous bénirez la Providence, au lieu de murmurer contre la fortune. Il y a dix ans que nous étions bien éloignés l'un et l'autre du point où nous sommes aujourd'hui; et nos espérances étoient si peu de chose, que nous bornions nos vœux à trois mille livres de rente. Nous en avons à présent quatre fois plus, et nos souhaits ne sont pas encore remplis. Nous jouissions de cette heureuse médiocrité que vous vantiez si

fort ; soyons contens. Si les biens nous viennent, recevons-les de la main de Dieu ; mais n'ayons pas des vues trop vastes. Nous avons le nécessaire et le commode ; tout le reste est cupidité, tous ces désirs de grandeur partent du vide d'un cœur inquiet. Toutes vos dettes sont payées : vous pouvez vivre délicieusement sans en faire de nouvelles. Que désirez-vous de plus ! Faut-il que des projets de richesse et d'ambition vous coûtent la perte de votre repos et de votre santé ! Lisez la vie de saint Louis, vous verrez combien les grandeurs de ce monde sont au-dessous du cœur de l'homme ; il n'y a que Dieu qui puisse le rassasier. Je vous le répète, vous n'êtes malheureux que par votre faute. Vos inquiétudes détruisent votre santé, que vous devriez conserver, quand ce ne seroit que parce que je vous aime. Travaillez sur votre humeur ? si vous la rendez moins bilieuse et moins sombre, ce sera un grand point de gagné. Ce n'est point l'ouvrage des réflexions seules ; il y faut de l'exercice, de la dissipation, et une vie réglée. Vous ne penserez pas bien, tant que vous vous porterez mal ; lorsque le corps est dans l'abattement, l'âme est sans vigueur. Adieu : écrivez-moi plus souvent, et sur un ton moins lugubre.

EXTRACTOS EM VERSO.

Imprécations de Camille.

Rome, l'unique objet de mon ressentiment!
Rome à qui vient ton bras d'immoler mon amant!
Rome qui t'a vu naître, et que ton cœur adore!
Rome enfin que je hais, parce qu'elle t'honore!
'uissent tous ses voisins, ensemble conjurés,
aper ses fondemens encor mal assurés!
Et, si ce n'est assez de toute l'Italie,
)ue l'Orient contre elle à l'Occident s'allie;
)ue cent peuples, unis des bouts de l'univers,
assent, pour la détruire, et les monts et les mers;
)u'elle-même sur soi renverse ses murailles,
t de ses propres mains déchire ses entrailles:
ue le courroux du ciel, allumé par mes vœux,
asse pleuvoir sur elle un déluge de feux!
uissé-je de mes yeux y voir tomber la foudre,
'oir ses maisons en cendre, et tes lauriers en poudre,
'oir le dernier Romain à son dernier soupir,
Ioi seule en être cause, et mourir de plaisir!

Corneille.

Trouble et agitation d'Auguste, sans cesse en butte aux conspirations.

Ciel! à qui voulez-vous désormais que je fie
.es secrets de mon âme et le soin de ma vie?

Reprenez le pouvoir que vous m'avez commis,
Si, donnant des sujets, il ôte les amis;
Si tel est le destin des grandeurs souveraines,
Que leurs plus grands bienfaits n'attirent que des haines;
Et si votre rigueur les condamne à chérir
Ceux que vous animez à les faire périr,
Pour elles rien n'est sûr; qui peut tout, doit tout craindre.
Rentre en toi-même, Octave, et cesse de te plaindre.
Quoi! tu veux qu'on t'épargne, et n'as rien épargné!
Songe aux fleuves de sang où ton bras s'est baigné;
De combien ont rougi les champs de Macédoine;
Combien en a versé la défaite d'Antoine,
Combien celle de Sexte, et revois tout d'un temps
Pérouse au sien noyée et tous ses habitans.
Remets dans ton esprit, après tant de carnages,
De tes proscriptions les sanglantes images,
Où toi-même, des tiens devenu le bourreau,
Au sein de ton tuteur enfonças le couteau;
Et puis ose accuser le destin d'injustice,
Quand tu vois que les tiens s'arment pour ton supplice,
Et que, par ton exemple à ta perte guidés,
Ils violent les droits que tu n'as pas gardés!
Leur trahison est juste, et le ciel l'autorise.
Quitte la dignité comme tu l'as acquise;
Rends un sang infidèle à l'infidélité,
Et souffre des ingrats après l'avoir été.
Mais que mon jugement au besoin m'abandonne,
Quelle fureur, Cinna, m'accuse et te pardonne;
Toi, dont la trahison me force à retenir
Ce pouvoir souverain dont tu me veux punir,
Me traite en criminel, et fait seule mon crime,
Relève, pour l'abattre, un trône illégitime,

Et, d'un zèle effronté couvrant son attentat,
S'oppose, pour me perdre, au bonheur de l'Etat!
Donc jusqu'à l'oublier je pourrois me contraindre!
Tu vivrois en repos après m'avoir fait craindre!
Non, non, je me trahis moi-même d'y penser:
Qui pardonne aisément, invite à l'offenser.
Punissons l'assassin, proscrivons les complices.
Mais quoi! toujours du sang, et toujours des supplices.
Ma cruauté se lasse, et ne peut s'arrêter:
Je veux me faire craindre, et ne fais qu'irriter.
Rome a pour ma ruine une hydre trop fertile,
Une tête coupée en fait renaître mille;
Et le sang répandu de mille conjurés
Rend mes jours plus maudits et non plus assurés.
Octave, n'attends plus les coups d'un nouveau Brute;
Meurs, et dérobe-lui la gloire de ta chute;
Meurs: tu ferois pour vivre un lâche et vain effort,
Si tant de gens de cœur font des vœux pour ta mort,
Et si tout ce que Rome a d'illustre jeunesse
Pour te faire périr tour à tour s'intéresse;
Meurs, puisque c'est un mal que tu ne peux guérir;
Meurs enfin, puisqu'il faut ou tout perdre ou mourir.
La vie est peu de chose, et le peu qui t'en reste
Ne vaut pas l'acheter par un prix si funeste.
Meurs; mais quitte du moins la vie avec éclat,
Eteins-en le flambeau dans le sang de l'ingrat;
A toi-même, en mourant, immole ce perfide:
Contenant ses désirs, punis son paricide;
Fais un tourment pour lui de ton propre trépas,
En faisant qu'il le voie, et n'en jouisse pas.
Mais jouissons plutôt nous-mêmes de sa peine;
Et si Rome nous hait, triomphons de sa haine.

O Romains ! ô vengeance ! ô pouvoir absolu !
O rigoureux combat d'un cœur irrésolu,
Qui fuit en même temps tout ce qu'il se propose,
D'un prince malheureux ordonnez quelque chose.
Qui des deux dois-je suivre, et duquel m'éloigner ?
Ou laissez-moi périr, ou laissez-moi régner.

Corneille.

Mort d'Hippolyte.

A PEINE nous sortions des portes de Trézène;
Il étoit sur son char : ses gardes affligés
Imitoient son silence, autour de lui rangés.
Il suivoit tout pensif le chemin de Mycènes;
Sa main sur les chevaux laissoit flotter les rênes.
Ses superbes coursiers, qu'on voyoit autrefois,
Pleins d'une ardeur si noble, obéir à sa voix,
L'œil morne maintenant, et la tête baissée,
Sembloient se conformer à sa triste pensée.
Un effroyable cri, sorti du sein des flots,
Des airs, en ce moment, a troublé le repos,
Et du sein de la terre une voix formidable
Répond, en gémissant, à ce cri redoutable.
Jusqu'au fond de nos cœurs notre sang s'est glacé;
Des coursiers attentifs le crin s'est hérissé.
Cependant, sur le dos de la plaine liquide,
S'élève à gros bouillons une montagne humide.
L'onde approche, se brise, et vomit à nos yeux,
Parmi des flots d'écume, un monstre furieux.
Son front large est armé de cornes menaçantes;
Tout son corps est couvert d'écailles jaunissantes.

Indomptable taureau, dragon impétueux,
Sa croupe se recourbe en replis tortueux;
Ses longs mugissemens font trembler le rivage,
Le ciel avec horreur voit ce monstre sauvage.
La terre s'en émeut, l'air en est infecté;
Le flot qui l'apporta recule épouvanté.
Tout fuit, et, sans s'armer d'un courage inutile,
Dans le temple voisin chacun cherche un asile.
Hippolyte lui seul, digne fils d'un héros,
Arrête ses coursiers, saisit ses javelots,
Pousse au monstre; et, d'un dard lancé d'une main sûre,
Il lui fait dans le flanc une large blessure.
De rage et de douleur le monstre bondissant
Vient aux pieds des chevaux tomber en mugissant,
Se roule, et leur présente une gueule enflammée
Qui les couvre de feu, de sang et de fumée.
La frayeur les emporte; et, sourds à cette fois,
Ils ne connoissent plus ni le frein ni la voix.
En efforts impuissans leur maître se consume;
Ils rougissent le mors d'une sanglante écume.
On dit qu'on a vu même, en ce désordre affreux,
Un Dieu qui d'aiguillons pressoit leurs flancs poudreux.
A travers les rochers la peur les précipite.
L'essieu crie et se rompt. L'intrépide Hippolyte
Voit voler en éclats tout son char fracassé;
Dans les rênes lui-même il tombe embarrassé.
Excusez ma douleur. Cette image cruelle
Sera pour moi de pleurs une source éternelle.
J'ai vu, seigneur, j'ai vu votre malheureux fils
Traîné par les chevaux que sa main a nourris.
Il veut les rappeler, et sa voix les effraie.
Ils courent. Tout son corps n'est bientôt qu'une plaie.

De nos cris douloureux la plaine retentit.
Leur fougue impétueuse enfin se ralentit.
Ils s'arrêtent non loin de ces tombeaux antiques
Où des rois ses aïeux sont les froides reliques.
Je cours en soupirant, et sa garde me suit;
De son généreux sang la trace nous conduit;
Les rochers en sont teints; les ronces dégouttantes
Portent de ses cheveux les depouilles sanglantes.
J'arrive, je l'appelle, et, me tendant la main,
Il ouvre un œil mourant qu'il referme soudain.
«Le ciel, dit-il, m'arrache une innocente vie.
Prends soin, après ma mort, de la triste Aricie....
Cher ami, si mon père, un jour désabusé,
Plaint le malheur d'un fils faussement accusé,
Pour apaiser mon sang et mon ombre plaintive,
Dis-lui qu'avec douceur il traite sa captive,
Qu'il lui rende....» A ce mot ce héros expiré
N'a laissé dans mes bras qu'un corps défiguré;
Triste objet où des dieux triomphe la colère,
Et que méconnoîtroit l'œil même de son père.

Racine.

L'Horreur des Guerres civiles.

D'Ailly portoit partout la crainte et le trépas,
D'Ailly tout orgueilleux de trente ans de combats,
Et qui, dans les horreurs de la guerre cruelle,
Reprend, malgré son âge, une force nouvelle
Un seul guerrier s'oppose à ses coups menaçans
C'est un jeune héros à la fleur de ses ans,
Qui, dans cette journée illustre et meurtrière,
Commençoit des combats la fatale carrière;

D'un tendre hymen à peine il goûtoit les appas;
Favori des Amours, il sortoit de leurs bras.
Honteux de n'être encor fameux que par ses charmes,
Avide de la gloire, il voloit aux alarmes.
Ce jour sa jeune épouse, en accusant le ciel,
En détestant la Ligue et ce combat mortel,
Arma son tendre amant, et d'une main tremblante
Attacha tristement sa cuirasse pesante,
Et couvrit, en pleurant, d'un casque précieux
Ce front si plein de grâce, et si cher à ses yeux.
Il marche vers d'Ailly, dans sa fureur guerrière;
Parmi des tourbillons de flammes, de poussière,
A travers les blessés, les morts et les mourans,
De leurs coursiers fougueux tous deux pressent les flancs;
Tous deux sur l'herbe unie et de sang colorée,
S'élancent loin des rangs, d'une course assurée:
Sanglans, couverts de fer, et la lance à la main,
D'un choc épouvantable ils se frappent soudain.
La terre en retentit, leurs lances sont rompues:
Comme en un ciel brûlant, deux effroyables nues
Qui, portant le tonnerre et la mort dans leurs flancs,
Se heurtent dans les airs, et volent sur les vents:
De leur mélange affreux les éclairs rejaillissent:
La foudre en est formée, et les mortels frémissent.
Mais loin de leurs coursiers, par un subit effort,
Ces guerriers malheureux cherchent une autre mort.
Déjà brille en leurs mains le fatal cimeterre.
La Discorde accourut; le Démon de la guerre,
La Mort pâle et sanglante, étoient à ses côtés.
Malheureux! suspendez vos coups précipités.
Mais un destin funeste enflamme leur courage;
Dans le cœur l'un de l'autre ils cherchent un passage,

Dans ce cœur ennemi qu'ils ne connoissent pas.
Le fer qui les couvroit brille et vole en éclats;
Sous les coups redoublés leur cuirasse étincelle;
Leur sang qui rejaillit rougit leur main cruelle;
Leur bouclier, leur casque, arrêtant leur effort,
Pare encor quelques coups, et repousse la mort.
Chacun d'eux étonné de tant de résistance,
Respectoit son rival, admiroit sa vaillance.
Enfin le vieux d'Ailly, par un coup malheureux,
Fit tomber à ses pieds ce guerrier généreux.
Ses yeux sont pour jamais fermés à la lumière,
Son casque auprès de lui roule sur la poussière.
D'Ailly voit son visage; ô désespoir! ô cris!
Il le voit, il l'embrasse: hélas! c'étoit son fils.
Le père infortuné, les yeux baignés de larmes,
Tournoit contre son sein ses parricides armes.
On l'arrête, on s'oppose à sa juste fureur;
Il s'arrache, en tremblant, de ce lieu plein d'horreur;
Il déteste à jamais sa coupable victoire;
Il renonce à la cour, aux humains, à la gloire,
Et, se fuyant lui-même, au milieu des déserts
Il va cacher sa peine au bout de l'univers.
Là, soit que le soleil rendît le jour au monde,
Soit qu'il finît sa course au vaste sein de l'onde,
Sa voix faisoit redire aux échos attendris
Le nom, le triste nom de son malheureux fils.
Du héros expirant la jeune et tendre amante,
Par la terreur conduite, incertaine, tremblante,
Vient d'un pied chancelant sur ces funestes bords,
Elle cherche, elle voit dans la foule des morts,
Elle voit son époux; elle tombe éperdue;
Le voile de la mort se répand sur sa vue.

« Est-ce toi, cher amant ? » Ces mots interrompus,
Ces cris demi-formés ne sont point entendus.
Elle rouvre les yeux, sa bouche presse encore
Par ses derniers baisers la bouche qu'elle adore :
Elle tient dans ses bras ce corps pâle et sanglant;
Le regarde, soupire, et meurt en l'embrassant.
Père, époux malheureux, famille déplorable,
Des fureurs de ces temps exemple lamentable,
Puisse de ce combat le souvenir affreux
Exalter la pitié de nos derniers neveux,
Arracher à leurs yeux des larmes salutaires,
Et qu'ils n'imitent point les crimes de leurs pères !

Voltaire.

Mort de Coligny.

Cependant tout s'apprête, et l'heure est arrivée
Qu'au fatal dénoûment la reine a réservée.
Le signal est donné sans tumulte et sans bruit :
C'étoit à la faveur des ombres de la nuit.
De ce mois malheureux l'inégale courrière
Sembloit cacher d'effroi sa tremblante lumière;
Coligny languissoit dans les bras du repos,
Et le sommeil trompeur lui versoit ses pavots.
Soudain de mille cris le bruit épouvantable
Vient arracher ses sens à ce calme agréable.
Il se lève, il regarde; il voit de tous côtés
Courir des assassins à pas précipités;
Il voit briller partout les flambeaux et les armes;
Son palais embrasé, tout un peuple en alarmes;
Ses serviteurs sanglans, dans la flamme étouffés;
Les meurtriers en foule au carnage échauffés;

Criant à haute voix : « Qu'on n'épargne personne ;
C'est Dieu, c'est Médicis, c'est le roi qui l'ordonne ! »
Il entend retentir le nom de Coligny :
Il aperçoit de loin le jeune Téligny,
Téligny dont l'amour a mérité sa fille,
L'espoir de son parti, l'honneur de sa famille,
Qui, sanglant, déchiré, traîné par des soldats,
Lui demandoit vengeance, et lui tendoit les bras.
Le héros malheureux, sans armes, sans défense,
Voyant qu'il faut périr, et périr sans vengeance,
Voulut mourir du moins comme il avoit vécu,
Avec toute sa gloire et toute sa vertu.
Déjà des assassins la nombreuse cohorte,
Du salon qui l'enferme alloit briser la porte ;
Il leur ouvre lui-même, et se montre à leurs yeux,
Avec cet œil serein, ce front majestueux,
Tel que, dans les combats, maître de son courage,
Tranquille, il arrêtoit ou pressoit le carnage.
A cet air vénérable, à cet auguste aspect,
Les meurtriers surpris sont saisis de respect ;
Une force inconnue a suspendu leur rage.
« Compagnons, leur dit-il, achevez votre ouvrage,
Et de mon sang glacé souillez ces cheveux blancs,
Que le sort des combats respecta quarante ans.
Frappez, ne craignez rien : Coligny vous pardonne ;
Ma vie est peu de chose, et je vous l'abandonne ;
J'eusse aimé mieux la perdre en combattant pour vous. »
Ces tigres, à ces mots, tombent à ses genoux :
L'un, saisi d'épouvante, abandonne ses armes ;
L'autre embrasse ses pieds qu'il trempe de ses larmes :
Et de ses assassins ce grand homme entouré
Sembloit un roi puissant par son peuple adoré.

Besme, qui dans la cour attendoit sa victime,
Monte, accourt, indigné qu'on diffère son crime;
Des assassins trop lents il veut hâter les coups:
Aux pieds de ce héros il les voit trembler tous.
A cet objet touchant lui seul est inflexible,
Lui seul, à la pitié toujours inaccessible,
Auroit cru faire un crime, et trahir Médicis,
Si du moindre remords il se sentoit surpris.
A travers les soldats, il court d'un pas rapide;
Coligny l'attendoit d'un visage intrépide:
Et bientôt dans le flanc ce monstre furieux
Lui plonge son épée en détournant les yeux,
De peur que d'un coup d'œil cet auguste visage
Ne fît trembler son bras, et glaçât son courage.
Du plus grand des Français tel fut le triste sort:
On l'insulte, on l'outrage encore après sa mort.
Son corps percé de coups, privé de sépulture,
Des oiseaux dévorans fut l'indigne pâture;
Et l'on porta sa tête aux pieds de Médicis:
Conquête digne d'elle et digne de son fils!
Médicis la reçut avec indifférence,
Sans paroître jouir du fruit de sa vengeance,
Sans remords, sans plaisir, maîtresse de ses sens,
Et comme accoutumée à de pareils présens.

Voltaire.

Existence de Dieu.

Consulte Zoroastre, et Minos, et Solon,
Et le sage Socrate, et le grand Cicéron;
Ils ont adoré tous un maître, un juge, un père:
Ce système sublime à l'homme est nécessaire,

C'est le sacré lien de la société,
Le premier fondement de la sainte équité,
Le frein du scélérat, l'espérance du juste.
Si les cieux, dépouillés de leur empreinte auguste,
Pouvoient cesser jamais de la manifester;
Si Dieu n'existoit pas, il faudroit l'inventer.
Que les sages l'annoncent, et que les grands le craignent.
Rois, si vous m'opprimez, si vos grandeurs dédaignent
Les pleurs de l'innocent que vous faites couler,
Mon vengeur est au ciel: apprenez à trembler.

Voltaire.

Le même sujet.

Les cieux instruisent la terre
A révérer leur Auteur:
Tout ce que leur globe enserre
Célèbre un Dieu créateur.
O quel sublime cantique,
Que ce concert magnifique
De tous les célestes corps!
Quelle grandeur infinie,
Quelle divine harmonie
Résulte de leurs accords!
De sa puissance immortelle
Tout parle, tout nous instruit.
Le jour au jour la révèle
La nuit l'annonce à la nuit.
Ce grand et superbe ouvrage
N'est point pour l'homme un langage
Obscur et mystérieux.
Son adorable structure

Est la voix de la nature
Qui se fait entendre aux yeux.
Dans une éclatante voûte
Il a placé de ses mains
Ce soleil qui, dans sa route,
Éclaire tous les humains.
Environné de lumière,
Cet astre ouvre sa carrière
Comme un époux glorieux,
Qui, dès l'aube matinale,
De sa couche nuptiale
Sort brillant et radieux.
L'univers, à sa présence,
Semble sortir du néant.
Il prend sa course, il s'avance
Comme un superbe géant.
Bientôt sa marche féconde
Embrasse le tour du monde
Dans le cercle qu'il décrit;
Et, par sa chaleur puissante,
La nature languissante,
Se ranime et se nourrit.
O que tes œuvres sont belles,
Grand Dieu! quels sont tes bienfaits!
Que ceux qui te sont fidèles
Sous ton joug trouvent d'attraits!
Ta crainte inspire la joie;
Elle assure notre voie,
Elle nous rend triomphans;
Elle éclaire la jeunesse,
Et fait briller la sagesse
Dans les plus foibles enfans.

J. B. Rousseau.

Rois et Sujets.

Le premier qui du sceptre exerça la puissance
N'avoit que ses enfans sous son obéissance.
Les enfans, à leur tour, dans ce chef révéré
Obéissoient à Dieu qui l'avoit consacré.
Dans ces nœuds que forma la Sagesse divine,
Du vrai gouvernement nous trouvons l'origine:
Sur l'intérêt commun ses titres sont fondés.
Vous que régit un maître, et vous qui commandez,
Conservez à jamais de si doux caractères.
Rois, voilà vos enfans! sujets, voilà vos pères!
Ce sont là les pasteurs, ce sont les souverains
A qui le Roi des rois confia les humains.
Ils règnent comme lui par l'amour et la crainte;
Il les a couronnés de sa majesté sainte:
Ils tiennent de lui seul l'empire des mortels.
Images du Très-Haut, vengeurs de ses autels,
Il dépose en leurs mains sa balance et sa foudre,
Et le droit de juger, de punir et d'absoudre.
Mais dans ce rang divin dont ils sont revêtus,
Qu'ils trouvent de devoirs, et qu'il faut de vertus!
Un monarque pieux n'en sera que plus juste:
Mieux qu'un autre il remplit son ministère auguste.
De la Religion la Justice est la sœur;
Dieu la donne en partage aux rois selon son cœur.
Assise en leurs conseils, qu'elle seule y décide;
Que le pauvre, la veuve et l'orphelin timide,
Sans terreur et sans honte approchent de ce lieu:
Le palais d'un roi juste est le temple de Dieu.
Sa bouche en est l'organe, et sa voix son oracle;
La vérité lui parle, et ne craint point d'obstacle:

Il l'écoute, il l'honore; et, par un seul regard,
Du mensonge perfide il déconcerte l'art.

Le Franc de Pompignan.

Prophétie de Joad.

Mais d'où vient que mon cœur frémit d'un saint effroi?
Est-ce l'Esprit divin qui s'empare de moi?
C'est lui-même. Il m'échauffe; il parle; mes yeux s'ouvrent,
Et les siècles obscurs devant moi se découvrent.
Lévites, de vos sons prêtez-moi les accords,
Et de ses mouvemens secondez les transports.
Cieux, écoutez ma voix; terre, prête l'oreille:
Ne dis plus, ô Jacob, que ton Seigneur sommeille.
Pécheurs, disparoissez, le Seigneur se réveille.
Comment en un plomb vil l'or pur s'est-il changé?
Quel est dans le lieu saint ce pontife égorgé?
Pleure, Jérusalem; pleure, cité perfide,
Des prophètes divins malheureuse homicide;
De son amour pour toi ton Dieu s'est dépouillé;
Ton encens, à ses yeux, est un encens souillé.
Où menez-vous ces enfans et ces femmes?
Le Seigneur a détruit la reine des cités.
Ses prêtres sont captifs, ses rois sont rejetés;
Dieu ne veut plus qu'on vienne à ses solennités.
Temple, renverse-toi! cèdres, jetez des flammes!
Jérusalem, objet de ma douleur,
Quelle main, en un jour, t'a ravi tous tes charmes?
Qui changera mes yeux en deux sources de larmes,
Pour pleurer ton malheur?
Quelle Jérusalem nouvelle
Sort du fond du désert brillante de clartés,

Et porte sur le front une marque immortelle?
Peuples de la terre, chantez!
Jérusalem renaît plus charmante et plus belle.
D'où lui viennent de tous côtés
Ces enfans qu'en son sein elle n'a point portés?
Lève, Jérusalem, lève ta tête altière;
Regarde tous ces rois de ta gloire étonnés!
Les rois des nations, devant toi prosternés,
De tes pieds baisent la poussière.
Les peuples à l'envi marchent à ta lumière.
Heureux qui, pour Sion, d'une sainte ferveur
Sentira son âme embrasée!
Cieux, répandez votre rosée,
Et que la terre enfante son Sauveur!

Racine.

Chœur d'Athalie.

LE CHOEUR.

Tout l'univers est plein de sa magnificence:
Qu'on l'adore ce Dieu, qu'on l'invoque à jamais!
Son empire a du temps précédé la naissance.
Chantons, publions ses bienfaits.

UNE VOIX.

En vain l'injuste violence
Au peuple qui le loue imposeroit silence:
Son nom ne périra jamais.
Le jour annonce au jour sa gloire et sa puissance;
Tout l'univers est plein de sa magnificence.
Chantons, publions ses bienfaits.

LE CHOEUR.

Tout l'univers, etc.

UNE VOIX.

Il donne aux fleurs leur aimable peinture ;
Il fait naître et mûrir les fruits ;
Il leur dispense avec mesure
Et la chaleur des jours et la fraîcheur des nuits.
Le champ qui les reçut les rend avec usure.

UNE AUTRE.

Il commande au soleil d'animer la nature,
Et la lumière est un don de ses mains.
Mais sa loi sainte, sa loi pure
Est le plus riche don qu'il ait fait aux humains.

UNE AUTRE.

O mont de Sinaï, conserve la mémoire
De ce jour à jamais auguste et renommé,
Quand, sur ton sommet enflammé,
Dans un nuage épais le Seigneur enfermé
Fit luire aux yeux mortels un rayon de sa gloire.
Dis-nous pourquoi ces feux et ces éclairs,
Ces torrens de fumée, et ce bruit dans les airs,
Ces trompettes et ce tonnerre ?
Venoit-il renverser l'ordre des élémens?
Sur ses antiques fondemens
Venoit-il ébranler la terre?

UNE AUTRE.

Il venoit révéler aux enfans des Hébreux
De ses préceptes saints la lumière immortelle.
Il venoit à ce peuple heureux
Ordonner de l'aimer d'une amour éternelle.

LE CHOEUR.

O divine, ô charmante loi !
O justice ! ô bonté suprême !

Que de raisons, quelle douceur extrême,
D'engager à ce Dieu son amour et sa foi!

Racine

Chœur d'Esther.

ÉLISE.

Je n'admirai jamais la gloire de l'impie.

UNE AUTRE ISRAÉLITE.

Au bonheur du méchant qu'un autre porte envie.

ÉLISE.

Tous ses jours paroissent charmans;
L'or éclate en ses vêtemens;
Son orgueil est sans borne ainsi que sa richesse.
Jamais l'air n'est troublé de ses gémissemens;
Il s'endort, il s'éveille au son des instrumens;
Son cœur nage dans la mollesse.

UNE AUTRE ISRAÉLITE.

Pour comble de prospérité,
Il espère revivre en sa postérité,
Et d'enfans à sa table une riante troupe
Semble boire avec lui la joie à pleine coupe.

LE CHOEUR.

Heureux, dit-on, le peuple florissant
Sur qui ces biens coulent en abondance!
Plus heureux le peuple innocent
Qui dans le Dieu du ciel a mis sa confiance!

UNE ISRAÉLITE, *seule.*

Le bonheur de l'impie est toujours agité;
Il erre à la merci de sa propre inconstance.
Ne cherchons la félicité
Que dans la paix de l'innocence.

UNE AUTRE.

Nulle paix pour l'impie. Il la cherche, elle fuit;
Et le calme en son cœur ne trouve point de place :
Le glaive au-dehors le poursuit,
Le remords au-dedans le glace.

UNE AUTRE.

La gloire des méchans en un moment s'éteint;
L'affreux tombeau pour jamais les dévore.
Il n'en est pas ainsi de celui qui te craint;
Il renaîtra, mon Dieu, plus brillant que l'aurore.

LE CHOEUR.

O douce paix!
Heureux qui ne te perd jamais!

UNE AUTRE.

J'ai vu l'impie adoré sur la terre :
Pareil au cèdre, il cachoit dans les cieux
Son front audacieux;
Il sembloit à son gré gouverner le tonnerre,
Fouloit aux pieds ses ennemis vaincus;
Je n'ai fait que passer, il n'étoit déjà plus.

Racine.

Aveuglement des Hommes.

Qu'aux accens de ma voix la terre se réveille :
Rois, soyez attentifs; peuples, prêtez l'oreille :
Que l'univers se taise, et m'écoute parler!
Mes chants vont seconder les accords de ma lyre :
L'Esprit-Saint me pénètre; il m'échauffe, il m'inspire
Les grandes vérités que je vais révéler.

L'homme en sa propre force a mis sa confiance.
Ivre de ses grandeurs et de son opulence,
L'éclat de sa fortune enfle sa vanité;
Mais, ô moment terrible, ô jour épouvantable,
Où la mort saisira ce fortuné coupable,
Tout chargé des liens de son iniquité!

Que deviendront alors, répondez, grands du mond(e)
Que deviendront ces biens où votre espoir se fonde,
Et dont vous étalez l'orgueilleuse moisson?
Sujets, amis, parens, tout deviendra stérile;
Et, dans ce jour fatal, l'homme à l'homme inutile
Ne paîra point à Dieu le prix de sa rançon.

Vous avez vu tomber les plus illustres têtes;
Et vous pourriez encore, insensés que vous êtes,
Ignorer le tribut que l'on doit à la mort?
Non, non: tout doit franchir ce terrible passage;
Le riche et l'indigent, l'imprudent et le sage,
Sujets à même loi, subissent même sort.

D'avides étrangers, transportés d'alégresse,
Engloutissent déjà toute cette richesse,
Ces terres, ces palais, de vos noms ennoblis.
Et que vous reste-t-il en ces momens suprêmes?
Un sépulcre funèbre, où vos noms, où vous-mêmes
Dans l'éternelle nuit serez ensevelis.

Les hommes éblouis de leurs honneurs frivoles,
Et de leurs vains flatteurs écoutant les paroles,
Ont de ces vérités perdu le souvenir:
Pareils aux animaux farouches et stupides,
Les lois de leur instinct sont leurs uniques guides,
Et pour eux le présent paroît sans avenir.

Un précipice affreux devant eux se présente;

Mais toujours leur raison, soumise et complaisante,
Au-devant de leurs yeux met un voile imposteur.
Sous leurs pas cependant s'ouvrent les noirs abîmes
Où la cruelle mort, les prenant pour victimes,
Frappe ces vils troupeaux dont elle est le pasteur.

Là s'anéantiront ces titres magnifiques,
Ce pouvoir usurpé, ces ressorts politiques,
Dont le juste autrefois sentit le poids fatal:
Ce qui fit leur bonheur deviendra leur torture;
Et Dieu, de sa justice apaisant le murmure,
Livrera ces méchans au pouvoir infernal.

Justes, ne craignez point le vain pouvoir des hommes;
Quelque élévés qu'ils soient, ils sont ce que nous sommes;
Si vous êtes mortels, ils le sont comme vous.
Nous avons beau vanter nos grandeurs passagères,
Il faut mêler sa cendre aux cendres de ses pères;
Et c'est le même Dieu qui nous jugera tous.

J. B. Rousseau.

Le véritable et le faux Honneur.

Sous le bon roi Saturne, ami de la douceur,
L'Honneur, cher Valincour, et l'Equité sa sœur,
De leurs sages conseils éclairant tout le monde,
Régnoient, chéris du ciel, dans une paix profonde.
Tout vivoit en commun sous ce couple adoré:
Aucun n'avoit d'enclos, ni de champ séparé;
La vertu n'étoit point sujette à l'ostracisme,
Ni ne s'appeloit point alors un jansénisme.
L'Honneur, beau par soi-même, et sans vains ornemens,
N'étaloit point aux yeux l'or ni les diamans;

Et, jamais ne sortant de ses devoirs austères,
Maintenoit de sa sœur les règles salutaires;
Mais une fois au ciel par les dieux appelé,
Il demeura long-temps au séjour étoilé.
  Un fourbe cependant, assez haut de corsage,
Et qui lui ressembloit de geste et de visage,
Prend son temps, et partout ce hardi suborneur
S'en va chez les humains crier qu'il est l'Honneur;
Qu'il arrive du ciel, et que, voulant lui-même
Seul porter désormais le faix du diadême,
De lui seul il prétend qu'on reçoive la loi.
A ces discours trompeurs le monde ajoute foi;
L'innocente Equité, honteusement bannie,
Trouve à peine un désert où fuir l'ignominie.
Aussitôt sur un trône éclatant de rubis
L'imposteur monte, orné de superbes habits.
La hauteur, le dédain, l'audace l'environnent,
Et le luxe et l'orgueil de leurs mains le couronnent.
Tout fier, il montre alors un front plus sourcilleux;
Et le *mien* et le *tien*, deux frères pointilleux,
Par son ordre amenant les procès et la guerre,
En tous lieux de ce pas vont partager la terre;
En tous lieux, sous les noms de bon droit et de tort,
Vont chez elle établir le seul droit du plus fort.
Le nouveau roi triomphe, et sur ce droit unique
Bâtit de vaines lois un code fantastique;
Avant tout aux mortels prescrit de se venger,
L'un l'autre au moindre affront les force à s'égorger;
Et dans leur âme, en vain de remords combattue,
Trace en lettres de sang ces deux mots: *Meurs* ou *tue.*
  Alors, ce fut alors, sous ce vrai Jupiter,
Qu'on vit naître ici-bas le noir siècle de fer:

Le frère au même instant s'arma contre le frère ;
Le fils trempa ses mains dans le sang de son père ;
La soif de commander enfanta les tyrans,
Du Tanaïs au Nil porta les conquérans :
L'ambition passa pour la vertu sublime,
Le crime heureux fut juste, et cessa d'être crime.
On ne vit plus que haine et que division,
Qu'envie, effroi, tumulte, horreur, confusion.
Le véritable Honneur sur la voûte céleste
Est enfin averti de ce trouble funeste.
Il part sans différer, et, descendu des cieux,
Va partout se montrer dans les terrestres lieux :
Mais il n'y fait plus voir qu'un visage incommode ;
On n'y peut plus souffrir ses vertus hors de mode ;
Et lui-même, traité de fourbe et d'imposteur,
Est contraint de ramper aux pieds du séducteur.
Enfin, las d'essuyer outrage sur outrage,
Il livre les humains à leur triste esclavage,
S'en va trouver sa sœur, et, dès ce même jour,
Avec elle s'envole au céleste séjour.

Boileau.

La Faveur.

Au sein des mers, dans une île enchantée,
Près du séjour de l'inconstant Protée,
Il est un temple élevé par l'Erreur,
Où la brillante et volage Faveur,
Semant au loin l'espoir et les mensonges,
D'un air distrait fait le sort des mortels.
Son foible trône est sur l'aile des Songes ;
Les Vents légers soutiennent ses autels.

Là, rarement la Raison, la Justice,
Ont amené les mortels vertueux;
L'Opinion, la Mode et le Caprice
Ouvrent le temple, et nomment les heureux.
En leur offrant la coupe délectable,
Sous le nectar cachant un noir poison,
La Déité daigne paroître aimable,
Et d'un sourire enivre leur raison;
Au même instant, l'agile Renommée
Grave leur nom sur son char lumineux.
Jouet constant d'une vaine fumée,
Le monde entier se réveille pour eux;
Mais sur la foi de l'onde pacifique,
A peine ils sont mollement endormis,
Déifiés par l'erreur léthargique
Qui leur fait voir, dans des songes amis,
Tout l'univers à leur gloire soumis;
Dans ce sommeil d'ivresse riante,
En un moment, la Faveur inconstante
Tournant ailleurs son essor incertain,
Dans des déserts, loin de l'île charmante,
Les aquilons les emportent soudain,
Et leur réveil n'offre plus à leur vue
Que les rochers d'une plage inconnue,
Qu'un monde obscur, sans printemps, sans beaux jours,
Et que des cieux éclipsés pour toujours.

Gresset.

La Calomnie.

Quel ravage affreux
N'excite pas ce monstre ténébreux,

A qui l'Envie, au regard homicide,
Met dans la main son flambeau parricide,
Mais dont le front est peint avec tout l'art
Que peut fournir le mensonge et le fard?
Le faux Soupçon, lui consacrant ses veilles,
Pour l'écouter ouvre ses cent oreilles;
Et l'Ignorance, avec des yeux distraits,
Sur son rapport prononce nos arrêts.
Voilà quels sont les infidèles juges
A qui la Fraude, heureuse en subterfuges,
Fait avaler son poison infernal;
Et tous les jours, devant leur tribunal,
Par les cheveux l'Innocence traînée,
Sans se défendre est d'abord condamnée.

J. B. Rousseau.

La Monarchie et l'Etat populaire.

Si l'amour du pays doit ici prévaloir,
C'est son bien seulement que vous devez vouloir;
Et cette liberté, qui lui semble si chère,
N'est pour Rome, seigneur, qu'un bien imaginaire,
Plus nuisible qu'utile, et qui n'approche pas
De celui qu'un bon prince apporte à ses États.
Avec ordre et raison les honneurs il dispense;
Avec discernement punit et récompense;
Et dispose de tout en juste possesseur,
Sans rien précipiter de peur d'un successeur.
Mais, quand le peuple est maître, on n'agit qu'en tumulte;
La voix de la raison jamais ne se consulte;
Les honneurs sont vendus aux plus ambitieux;
L'autorité livrée aux plus séditieux.

Ces petits souverains qu'il fait pour une année,
Voyant d'un temps si court leur puissance bornée,
Des plus heureux dessins font avorter le fruit,
De peur de le laisser à celui qui les suit.
Comme ils ont peu de part au bien dont ils ordonnent,
Dans le champ du public largement ils moissonnent,
Assurés que chacun leur pardonne aisément,
Espérant à son tour un pareil traitement:
Le pire des États, c'est l'État populaire.

Corneille.

La République et la Monarchie.

Ne vous flattez-vous pas d'un charme imaginaire?
Seigneur, ainsi qu'à vous, la liberté m'est chère:
Quoique né sous un roi, j'en goûte les appas;
Vous vous perdez pour elle, et n'en jouissez pas.
Est-il donc, entre nous, rien de plus despotique
Que l'esprit d'un Etat qui passe en république?
Vos lois sont des tyrans; leur barbare rigueur
Devient sourde au mérite, au sang, à la faveur :
Le sénat vous opprime, et le peuple vous brave;
Il faut s'en faire craindre, ou ramper leur esclave.
Le citoyen de Rome, insolent et jaloux,
Ou hait votre grandeur, ou marche égal à vous.
Trop d'éclat l'effarouche: il voit, d'un œil sévère,
Dans le bien qu'on lui fait, le mal qu'on lui peut faire,
Et d'un bannissement le décret odieux
Devient le prix du sang qu'on a versé pour eux.
Je sais bien que la cour, seigneur, a ses naufrages;
Mais ses jours sont plus beaux, son ciel a moins d'orages;

Souvent la liberté, dont on se vante ailleurs,
Étale auprès d'un roi ses dons les plus flatteurs.
Il récompense, il aime, il prévient les services;
La gloire auprès de lui ne fuit point les délices.
Aimé du souverain, de ses rayons couvert,
Vous ne servez qu'un maître, et le reste vous sert.
Ébloui d'un éclat qu'il respecte et qu'il aime,
Le vulgaire applaudit jusqu'à nos fautes même.
Nous ne redoutons rien d'un sénat trop jaloux,
Et les sévères lois se taisent devant nous.

Voltaire.

La véritable et la fausse Dévotion.

Et comme je ne vois nul genre de héros
Qui soit plus à priser que les parfaits dévots,
Aucune chose au monde et plus noble et plus belle
Que la sainte ferveur d'un véritable zèle;
Aussi je ne vois rien qui soit plus odieux
Que le dehors plâtré d'un zèle spécieux;
Que ces francs charlatans, que ces dévots de place,
De qui la sacrilége et trompeuse grimace
Abuse impunément et se joue à leur gré
De ce qu'ont les mortels de plus saint et sacré;
Des gens qui, par une âme à l'intérêt soumise,
Font de dévotion métier et marchandise,
Et veulent acheter crédit et dignités
A prix de faux clins d'yeux et d'élans affectés;
Ces gens, dis-je, qu'on voit d'une ardeur non commune
Par le chemin du ciel courir à la fortune;
Qui, brûlant et priant, demandent chaque jour,
Et prêchent la retraite au milieu de la cour;

Qui savent ajuster leur zèle avec leurs vices,
Sont prompts, vindicatifs, sans foi, pleins d'artifices;
Et pour perdre quelqu'un, couvrent insolemment
De l'intérêt du ciel leur fier ressentiment;
D'autant plus dangereux dans leur âpre colère,
Qu'ils prennent contre nous des armes qu'on révère,
Et que leur passion, dont on leur sait bon gré,
Veut nous assassiner avec un fer sacré.
De ce faux caractère on en voit trop paroître;
Mais les dévots de cœur sont aisés à connoître;
Ce titre par aucun ne leur est débattu;
Ce ne sont point du tout fanfarons de vertu;
On ne voit pas en eux ce faste insupportable,
Et leur dévotion est humaine et traitable.
Ils ne censurent point toutes nos actions;
Ils trouvent trop d'orgueil dans ces corrections,
Et laissent la fierté des paroles aux autres;
C'est par leurs actions qu'ils reprennent les nôtres;
L'apparence du mal a chez eux peu d'appui,
Et leur âme est portée à juger bien d'autrui.
Point de cabale en eux, point d'intrigues à suivre;
On les voit pour tous soins se mêler de bien vivre;
Jamais contre un pécheur ils n'ont d'acharnement;
Ils attachent leur haine au péché seulement,
Et ne veulent point prendre avec un zèle extrême
Les intérêts du ciel plus qu'il ne veut lui-même.

Molière.

Les différens Ages.

Le temps, qui change tout, change aussi nos humeurs.
Chaque âge a ses plaisirs, son esprit et ses mœurs.

Un jeune homme, toujours bouillant en ses caprices,
Est prompt à recevoir l'impression des vices;
Est vain dans ses discours, volage en ses désirs;
Rétif à la censure, et fou dans les plaisirs.
L'âge viril, plus mûr, inspire un air plus sage,
Se pousse auprès des grands, s'intrigue, se ménage,
Contre les coups du sort songe à se maintenir,
Et loin dans le présent regarde l'avenir.
La vieillesse chagrine incessamment amasse;
Garde, non pas pour soi, les trésors qu'elle entasse:
Marche en tous ses desseins d'un pas lent et glacé;
Toujours plaint le présent et vante le passé;
Inhabile aux plaisirs dont la jeunesse abuse,
Blâme en eux les douceurs que l'âge lui refuse.

Boileau.

Le Palais de l'Amour.

Sur les bords fortunés de l'antique Idalie,
Lieux où finit l'Europe et commence l'Asie,
S'élève un vieux palais respecté par les temps:
La Nature en posa les premiers fondemens,
Et l'art, ornant depuis sa simple architecture,
Par ses travaux hardis surpassa la nature.
Là, tous les champs voisins, peuplés de myrtes verts,
N'ont jamais ressenti l'outrage des hivers.
Partout on voit mûrir, partout on voit éclore
Et les fruits de Pomone, et les présens de Flore;
Et la terre n'attend, pour donner ses moissons,
Ni les vœux des humains, ni l'ordre des saisons.
L'homme y semble goûter dans une paix profonde,
Tout ce que la nature, aux premiers jours du monde,

De sa main bienfaisante accordoit aux humains,
Un éternel repos, des jours purs et sereins,
Les douceurs, les plaisirs que promet l'abondance,
Les biens du premier âge, hors la seule innocence.
On entend, pour tout bruit, des concerts enchanteurs,
Dont la molle harmonie inspire les langueurs,
Les voix de mille amans, les chants de leurs maîtresses,
Qui célèbrent leur honte et vantent leurs foiblesses.
Chaque jour on les voit, le front paré de fleurs,
De leur aimable maître implorer les faveurs,
Et, dans l'art dangereux de plaire et de séduire,
Dans son temple à l'envi s'empresser de s'instruire.
La flatteuse Espérance, au front toujours serein,
A l'autel de l'Amour les conduit par la main.
Près du temple sacré, les Grâces demi-nues,
Accordent à leurs voix leurs danses ingénues.
La molle volupté, sur un lit de gazons,
Satisfaite et tranquille, écoute leurs chansons.
On voit à ses côtés le Mystère en silence,
Le Sourire enchanteur, les Soins, la Complaisance,
Les Plaisirs amoureux, et les tendres Désirs,
Plus doux, plus séduisans encore que les Plaisirs.
De ce temple fameux telle est l'aimable entrée.
Mais lorsqu'en avançant sous la voûte sacrée,
On porte au sanctuaire un pas audacieux,
Quel spectacle funeste épouvante les yeux!
Ce n'est plus des plaisirs la troupe aimable et tendre,
Leurs concerts amoureux ne s'y font plus entendre:
Les Plaintes, les Dégoûts, l'Imprudence, la Peur,
Font de ce beau séjour un séjour plein d'horreur.
La sombre Jalousie, au teint pâle et livide,
Suit d'un pied chancelant le Soupçon qui la guide:

La Haine et le Courroux, répandant leur venin,
Marchent devant ses pas, un poignard à la main.
La Malice les voit, et d'un souris perfide
Applaudit en passant à leur troupe homicide.
Le Repentir les suit, détestant leurs fureurs,
Et baisse en soupirant ses yeux mouillés de pleurs.
C'est là, c'est au milieu de cette cour affreuse,
Des plaisirs des humains compagne malheureuse,
Que l'Amour a choisi son séjour éternel.
Ce dangereux enfant, si tendre et si cruel,
Porte en sa foible main les destins de la terre,
Donne avec un souris ou la paix ou la guerre;
Et, répandant partout ses trompeuses douceurs,
Anime l'univers, et vit dans tous les cœurs.
Sur un trône éclatant contemplant ses conquêtes,
Il fouloit à ses pieds les plus superbes têtes,
Fier de ses cruautés plus que de ses bienfaits,
Il sembloit s'applaudir des maux qu'il avoit faits.

Voltaire.

L'Orage.

On voit à l'horizon de deux points opposés
Des nuages monter dans les airs embrasés;
On les voit s'épaissir, s'élever et s'étendre,
D'un tonnerre éloigné le bruit s'est fait entendre:
Les flots en ont frémi, l'air en est ébranlé,
Et le long du vallon le feuillage a tremblé;
Les monts ont prolongé le lugubre murmure,
Dont le son lent et sourd attriste la nature.
Il succède à ce bruit un calme plein d'horreur,
Et la terre en silence attend dans la terreur;

Des monts et des rochers le vaste amphithéâtre
Disparoît tout à coup sous un voile grisâtre,
Le nuage élargi les couvre de ses flancs;
Il pèse sur les airs tranquilles et brûlans.
Mais des traits enflammés ont sillonné la nue,
Et la foudre, en grondant, roule dans l'étendue;
Elle redouble, vole, éclate dans les airs;
Leur nuit est plus profonde; et de vastes éclairs
En font sortir sans cesse un jour pâle et livide.
Du couchant ténébreux s'élance un vent rapide
Qui tourne sur la plaine, et, rasant les sillons,
Enlève un sable noir qu'il roule en tourbillons.
Ce nuage nouveau, ce torrent de poussière,
Dérobe à la campagne un reste de lumière.
La peur, l'airain sonnant dans les temples sacrés
Font entrer à grands flots les peuples égarés.
Grand Dieu! vois à tes pieds leur foule consternée
Te demander le prix des travaux de l'année.
Hélas! d'un ciel en feu les globules glacés
Ecrasent en tombant les épis renversés.
Le tonnerre et les vents déchirent les nuages;
Le fermier de ses champs contemple les ravages,
Et presse dans ses bras ses enfans effrayés.
La foudre éclate, tombe; et des monts foudroyés
Descendent à grand bruit les graviers et les ondes,
Qui courent en torrens sur les plaines fécondes.
O récolte! ô moissons! tout périt sans retour:
L'ouvrage de l'année est détruit dans un jour.

Saint-Lambert.

L'Alouette et ses Petits, avec le Maître d'un champ.

Ne t'attends qu'à toi seul : c'est un commun proverbe.
Voici comme Esope le mit
En crédit.
Les alouettes font leur nid
Dans les blés quand ils sont en herbe,
C'est-à-dire environ le temps
Que tout aime, et que tout pullule dans le monde,
Monstres marins au fond de l'onde,
Tigres dans les forêts, alouettes aux champs.
Une pourtant de ces dernières
Avoit laissé passer la moitié d'un printemps
Sans goûter les plaisirs des amours printanières.
A toute force enfin elle se résolut
D'imiter la nature et d'être mère encore.
Elle bâtit un nid, pond, couve, et fait éclore
A la hâte : le tout alla du mieux qu'il put.
Les blés d'alentour mûrs avant que la nitée
Se trouvât assez forte encor
Pour voler et prendre l'essor ;
De mille soins divers l'alouette agitée
S'en va chercher pâture, avertit ses enfans
D'être toujours au guet, et faire sentinelle.
« Si le possesseur de ces champs
Vient avecque son fils, comme il viendra, dit-elle,
Ecoutez bien ; selon ce qu'il dira,
Chacun de nous décampera. »
Sitôt que l'alouette eut quitté sa famille,
Le possesseur du champ vient avecque son fils.
« Les blés sont mûrs, dit-il ; allez chez nos amis

Les prier que chacun, apportant sa faucille,
Nous vienne aider demain dès la pointe du jour. »
    Notre alouette, de retour,
    Trouve en alarme sa couvée.
« L'on commence : Il a dit que, l'aurore levée,
L'on fit venir demain ses amis pour l'aider. »
« S'il n'a dit que cela, repartit l'alouette,
Rien ne vous presse encore de changer de retraite.
Mais c'est demain qu'il faut tout de bon écouter.
Cependant soyez gais ; voilà de quoi manger. »
Eux repus, tout s'endort, les petits et la mère.
L'aube du jour arrive, et d'amis point du tout.
L'alouette à l'essor, le maître s'en vient faire
    Sa ronde ainsi qu'à l'ordinaire.
« Ces blés ne devroient pas, dit-il, être debout.
Nos amis ont grand tort, et tort qui se repose
Sur de tels paresseux à servir ainsi lents.
    Mon fils, allez chez nos parens
    Les prier de la même chose. »
L'épouvante est au nid plus forte que jamais.
« Il a dit ses parens, mère ! c'est à cette heure.... »
    « Non, mes enfans, dormez en paix :
    Ne bougeons de notre demeure. »
L'alouette eut raison, car personne ne vint.
Pour la troisième fois le maître se souvint
De visiter ses blés. « Notre erreur est extrême,
Dit-il, de nous attendre à d'autres gens que nous.
Il n'est meilleur ami, ni parent que soi-même :
Retenez bien cela mon fils : et savez-vous
Ce qu'il faut faire ? Il faut qu'avec notre famille
Nous prenions dès demain chacun notre faucille :
C'est là notre plus court ; et nous achèverons

Notre moisson quand nous pourrons. »
Dès lors que le dessein fut su de l'alouette :
C'est à ce coup qu'il faut décamper, mes enfans !
Et les petits, en même temps,
Voletans, se culebutans,
Délogèrent tous sans trompette.

La Fontaine.

Le Philosophe Scythe.

Un philosophe austère et né dans la Scythie,
Se proposant de suivre une plus douce vie,
Voyagea chez les Grecs, et vit en certains lieux
Un sage assez semblable au vieillard de Virgile,
Homme égalant les rois, homme approchant les dieux,
Et comme ces derniers, satisfait et tranquille :
Son bonheur consistoit aux beautés d'un jardin.
Le Scythe l'y trouva, qui, la serpe à la main,
De ses arbres à fruit retranchoit l'inutile,
Ebranchoit, émondoit, ôtoit ceci, cela,
Corrigeant partout la nature,
Excessive à payer ses soins avec usure.
Le Scythe alors lui demanda
Pourquoi cette ruine : « étoit-il d'homme sage
De mutiler ainsi ces pauvres habitans?
Quittez-moi votre serpe, instrument de dommage :
Laissez agir la faux du temps :
Ils iront assez tôt border le noir rivage. »
« J'ôte le superflu, dit l'autre ; et, l'abattant,
Le reste en profite d'autant. »
Le Scythe retourne dans sa triste demeure,
Prend la serpe à son tour, coupe et taille à toute heure,

Conseille à ses voisins, prescrit à ses amis
Un universel abattis.
Il ôte de chez lui les branches les plus belles,
Il tronque son verger, contre toute raison,
Sans observer temps ni saison,
Lunes ni vieilles ni nouvelles.
Tout languit et tout meurt. Ce Scythe exprime bien
Un indiscret stoïcien:
Celui-ci retranche de l'âme
Désirs et passions, le bon et le mauvais;
Jusqu'aux plus innocens souhaits:
Contre de telles gens, quant à moi, je réclame.
Ils ôtent à nos cœurs le principal ressort;
Ils font cesser de vivre avant que l'on soit mort.

La Fontaine.

La Fable et la Vérité.

La Vérité toute nue
Sortit un jour de son puits.
Ses attraits par le temps étoient un peu détruits;
Jeune et vieux fuyoient à sa vue.
La pauvre Vérité restoit là morfondue,
Sans trouver un asyle où pouvoir habiter.
A ses yeux vient se présenter
La Fable richement vêtue,
Portant plumes et diamans,
La plupart faux, mais très-brillans.
« Eh! vous voilà? Bonjour dit-elle.
Que faites-vous ici seule sur un chemin? »
La Vérité répond: « Vous le voyez, je gèle:

Aux passans je demande en vain
De me donner une retraite;
Je leur fais peur à tous. Hélas! je le vois bien,
Vieille femme n'obtient plus rien.»
«Vous êtes pourtant ma cadette,
Dit la Fable, et, sans vanité,
Partout je suis fort bien reçue.
Mais aussi, dame Vérité,
Pourquoi vous montrer toute nue?
Cela n'est pas adroit. Tenez, arrangeons-nous;
Qu'un même intérêt nous rassemble.
Venez sous mon manteau, nous marcherons ensemble:
Chez le sage, à cause de vous,
Je ne serai point rebutée;
A cause de moi chez les fous
Vous ne serez point maltraitée.
Servant par ce moyen chacun selon son goût,
Grâce à votre raison, et grâce à ma folie,
Vous verrez, ma sœur, que partout
Nous passerons de compagnie.»

Florian.

Le Printemps et les Fleurs.

PRINTEMPS chéri, doux matin de l'année,
Console-nous de l'ennui des hivers;
Reviens, enfin, et Flore emprisonnée
Va de nouveau s'élever dans les airs.
Qu'avec plaisir je compte tes richesses!
Que ta présence a de charmes pour moi!
Puissent mes vers, aimables comme toi,
En les chantant, te payer tes largesses!

Déjà Zéphyr annonce ton retour.
De ce retour modeste avant-courière,
Sur le gazon la tendre primevère
S'ouvre et jaunit dès le premier beau jour.
A ses côtés la blanche paquerette
Fleurit sous l'herbe et craint de s'élever.
Vous vous cachez timide violette,
Mais c'est en vain; le doigt sait vous trouver:
Il vous arrache à l'obscure retraite
Qui recéloit vos appas inconnus:
Et destinée aux boudoirs de Cythère,
Vous renaissez sur un trône de verre,
Ou vous mourrez sur le sein de Vénus.
  L'Inde autrefois nous donna l'anémone,
De nos jardins ornement printanier,
Que tous les ans, au retour de l'automne,
Un sol nouveau remplace le premier,
Et tous les ans la fleur reconnoissante
Reparoîtra plus belle et plus brillante.
Elle naquit des larmes que jadis
Sur un amant Vénus a répandues.
Larmes d'amour, vous n'êtes point perdues;
Dans cette fleur je revois Adonis.
Dans la jacinthe, un bel enfant respire;
J'y reconnois le fils de Piérus.
Il cherche encor les regards de Phébus;
Il craint encor le souffle de Zéphyre.
  Des feux du jour évitant la chaleur,
Ici fleurit l'infortuné Narcisse;
Il a toujours conservé la pâleur
Que sur ses traits répandit la douleur.
Il aime l'ombre, à ses ennuis propice;

Mais il craint l'eau, qui causa son malheur.

. . . .

N'oublions pas la charmante cortuse,
Et la tulipe, honneur de nos jardins.
Si leurs parfums répondoient à leurs charmes,
La rose alors prévoyant nos dédains,
Pour son empire auroit quelques alarmes.

. . . .

Voyez ici la jalouse Clytie,
Durant la nuit se pencher tristement,
Puis relever sa tête appesantie,
Pour regarder son infidèle amant.
Le lis, plus noble et plus brillant encore,
Lève sans crainte un front majestueux,
Paisible roi de l'empire de Flore,
D'un autre empire il est l'emblême heureux.
Mais quelques fleurs chérissent l'esclavage:
L'humble genêt, le jasmin plus aimé,
Le chèvre-feuille et le pois parfumé
Cherchent toujours à couvrir un treillage.
Le jonc pliant, sur ces appuis nouveaux,
Doit enchaîner leurs flexibles rameaux:
L'iris demande un abri solitaire;
L'ombre entretient sa fraîcheur passagère.
Le tendre œillet est foible et délicat;
Veillez sur lui; que sa fleur élargie
Sur le carton soit en voûte arrondie;
Coupez les jets autour de lui pressés:
N'en laissez qu'un, la tige en est plus belle,
Ces autres brins, dans la terre enfoncés,
Vous donneront une tige nouvelle,
Et quelque jour ces rejetons naissans
Remplaceront leurs pères vieillissans,

Aimables fruits des larmes de l'Aurore,
De votre nom j'embellirois mes vers.
Mais quels parfums s'exhalent dans les airs?
Disparoissez, les roses vont éclore.

Parny.

La Rose.

Lorsque Vénus, sortant du sein des mers,
Sourit aux Dieux charmés de sa présence,
Un nouveau jour éclaira l'univers;
Dans ce moment la rose prit naissance.
D'un jeune lis elle avoit la blancheur;
Mais aussitôt le père de la treille
De ce nectar dont il fut l'inventeur
Laissa tomber une goutte vermeille,
Et pour toujours il changea sa couleur.
De Cythérée elle est la fleur chérie,
Et de Paphos elle orne les bosquets.
Sa douce odeur, aux célestes banquets,
Fait oublier celle de l'ambroisie.
Son vermillon doit parer la beauté;
C'est le seul fard que met la volupté;
A cette bouche où le sourire joue,
Son coloris prête un charme divin:
De la pudeur elle couvre la joue,
Et de l'Aurore elle rougit la main.

Parny.

La Mode.

La mode est un tyran des mortels respecté,
Digne enfant du dégoût et de la nouveauté,

Qui, de l'Etat françois, dont elle a les suffrages,
Au-delà des deux mers disperse ses ouvrages,
Augmente avec succès leur immense cherté,
Selon leur peu d'usage ou leur fragilité.
Son trône est un miroir dont la glace infidèle
Donne aux même objets une forme nouvelle.
Les François inconstans admirent dans ses mains
Des trésors méprisés du reste des humains.
Assise à ses côtés, la brillante parure
Essaie, à force d'art, de changer la nature.
La beauté la consulte, et notre or le plus pur
N'achète point trop cher son rouge et son azur.
La mode assujétit le sage à sa formule;
La suivre est un devoir, la fuir un ridicule.
Depuis nos ornemens jusques à nos écrits,
Elle attache à son gré l'estime ou le mépris;
Et, réglant tour à tour tous les rangs où nous sommes,
Elle place les sots et nomme les grands hommes.

Bernis.

Fontenay.

Désert, aimable solitude,
Séjour du calme et de la paix,
Asile où n'entrèrent jamais
Le tumulte et l'inquiétude.
Quoi! j'aurai tant de fois chanté
Aux tendres accords de ma lyre
Tout ce qu'on souffre sous l'empire
De l'amour et de la beauté;
Et plein de la reconnoissance
De tous les biens que tu m'as faits,
Je laisserai dans le silence
Tes agrémens et tes bienfaits!

C'est toi qui me rends à moi-même:
Tu calmes mon cœur agité,
Et de ma seule oisiveté
Tu me fais un bonheur extrême.
Parmi ces bois et ces hameaux,
C'est là que je commence à vivre,
Et j'empêcherai de m'y suivre
Le souvenir de tous mes maux.
Emplois, grandeurs tant désirées,
J'ai connu vos illusions;
Je vis loin des préventions
Que forgent vos chaînes dorées.
La cour ne peut plus m'éblouir;
Libre de son joug le plus rude,
J'ignore ici la servitude
De louer qui je dois haïr.
Fils des dieux, qui de flatterie
Repaissez votre vanité,
Apprenez que la vérité
Ne s'entend que dans nos prairies.
Grotte, d'où sort ce clair ruisseau,
De mousse et de fleurs tapissée,
N'entretiens jamais ma pensée
Que du murmure de ton eau.
Ah! quelle riante peinture
Chaque jour se pare à mes yeux
Des trésors dont la main des dieux
Se plaît d'enrichir la nature!
Quel plaisir de voir les troupeaux,
Quand le midi brûle l'herbette,
Rangés autour de la houlette,
Chercher l'ombre sous ces ormeaux,

Puis sur le soir, à nos musettes
Ouïr répondre les coteaux,
Et retentir tous nos hameaux
De hautbois et de chansonnettes!
Mais hélas! ces paisibles jours
Coulent avec trop de vitesse;
Mon indolence et ma paresse
N'en peuvent arrêter le cours.
Déjà la vieillesse s'avance,
Et je verrai dans peu la mort
Exécuter l'arrêt du sort
Qui m'y livre sans espérance.
Fontenay, lieu délicieux,
Où je vis d'abord la lumière,
Bientôt au bout de ma carrière,
Chez toi je joindrai mes aïeux.
Muses qui, dans ce lieu champêtre,
Avec soin me fîtes nourrir,
Beaux arbres qui m'avez vu naître.
Bientôt vous me verrez mourir.
Cependant du frais de votre ombre
Il faut sagement profiter,
Sans regret prêt à vous quitter
Pour le manoir terrible et sombre,
Où des arbres dont tout exprès,
Pour un plus doux et long usage,
Mes mains ornèrent ce bocage,
Nul ne me suivra qu'un cyprès.

Chaulieu.

FIM.

INDICE
DOS CAPITULOS.

PARTE I.

PARTE II.

CAPITULO III.

CAPITULO IV.

CAPITULO V.

CAPITULO VI.

CAPITULO VII.

CAPITULO VIII.

PARTE III.

18-489

PARTE IV.

TRATADO DE VERSIFICAÇÃO.

(2 ll.), 232 pp. — Coll.
apparently complete.
Cf. Ramsay 59, same title,
232 pp., diff. imprint.
DD 10/21/96

400

